

Esboços de Apreciações Literárias **de Camilo Castelo Branco**

ÍNDICE:

Duas palavras
D. João de Azevedo
José Barbosa e Silva
Francisco Martins Gouveia Morais Sarmiento
Ramos Coelho
Joaquim Pinto Ribeiro Júnior
Coelho Lousada e Soares de Passos
Faustino Xavier de Novais
Marquesa de Alorna
Joaquim Pinto Ribeiro
Júlio César Machado
Ernesto Biester
Júlio César Machado e Manuel Roussado
Raimundo de Bulhão Pato
José Gomes Monteiro
Luís Augusto Rebelo da Silva
Teófilo Braga
José Gregório Lopes da Câmara Sinval
Inácio Pizarro de Morais Sarmiento

DUAS PALAVRAS

Coligimos e publicámos alguns esboços de apreciações, que indevidamente nomearíamos *críticas*.

A saudade foi buscar a primeira a mui remotos tempos. Quinze anos entre a homem de hoje e o homem que aferia a quilate do melhor romance, que as prelos deram naquele ano! O autor do *Céptico* há onze anos que largou a fardo da vida não sei em que obscura vala do cemitério dos Prazeres! Pobre D. João de Azevedo! Nobre infeliz, que pasmoso talento a política e a miséria te mataram!

Desta minha crítica ao seu romance dizia ele a Evaristo Basto: «É uma cabeça desproporcionada com a resto do corpo.» Fora moderado no epigrama a meu amigo. Eu andei agora a procurar a cabeça da crítica, e achei que é isso justamente a que ela não tem. E, assim mesmo, trasladei-a para este livrinho. Induziu-me a saudade do tempo em que eu fabricava destes monstros.

Relendo a que escrevi, há sete anos, com referência ao sr. Joaquim Pinto Ribeiro Júnior, meu muito querido poeta e por igual amigo, achei aí muito que mondar na folhagem da elocução. Apenas retoquei alguma palavra; que o sentir e ajuizar dos seus poemas é inalterável.

Ao público certo é que não importam as diferenças e mudanças que o tempo vai lenta ou velozmente operando no espírito do escritor, que ele favorece; assim é; todavia, permita-me o leitor que eu conserve neste livro um como itinerário, em que ficam demarcados os estádios que fui ganhando ate isto que sou, e em que a idade e a extrema e extraordinária fadiga pôs ponto final.

Dei-me pouco a este género de escritos, temeroso das dificuldades. Poderia, porventura, vencer algumas das vencíveis a todo escritor aplicado; mas a minha sáfara era outra, e o tempo escasso para me sair aceitavelmente de ambas.

A crítica, em Portugal, é quase impraticável por duas causas: a primeira é que somos poucos a escrever, e nos apertamos cordialmente a mão todos os dias; a segunda é que, por este teor de vida, nenhum escritor se faria um nome que o compensasse dos dissabores e da pouquidade dos lucros.

Bem mo diz a razão que será este o menos estimado dos meus livros; pouco há aí quem queira saber o que diz doutro, um escritor quando o não detrai e injuria.

Lisboa, 21 de Março de 1863.

CAMILO CASTELO BEANOO

ESBOÇOS DE APRECIACÕES LITERÁRIAS

O CÉPTICO

POR

D. JOÃO DE AZEVEDO

I

Inventaram-se, há séculos, prodígios de valentia e arquivaram-se em miríficas páginas de romance, com grande nomeada para seus autores e aproveitamento do público. É que a força era o espírito vital dessas gerações materialmente heróicas.

O romance de então, se alguma vez se detém analisando afectos, ou, de passagem, investiga fenómenos somente espirituais, isso procede da necessidade de alumiar o quadro tétrico da pancadaria com umas idealidades vagas de poéticos *amores*.

Urgia robustecer com os mesmos estímulos que pelo ordinário amolentam. Dava a natureza os elementos, e o romancista recompunha-os e enfeitava-os com asiáticos embelecocos. Era a mulher anjo nos salões e anjo nas batalhas no salão via-se o homem grosseiramente humilde na batalha, grosseiramente carnicheiro: humilde e carnicheiro por influxos de íntimo amor, se alguém lhe chanceasse o timbre do seu joel, tinha incontinente o crânio partido ate aos queixos inclusive.

Além da mulher, como incentivo de cutilada, os alentos acoroçoavam-se duma utopia, que nem coisa era: chamava-se *patriotismo*. Aí estão as duas grandes molas – duas grandes quimeras abolidas, com vilipêndio, da muito escorreita escola reformada.

Hoje que o espírito de discussão é rei no trono da inteligência, quem tiver a valentia lógica de provar a preponderância da mulher e patriotismo como incentivos de bravura, dá-nos ansa a supor que é preciso aforar nas celestiais jerarquias o coração da mulher, corrigir-lhe as formas materiais, rebaptizá-las com as mais peregrinas nomenclaturas das *Floras*, toucá-la de estrelas, vesti-la de íris, regenerá-la, enfim, com os delírios da imaginativa para que o homem saia fora de si mesmo e de sua bruta natureza.

Isto é óptimo em poesia, é; porém, no século atrozmente positivo como ele vai, o homem rasga a venda que o lirismo lhe atou, ri das quimeras, e ressurge são e escorreito duma catalepsia de amor, que, quando muito, o atrofiou três semanas.

Será mister reaviventar a mitologia para insuflar espíritos novos ao coração entanguido desta prosaica humanidade?

Não. Basta a estimular a fleuma de qualquer o amor-próprio ferido, a mingua doutro sentimento vulnerável.

Dou de barato que a si mesmo se ande mentindo o homem, e da falácia tire impulsos de brio; dou que a mulher exalte o coração como o absinto inflama as faculdades intellectivas; concedo mais que a mais prosaica das senhoras minhas conhecidas, seja uma Floripes, uma heroína de Vasco de Lobeira ou de Francisco de Moraes; tudo cedo, menos o direito de provar que o homem é um pateta.

Antes de ler o *Céptico* do sr. D. João de Azevedo já assim pensava. Estou em análise dum romance, e aproveito a ocasião de me ir analisando. Crítica, que principia por nós, e a melhor de todas.

Disse eu que a força e a robustez era o espírito vital das velhas gerações brutalmente heróicas. Mudaram os tempos e os costumes. O cura, e a ama, e o barbeiro

do fidalgo da Mancha queimaram com os setenta volumes de cavalarias o melhor do prestígio das damas.

Que tempos lá vão!

O leitor, se tivesse nascido há não sei quantos séculos, ou a humanidade não progredisse até esta podre calmaria chamada civilização, imagine que se enamorava da sua vizinha castelã, e eu tinha a desventura de passar na estrada ou ponte em que sua senhoria dava público pregão e testemunho do seu amor. Aí me saía o meu amigo com estas e quejandas apóstrofes extraídas da profundidade do papo: «À fé de paladim, e pela mais donosa das damas, te requeiro que não passes avante, dom cavaleiro, que se tua mofina o quer, nas más horas vens; que assim te juro que asinha te abrirei pela gorja, a guisa de perro.»

A mulher de então valia isto.

Depois de Cervantes, a mulher, corno papel moeda em ministério falido, baixou do valor nominal que tivera. Deu ela causa a ser descrita como o sr. D. João de Azevedo a descreve, e muitos outros vultos literários de igual e superior nomeada. Foi cía a primeira a rir-se dos encarecimentos com que os poetas a lisonjeiam, ou, pior ainda, dedignou-se de receber os incensos da poesia, dizendo que não queria atordoar-se com o fumo, e deixar ir no fumo seu coração, reservado para destinos mais sólidos, sonantes e tangíveis.

Os cépticos, esta praga de sujeitos que por aí enxameia chamados cépticos, foram as mulheres que os fizeram, quando não são os romancistas que fazem semelhantes demónios.

Não assim este do sr. D. João de Azevedo, que não é nada semelhante ao Szaffie de *Salamandra*, que toda a gente hoje lê, e que farte há aí rapazes de boa condição que querem imitar.

Vejamos que inofensiva criatura é este céptico da imaginativa opulenta do celebrado escritor bracarense.

II

Em fevereiro de 1845, atravessava, cruzava, e escoava-se per travessas, ruas e becos de Lisboa, um homem enfatiado da cidade monótona, calejado para todas as impressões ordinárias, céptico, para dizer a coisa de uma assentada.

Recordando-se, per desfastio, da triste figura que alguns seus amigos, crentes e amantes, na noite anterior fizeram num baile, passava o sr. Jorge na Ribeira velha, e viu uma linda rapariga, vendendo fruta numa barraca. Tão linda era que o céptico deslumbrado, como qualquer crente, entrou nessa barraca, comprou tangerinas, com o duplicado fim de insinuar-se na alma da mocinha, salvando-se da curiosidade de uma velha que era avó da sr^a Maria.

Do primeiro diálogo estabelecido entre Maria e Jorge, deduz-se que a fruteira é órfã, nascida em Lisboa há vinte e dois anos, e prima dum calafate. Não gosta que lhe chamem linda, e date desgosto dá as sólidas razões de que seu primo lhe não tenha dito as coisas bonitas que o céptico lhe diz. Aqui há mui santa inocência, ou muito afectuosa pieguice. Declara, per esta ocasião, a fruteira que ama seu primo com amor de prima, e a este respeito mais não disse.

O céptico beijou-lhe a mão, fez uma cortesia a velha, e saiu, prometendo voltar no dia imediato.

A realidade da promessa baldou-se a favor de um baile, em casa dum agiota, para onde o céptico foi convidado. Conta-nos aí a opulência dos saíões, escarnecendo de tudo o que é fausto, e moralizando, com gosto e erudição sarcástica, a riqueza mal

adquirida do agiota. Reparou numa, duas ou três belas mulheres, todas o impressionaram mais ou menos; uma, porém, enlevou-o até ao ideal de todas as crenças pela interessante melancolia que lhe ressumbrava das falas, do silêncio, das atitudes, e do canto. Indaga per que sofre aquela rosa desbotada no alvorecer da existência; dizem-lhe que está ética; e o céptico sorriu, não de malvado, mas porque sorri de tudo constantemente, e tem para isso os motivos que, ao adiante, faremos por compreender, e explicar, se compreendermos. «É que nem todos (diz o céptico) sabem o que é ter sofrido e caiado; nem todos sabem o que é ter estanques as lágrimas, e substituir-lhes a ironia da dor!» Isso é assim: nem todos sabem isto.

Benevolência ninguém pode negá-la ao sr. Jorge, que, fitando segunda vez os olhos na ética, não pôde desprendê-los dali até ao fim do baile; dera-lhe porção de vida a mulher sofredora, dera-lhe tudo para que cia sofresse menos! Ouviu-a cantar, e persuadiu-se que para morrer feliz precisava morrer abraçado àquela mulher!

Findo o baile, o céptico recolheu-se, arrependido de não ter ido ver Maria. Visitando-a, no dia seguinte, achou-a arrufada; desgostoso com isso, valeu-se dos modestos recursos, que muita gente aproveita, dando a dama, que se esquiva, o livre arbítrio de se desfazer da importuna presença de quem a ama, se assim lhe apraz. E, digamo-lo de passagem, há casos em que o expediente vinga, contanto que o homem tenha uma lágrima espontânea, ou de parafuso, que venha dependurada na pálpebra, excluir uma espécie de doloroso *ecce homo*, que equivale a *ecce stultus*. O sr. Jorge foi feliz: a fruteira desfez-se dos monossílabos, e foi respondendo assim a maneira de quem quer ceder dum capricho com certas mostras de mimosa ressentimento. Por fim deixou-se beijar, e valeu tanto esse beijo, que o céptico saiu dali *tão fascinado por ela como se nunca tivesse feito uma reflexão sobre o que é a inconstância da mulher e do amor!!!* Os pontos de admiração são nossos.

Cinco semanas viveram estas criaturas tão contentes de si e da sua obra, que, a ser como o céptico canta, não há cinco semanas como estas! Ouçam-no: «Um dia lhe dizia eu que a amava, no outro me assegurava ela o mesmo com os olhos, ao terceiro já os nossos hálitos se confundiam, ao quarto a seu rosto pousava languidamente sobre a meu seio; ao quinto...» Isso é que a história não reza; mas cinco semanas são trinta e cinco dias; cinco já nós sabemos como se passaram; resta-nos trinta para as conjecturas, que, com aquela rapidez, podem ser levadas ao infinito, O caso não é tão positivo como as duas linhas rectas que marcham a par até ao infinito sem se tocarem, nem tão abstracto como os insondáveis amores de Platão.

Tinha-se passado a lua de mel e o quarto crescente – das cinco semanas – quando o céptico, indo à barraca, não encontrou Maria, e ficou embaraçado ao ver-se apenas recebido pela engelhada da tia, que, por esquecimento do autor, ou rectificação genealógica dalgum tipógrafo, nos disseram há pouco que era avó. Tia ou avó, de que o leitor se não dá, Jorge pergunta-lhe por Maria; a velha não responde com precisão, conta episódios que fazem rir, a história de várias pessoas suas conhecidas; e afinal, para consolação do céptico e do leitor, remata declarando que sua sobrinha está tratando do primo doente, morador numa rua, que tem à esquina um bacalhoeiro, com um papagaio do Brasil à janela.

Engenhosamente o céptico encontra a casa, sobe, e acha um mariola vestido entre os Lençóis, e de perfeita saúde. Era o Pedro calafate, junto ao qual estava a prima Maria, sumamente triste, e bem precisada das consolações que o céptico passou a dar-lhe. Lembrando-se da necessidade dum médico, Jorge perorou contra os charlatães. A pequena soluçou, e deu a perceber que não havia dinheiro; o céptico, vendo-a chorar, confessa que lhe estalava o coração, e meditou ampla e judiciosamente sobre a desigualdade das fortunas.

O corolário da sua argumentação foi que Maria precisava dinheiro para custear as despesas da medicina aplicada a seu primo. O céptico precisou de hipotecar o seu relógio, um cordão de ouro, e uma salva de prata, tudo no valor de 76\$000 réis em notas.

Esta quantia foi, no dia imediato, enviada à barraca de Maria, com uma carta anónima deste conteúdo: «A providência nem sempre desampara a virtude, e muito vale ser dotada de tanta beleza para encontrar alguém que vele pelo nosso infortúnio.»

Estas linhas encerram duas ideias que se estão acotovelando, e não parecem oriundas do mesmo coração. A virtude, cá na prática, é sempre desamparada, porque a Providência civilizou-se, está com o século; porém, que valha a beleza para o encontro dum benfeitor, é uma desgraçada verdade, tão eivada da índole vil da natureza humana, que não devera ser escrita depois de uma tão católica máxima sobre a vigilância da Providência. Ai das desgraçadas, que não forem *dotadas de tanta beleza!*...

Na tarde desse mesmo dia, a rapariga estava cheia de vida e pródiga de meigos sorrisos. Pudera não! Pareceu, porém, ao céptico que *naquele coração de anjo se combatiam visivelmente os sentimentos de pejo e gratidão.*

A palestra, seca ao princípio, disparou depois em muitos galanteios e brincedos; o céptico declara que por um segundo, como um primeiro riso que lhe ela deu, não só daria as barbas como D. João de Castro, mas até a cabeça como Egas Moniz! – É requinte de profanação, e mau gosto, que se desculpa num *apaixonada* como o *céptico.*

Era uma vez, e Jorge, alta noite, andava pelo bairro da Mouraria, debaixo de chuva, muito a seu beneplácito, porque as paixões medram nesses disparates. Abrigou-se da chuva na portada duma casa de três ou quatro andares, e ouviu, por entre o alarido de vozes que altercavam, uma de mulher nova, que lhe deu na curiosidade de saber quem era. Curioso demais, e bastante corajoso, subiu ao terceiro andar, ajustou o ouvido à fechadura da porta, e percebeu ser a questão entre embarcações, e tratar-se de uma rapariga chamada Maria, e de um bote denominado o *Cinco Chagas*, e uma falua precisada de crena. Jorge retirou-se desgostoso de ter ouvido, no caos daquela orgia de marinheiros, pronunciar um nome que lhe era caro; tanto assim que o *sangue congelava-se-lhe nas veias, como se inesperadamente tivesse sido assaltado por um leão no deserto.* Por tão pouco, raras vezes isto acontece a homens que têm sangue; concedo o fenómeno, a muito custo, no homem de nervos doem. tios como deve de ser um céptico.

Às 4 horas do dia seguinte (circunstância que o autor não historiou em vão) foi o céptico à barraca, e achou a velha a chorar; e a sobrinha, sempre linda e interessante, a qual com o seu lançar de olhos terníssimos, tristes e confusos, exprimiu, por esta vez, o muito amor que dantes revelara com brandas acusações: Sempre tarde! Meu Jorge! Eu amo-te tanto! Meu Deus!

A velha chorava porque não tinha oito moedas menos um quartinho para pagar o semestre da barraca. Jorge, apesar de não reunir os seus fundos no valor de 7\$200 réis, prometeu arranjar este dinheiro. A velha riu-se de contente, enfiou pitadas, e discorreu sobre as necessidades dos pobres, o meio de as remediar, com seus vislumbres de socialista, e felizmente calou-se. Entretanto a rapariga, corando, empalidecendo, e calando-se com umas visagens de dor, dava com isso relevante prova de muito aborrecida das impertinências da velha. Por fim, Maria desandou num berreiro de soluços, que parecia querer afogar as vozes da tia, manancial inesgotável de neologismos e barbarismos, ao passo que a sobrinha era quase sempre clássica e gramatical nos seus dizeres!

«Vede da natureza o desconcerto!»

O sr. Jorge foi para sua casa alarmar os recursos da imaginação, para alcançar um dinheiro que não tinha. Escreveu a um algibebe, amigo de seu pai, e a um marquês seu amigo. O primeiro desculpou-se com muita civilidade, acabando por lhe oferecer o seu préstimo; o segundo, com cortesia; e assim por diante todos os *amigos e atentos veneradores* do céptico.

Jorge tinha bens de fortuna que lhe rendiam 500\$000 réis anualmente. Na esterilidade doutros recursos, devia acudir-lhe a hipoteca dos bens a usurário. Efectivamente, entrou na antecâmara de um, e viu o quadro palpitante da miséria social, debuxado nas faces lívidas de fome das pensionistas, egressos e reformados. Avulta nesse grupo de infelizes uma mulher, entre trinta e trinta e dois anos, vestida de preto, olhos negros e rasgados, cabelos negros também, alma naturalmente negra, porque o seu sorriso era melancólico, e a face pálida e macilenta. Consigo tinha ela dois meninos, seus filhos. O céptico condeu-se desta mulher, e reflectia ainda na infrutífera questão da desigualdade das fortunas, quando a porta do gabinete se abriu para expor o usurário, feio, corcovado, de voz esganiçada, e riso amarelo. É Jorge admitido à presença do usurário, e hipoteca os rendimentos vencidos no prazo de seis anos à quantia de 112\$500 réis. O agiota faz o jogo possível de dificuldades, propala brutalmente as misérias de quem o procura para contratos ruinosos, e por último ajusta o empréstimo a 15 por cento ao mês.

A viúva dos olhos negros entrou depois, e, na presença de Jorge, pediu lhe desse alguma coisa sobre um padrão de *juro real* para matar a fome a seus filhos. O usurário, impassível às lágrimas da infeliz, como a rocha às angústias do náufrago, declara que o padrão não vale cinco réis. Jorge engasta na sua coroa de martírio a mais preciosa pérola. Esta é a mais honrosa página da sua história: oferece o seu título, os seus teres, em penhor dum socorro pronto para a desgraçada viúva, O cínico onzeneiro promete 49\$000 réis pelo padrão do valor de três contos! A desvalida, que ansiava talvez um bocado de pão negro, comprado no tabuleiro de uma taverna, aceita o que lhe derem numa efusão daquele júbilo que vem depois do chorar aflitivo da fome. Jorge assegura ao bárbaro espezinhador da infelicidade a garantia do seu dinheiro. A viúva quer conhecer o homem que a protege; mas o céptico reserva o seu nome e morada. É como o anjo invisível, que alentou de esperança o espírito da mártir, e traçou um resplendor de luz na sua ascensão ao seio do Eterno!

III

Jorge entrou na barraca com cem mil réis, e, como não encontrasse a sobrinha, entregou-os à tia. Eventualmente deu outra vez consigo no bairro da Mouraria, e naquele mesmo sítio, onde, dias antes, lhe picara a curiosidade saber que gritos eram aqueles lá num quarto andar. Seguiu-o um rapaz, que lhe chamou a atenção; e, como reconhecesse um dos filhos da viúva, que encontrara em casa do usurário, quis ainda chamá-lo, quando o pequeno desapareceu. O céptico, pouco depois, teve três encontros: uma sege, uma carreta de lixo, e o seu amigo misantropo. Ao tempo que este lhe perguntava se ainda morava na rua de... nº7, segundo andar, e Jorge respondia afirmativamente, a viúva passava por eles, e repetia rua de... nº7, segundo andar. Houve um diálogo entre os dois: o misantropo perguntado sobre os amores de uma certa mulher, vaza uma torrente de medonhas imprecações, e acaba por exclamar: – *Sangue e fel... hei-de escarrar-lhos na cara!* Dito isto, despediu-se alucinado; e Jorge, prosseguindo na sua viagem sentimental, achou-se outra vez com a casa dos gritos, e com os gritos da mulher. Decidido a assumir os atributos de patrulha, o céptico quebra o

cancelão das escadas, galga-as até ao terceiro andar, e prepara-se para bater à porta. Eis que urna débil mão lhe trava do braço, e voz dulcíssima de mulher lhe diz – «por quem é, vá-se embora... oh! vá-se embora, e não queira... saber o que aí vai». Jorge despreza o anúncio do anjo da sua guarda – vai contra a porta para arrombá-la, quando a mesma angélica criatura se intromete, empurra-o para o vão de uma janela, e, à luz do lampião, dá-se-lhe a conhecer como a encantadora viúva dos olhos negros. Deve de ter sido muito fascinador o aspecto daquela mulher, assim, em circunstâncias tão especiais! Vejam que o próprio céptico declara que se *sentira impressionado como a alma de Torcato ao acenarem-lhe com a coroa laureada do Capitólio!*

Arrastado pelo rogar incessante da viúva ao patamar da escada que conduzia às águas-furtadas, Jorge viu chegar a patrulha, bater à porta, e interpelar os moradores acerca duns gemidos que dali surdiam. O interpelado, com a mais bem fingida ingenuidade, perguntou lá para o interior da casa: «Lá dentro gemeu alguém? – Nada, não.» – responderam simultaneamente umas poucas de vozes. O cabo custava-lhe a engolir a pílula, e portanto esmiuçou o inquerito. «Aqui não há senão duas mulheres» (dizia o dono da casa) «uma velha que já não pode gritar... e a outra rapariga que aqui veio passar a tarde com ela; eu lhas chamo, e o senhor vai ouvi-las: – Maria! Maria! A patrulha quer-te falar; diz à tia que venha.»

Ouve-se um tiro no primeiro andar; a patrulha corre àquele ponto, o dono da casa aproveita a ocasião para fechar a porta, e a viúva empurra o céptico atrás dos soldados, aconselhando-o que não queira saber mais do que ali se passa. Jorge hesitou, até que a viúva, com palavras cabalísticas, lhe falou nos amores de uma fruteira, presos àqueles acontecimentos por laços muito misteriosos. Até aqui o céptico não teve a coragem de suspeitar uma infidelidade! Alma delirante de amor, e inocentíssima de fé, esperança e caridade, não haverá aí viúva, casada ou solteira, que o despoje das suas *crenças de céptico*, parecidas às vezes com as inépcias dum crente.

Recolhia Jorge Zuzarte (foi a páginas 165 do romance que lhe achámos o apelido) do teatro de S. Carlos, quando uma carta lhe foi entregue. É uma amante ignorada, que, das portas da eternidade, aconselha o céptico a que não socorra a indigência; que sacuda os prantos, se lhe banharem a face; que escarneça se lhe disserem que o amam. Não são zelos – declara ela – se uma vez os tive, eram muito fortes para poderem aturar num coração moribundo.

O céptico achou na carta enigmas indecifráveis; não atinou com o ponto de partida, nem mirou ao alvo onde ela ia, e por consequência esqueceu-se da carta e do aviso. Passado um mês, às três horas menos um quarto da madrugada, foi visitado o céptico pela tia Ambrósia, que é justamente a velha fruteira.

Recomenda-lhe enigmaticamente que vá ver Maria; e Jorge, assombrado pelo mistério da madrugada, ou estremunhado pelo sono, parte, e encontra Maria em casa de seu primo, encostada a urna banca de pinho, e macerada daquela palidez expressiva de noite tormentosa. Maria abraçou-o com veemência, e pediu socorro, compaixão, piedade para ela, cujo primo tinha matado um homem. Apareceu Pedro, o suposto assassino, colorindo a sua aparição de todos os recatos e cautelas estudadas para capacitarem o céptico do horror da sua situação. Narrada a história do conflito, acabaram por pedir a Jorge que abrigasse o primo em sua casa; este deu razões muito sinceras para o não acolher, mas sujeitou-se a segurá-lo a bordo do brigue francês *Arménie*. Convencionaram, e conduziram o criminoso a salvamento. De volta do brigue, Jorge, instado vivamente pela velha, foi ver Maria, que, no transporte da mais exaltada gratidão, lhe beijou as faces, em delírio de quanto amor lhe ardia lá dentro. A felicidade, que a fruteira fez sentir ao céptico, foi incomparavelmente divina!

As lágrimas da velha manaram copiosamente à vista do quadro enternecedor de

dois amantes que se abraçavam na mais patética efusão de amor e reconhecimento. Depois o diálogo, entrecortado de gemidos, descaiu no positivo das choradeiras ordinárias da vida, nas necessidades aflitivas de uma família pobre, com um dos seus perseguido pela justiça. Pediram ao céptico socorro para a passagem de seu primo para o Brasil; o céptico prometeu 72\$000 réis e viu, com a rapidez do encanto, enxutas todas aquelas lágrimas, e substituídas pelas carícias da rapariga, e da velha.

Jorge Zuzarte, a estas horas, já não podia evitar talvez a sua completa ruína. Era um céptico, com todas as crenças!

Não competem aqui as considerações que temos de ajustar a algumas páginas do romance muito judiciosas, e outras muito incoerentes e até inverosímeis do sr. D. João de Azevedo; para mais presto abicarmos o porto desejado da crítica, abreviaremos este conciso extracto do romance, cortando pelos episódios, que o autor classificou naturalmente na parte filosófica do seu romance. Deixemos o encontro do céptico com o misantropo. Data daí a fatal resolução que o segundo faz tomar ao primeiro, sobre as conveniências do jogo. O céptico joga, e perde; contrai dívidas na aflicção da perda, e não pode satisfazê-las; os credores perseguem-no, insultam-no e obrigam-no a desfazer-se dos últimos despojos da sua fortuna para salvar o seu carácter. Mas a situação do infeliz era a do homem que já não pode tirar recursos de si, nem da sociedade uma esperança.

Nos seus últimos dias de miséria, ainda a escassez dos seus haveres, trespassada a um usurário, suaviza as lágrimas daquela viúva, que, no requinte da sua dor, é acusada de ladra pelo avarento, que lhe comprara o padrão de juro real. O céptico rasga o véu de vergonha que cobria a palidez da única pessoa tão desgraçada como ele, e fecha a boca infamadora do usurário, atirando-lhe aos cofres de ouro com a migalha de pão que uma família miserável, na agonia da fome, levantam da mesa do opulento.

Acompanhando a viúva a sua casa, Jorge, naquele remanso de vida resignada a padecimentos mudos, contemplou o que é o existir de uma família pobre, com recordações de épocas passadas em todas as regalias da existência.. Os filhos da viúva aparavam palitos para fósforos, e tiravam daí a sua subsistência. Ela, com o coração apertado pela mão cruel de um amor impossível que a violentara no meio das suas amarguras, ela, que já não podia fascinar, que envelhecera nas faces, e que sentia desfalecer-se no espírito à míngua de uma esperança no homem que involuntariamente a martirizara, a viúva, nos braços do céptico, antes de passar aos da sepultura, deixou correr livre o fel que lhe extravasava do coração. Declarou-se viúva, com os seus queridos filhos, desamparados do mínimo recurso; desamparados mesmo do coração dela que todo fora absorvido por sua fatal paixão. Por fim, aquele ardor esvai-se no desalento do espírito; o sangue já lhe não gira tempestuosamente; os olhos, primeiro chamejantes de vida e entusiasmo, embaciam-se de lágrimas, cerram-se, e deixam fugir uma lágrima fria, e vagarosa como a derradeira de um moribundo. Perdeu os sentidos.

...«A princípio (diz o céptico) empalideci, e fiquei trémulo; depois como que senti um prazer infinito de me ver abraçado com aquele cadáver vivo. Colei a minha boca na sua boca; beijei-lha; sorvi-lha; reguei-lhe as faces de lágrimas, e entretanto que com a mão direita a apertava de rijo pela cintura, com a outra tentava estudar as pulsações de seu coração, para ver como o amor e a morte se debatiam dentro daquele peito. Houve um momento em que a viúva não deu o menor sinal de existência; afinal abriu languidamente os olhos e vendo-se encostada ao meu ombro exclamou: – Ó Jorge!... Porque me não deixaste tu morrer só...! Porque não morreria eu antes de te ter conhecido!?... Tu não sabes o que é o amar e morrer...

O céptico, sem embargo da consolação infinita que sentia, estava ali constrangido; saiu, e foi em direitura à barraca de Maria; encontrou-a muito arrefecida de carinhos,

quase de gelo, porque enfim o céptico não cumprira ainda a promessa das quinze moedas. Ele mesmo, apesar das suas rijas, vivíssimas e inabaláveis crenças, esteve quase a desconfiar do amor daquela mulher!... Mas, em suma de um combate mil ideias pró e contra, lá se lhe figurava que a desconfiança era o amor. Maria não só o tratou com enfado, indiferença, e desprezo, mas chegou a empurrá-lo depois de pedir que a deixasse. O céptico, depois de ter querido beijar-lhe os pés, abraçou-a pela cinta, e bradou: «Maria! Maria! Pois tu, com efeito, estás mal comigo?» Tudo isto era um arrufo na opinião do pobre Jorge Zuzarte!...

A tia conciliou estas desavenças, atribuindo a ciúmes o mau rosto da sobrinha, e o céptico sentiu-se melhor, e no vigor das suas crenças. A fruteira por sua parte sossegou também, fingindo-se sensibilizada logo que Jorge lhe declarou que era só de compaixão o interesse que a viúva lhe inspirava; abraçou-o, chorou, protestou amá-lo sempre, e cada vez mais. Jorge, querendo pagar tudo isto com uma relevante e distinta prova de gratidão, fez um abaixo assinado do seguinte teor:

«Não amo a ninguém senão a ti, só a ti. A viúva não é para mim senão um objecto de compaixão; compadeci-me dela, e por isso a acompanhei a casa; por isso lhe dei uma esmola como a um mendigo. Se alguém te quiser persuadir o contrário, mostra-lhe tu mesma este escrito. A minha vida e o meu futuro dependem de ti; só tu é que me podes dar a felicidade ou a condenação eterna! – *Jorge.*»

Maria agradeceu, abraçando o seu Jorge, beijando-lhe os olhos, recebendo o dinheiro, ou substabelecendo na sr^a Ambrósia o poder de o receber; e o céptico foi para casa fazer a digestão das coisas ocorridas, que são extravagantes.

Começa Jorge Zuzarte a ser infeliz, no rigor da expressão. Tem vendido os vestidos para comer; já não tem um casaco com que guardar a decência. Forçado a pedir emprego, para se defender da fome e da nudez, ninguém o emprega, porque não tem sequer um trabalho eleitoral com que documentar a sua petição; único recurso do proletário em Portugal, este gorou-se, e então, situações destas, assim cerradas por todas as avenidas, só um milagre as suaviza. O olho da providência, de ordinário, não divisa bem o fundo do abismo em que se revolve o miserável. Parece que o oiro a fascina, tem a sua costela da humanidade, gosta de centralizar as suas graças, para se rever na sua obra.

A questão é que o céptico equivalia a um homem sem vintém, sem consideração, sem relações, e sem futuro. Alimentava-o o amor de uma mulher; mas esta mulher vendia fruta numa barraca, era prima do Cinco Chagas, e sobrinha da tia Ambrósia! Pelo amor de Deus!... Sindiquemos o que pode sair deste misto e sacrifiquemos a conveniências tipográficas a maior latitude deste escrito.

O céptico teve ocasião de, com mui pouco juízo, definir o carácter de sua amante. Quando ele supunha embarcado o tal Pedro *assassino*, encontrou na barraca de Maria um chapéu com o seu nome, e de mais a mais com a adição da alcunha *Cinco Chagas*. Velha e sobrinha tiveram a finura de o convencer que tal chapéu era de um tal João, irmão duma, e sobrinho doutra. Convenceu-se, e continuou a amar extremosamente!

No dia seguinte, Jorge é chamado por Maria, e encontra-a debulhada em lágrimas. Esta mulher insta, chora, suplica para que o céptico a tire do inferno de sua família que a aflige, que a mata. Quer fugir, fugir com ele, para uma solidão; mas recomenda-lhe, que não deixe em Lisboa alguma coisa que valha dinheiro, por isso que nunca mais ela deixará que o seu amante aí volva. Segundo ela, a fuga deve ser à meia-noite, com um auxílio dum bote, que os há-de transportar à outra banda, e dali irão estabelecer-se no Alentejo, onde ela supõe que a espera o património do seu amante.

Conta-nos o céptico a noite angustiada que passou, depois desta convenção, que ele se não atreveu a contestar. No dia imediato vai visitar a viúva, que, havia dois

meses, não vira. Era mais infeliz ainda o viver daquela família! Apenas uma mortiça lamparina alumiaava a alcova e a saleta; lá dentro agonizava a mãe daquelas duas crianças pálidas de frio e de fome. Jorge entrou, e sentiu que uns braços, trementes com a seza da agonia, lhe apertavam o pescoço, curvado sobre um seio húmido do suor da morte!

«Amei-te! Como nunca amei os meus filhos!... Como agora mesmo não amaria a Deus, ainda que soubesse que daí me provinha a condenação eterna... Mas eu não posso falar... enfraqueço... a morte já começa a congelar-me por dentro... oh! se tu ao menos me perdoasses...» E depois de lhe entregar uma carteira, na qual se liam estas palavras:

*Vai!... Aguarda!... É de lá
Que a mão da morte abrirá...*

prosseguiu: «vai ali à cozinha e procura... há lá uma porta por detrás da chaminé... depois segue-se uma escada falsa... desce-a... em baixo hás-de encontrar uma porta... abre-a... eles não sabem que ela está ali...» – Calou-se, porque uma sonolência, precursora da morte, lhe embargou a voz. O céptico desembulhou o cartuxo dos charutos com tenção de fumar; lembrou-lhe a incompetência do local, e meteu-os no bolso; mas o papel de embrulho ficara-lhe nas mãos, e este papel, que lhe fora dado por Maria, continha estas palavras:

«Maria! O João recomenda-te que não faltes. À meia-noite lã te esperamos com o bote no cais das colunas; em chegando a meio do Tejo alija-se a carga ao mar, e depois adivinha lá quem te deu.... Homem morto não fala. Entendes? A coisa não pode passar desta noite. Teu primo que muito te ama – *Pedro Velucheia*.»

O céptico, apenas leu, vai à cozinha, abre a porta, desce a escada, entra, acha-se no terceiro andar em face de um grupo de dez ou doze marinheiros, ocupados em jogo, e outros misteres exclusivos de salteadores. Maria estava no centro deles, rainha da orgia, sentada no colo do primo, em desalinho de meretriz; e no meio de tudo isto uma velha rezando a ladainha, cujo *ora pro nobis* era entoado por um coro de devassas. Maria, apenas vê o céptico, sobe acima dum banco, e grita: *matem-no! matem-no!* Os marujos acometem-no, cercam-no; Jorge derruba um de uma paulada, os outros recuam, hesitam, e deixam-no fugir incólume para o aposento da viúva!

Isto tudo é obra de oito a nove minutos. No quarto da viúva estava o sagrado viático, e pouco depois um cadáver!

Três dias depois, no quarto do céptico foi encontrada uma carteira, que continha, além de cartas, um folheto dobrado que tinha por título *Diário*. O misantropo, amigo de Jorge, foi o inventariante destas coisas, e de mais um caderno de papel que lhe é subscritado. Desse caderno, diz o romance, que foi extraída esta história. Da carteira constavam as situações da vida da viúva, o seu amor ao céptico, e as cenas de Maria com seu primo, observadas por ela nas bacanais do terceiro andar. O romance fecha com as máximas do céptico, que se supõe suicidado.

Vamos ver se é esta a história dum céptico.

Não há cépticos. É o que se diz nas melhores rodas, onde, a toda a hora, se discutem mulheres, paixões, crenças e cepticismos. *Não há cépticos* – digo eu também, acabando de ler o romance do sr. D. João de Azevedo.

Mas por entre nós giram uns homens de aspecto sombrio, macilentos e de fronte enrugada aos vinte e cinco anos, taciturnos, e como recolhidos a uma dor perpétua e sem desabafo, alquebrados de brios e de espírito, sem lágrimas, sem risos, e sem aspirações. E necessário aprender destes poucos homens alguma coisa misteriosa para o comum. Serão eles cépticos, ou misantropos? Não crêem, e não duvidam. Não duvidam,

porque não têm vigor de espírito onde bater uma impressão; a dúvida é o equilíbrio entre as duas ideias; há homens, porém, que não podem já prender a imaginação a um cálculo da sociedade. Quem poderá furtrar o segredo da vida que lá vai no coração desses homens? Não o dizem, porque há uma só maneira de dizê-lo – *estou cansado!* Compreender este dito tão vulgar não podem os que não tiverem deixado cair a cabeça desconfortada de raio de esperança.

Tenho encontrado alguma destas criaturas. Não lhe acho a vida de sobressaltos que agitam o homem na última estação das suas crenças. Há nelas um adormecimento de todas as paixões, uma fúnebre mortalha de alma que paralisou. Não vi que esse homem fugisse a sociedade. Nos salões, recorreu a uma distração, sentiu talvez na face uma lágrima fria de saudade; quis embriagar-se de ilusões, fez-se artificial para contribuir ao regozijo público, mas lá vinha o cansaço e o enjoo gelar-lhe toda essa animação de um instante.

Eu quisera que tal homem abrisse o romance do sr. D. João de Azevedo, e confrontasse a dor surda da sua alma com a história escrita de um céptico. Sancionaria ele, em nome dos seus padecimentos, a verdade desse romance *copiado da homem e da natureza?* Não. Perguntem mesmo àqueles de vida tempestuosa, e ameaçada, mal desponta, de triste caducidade, perguntem-lhes se nesse romance palpita uma verdade das que só é dado ao que sofre tirá-las do abismo da dor. Não. A essência das mágoas incompreensíveis não as imagina o escritor feliz com todas as comodidades no seu gabinete. A aflição é tesouro que ninguém ambiciona, mas também nenhum profano desencanta. A contrariedade que estorva prazeres ao bem-aventurado da vida, o caprichoso ressentimento de afeições malogradas não habilitam o homem a profundar até às entranhas do martírio as existências flageladas sem recursos de esperança.

O sr. D. João de Azevedo criou um grupo, fantasiou um apaixonado, e uma devassa; a ele deu-lhe o viço todo de um mancebo, ideou-lhe um coração mole, afeminado, dado com todas as mulheres, e vulnerável por todas as faces; a ela depurou-a de toda a virtude até acisolá-la no requinte de devassidão e maldade. Tornou atípica uma mulher, que não devera sê-lo: é escusado criar fantasmas fora da órbita universal para validar a descrença de um homem. Creio que nenhum céptico se queixa de ter exaurido o aspirar grandioso de sua alma em luta incessante contra a imoralidade da mulher.

O autor obriga o céptico a declarar-se tal no prólogo e na introdução da sua história. É vivamente dolorosa a saudade que chora naquele como longo gemido de coração que vai, no abismo do passado, mendigar incentivos para uma lágrima. Senti humedecerem-se-me os olhos, quando li, e casei minha alma a estas expressões – «Tive mulheres, e amei-as... ilusões, perdi-as – eram o meu único património; estou pobre.»

Começa a história dum homem, já céptico, ao começar o romance. As ilusões lá lhe ficam perdidas nas sedas, gazes, blondes, veludos, caxemiras, e cetins da mulher do palácio, que o autor indiscretamente confunde com o lupanar. O céptico desce daí já gasto e encontra na barraca de uma fruteira a mulher que o galvaniza. Sonhando desde a infância um anjo de dor e desolação, ermo de alma que o compreendesse, o céptico consultou a sua consciência, e ouviu que a realidade de seus sonhos de trinta anos era aquela mulher tão baixa na escala social, e tão erguida em trono da formosura. Vê-a, compenetra-se dum ideal desvariado, ala-se aos devaneios de um poeta de catorze anos, e encara, sem filosofia nem cepticismo *tantos fenómenos celestes, e tantas vezes sonhados de noite, e nunca realizados de dia.* Vendo-a, segunda vez, lá vai o descrever do céptico; aquela alma convalesce de forças e de quimeras, remoça de viveza e ardor, como o primeiro beijo de um crente na face de uma linda inocente; ressuscita para viver de todas as potências da imaginação; e afinal, o céptico, de há pouco, converte-se *em*

pio crente de amor.

Não há aqui natureza, nem feliz invenção. Ao autor do romance tolheram-se-lhe os recursos nesta apostasia violenta a que obrigou o seu protagonista. O homem, que descia de entre os perfumes lisonjeiros dos salões aristocratas, entorpecido para todo o sempre às sensações da mulher prestigiosa, não devia depositar aos pés de uma fruteira o coração morto, para que ela lhe bafejasse o espírito vital. A mulher, vista como ela é, natural, deixem-me assim dizer, é a que fatiga o homem, por quem ela se deixou desataviar das grinaldas que lhe davam o prestígio. O homem procura, depois, utopias, e não as encontra; a natureza é pobre para saciar-lhe a ambição de comoções variadas; vai-se-lhe essa esperança baldada convertendo em indiferentismo e melancólico aborrimto; afinal, vem o desesperar, essa infernal situação que traz o já irrisório nome de «cepticismo». Não é verosímil, portanto, que a mulher ordinária, simples e sinceramente desprevenida, qual deveis supor uma fruteira, tenha o condão mágico de se dar embelecões de fada para fascinar despoticamente a cabeça do homem que aos trinta anos de vida trabalhosa não tem já coração que lhe pulse com momentâneos estímulos.

E, contudo, o ar. D. João de Azevedo dá-nos um céptico que se extasia no baile, preso por todos os sentidos ao cantar de uma linda mulher; alça-se às regiões de um amor descomedido, se vê tactear uma garbosa polca o pé divino doutra linda mulher; apaixonou-se até à loucura, se encontra uma fruteira dos seus sonhos; goza-se da suma felicidade da terra, se abraça a mimosa cintura de uma viúva de cabelos negros!

O homem traído uma vez pode ouvir dos lábios da mulher um juramento de alma, amimado com a santa inocência dum anjo, mas nunca mais lhe franqueará o coração, onde goteja sangue uma chaga incurável.

Não sou estúpido – diz uma vez o céptico; *Não creio, duvido de tudo*, foi o que ele disse; pouco antes de confessar que *estava muito longe de apaixonar-se* por a fruteira, nem lhe era possível, *atenta a absoluta carência de fé, com que já então olhava para todas as mulheres*. Espora o leitor que esse homem, (embora levemente nos diga antes que estava um *pio crente de amor*) já agora experimentado nas traições polidas da alta sociedade, não venha como um indesculpável palerma dar-se todo cegamente aos enganos grosseiros de uma abjecta mulher que lhe dissipou a fortuna, e o abisma, com a sua melhor boa fé, no lodaçal da miséria.

Repugna à verdade esta boa fé dum *céptico*. Nos afectos militam certas condições que não se invertem facilmente, sem que o coração virgem ou o coração desmoralizado lhes pressinta o dolo e a maldade. Não é barato mentir muitas vezes à boa fé de uma mulher, que ama aos quinze anos; mais caro ainda é enganar o homem aos trinta – e enganá-lo com contínuas perfídias, tramadas por mulher de baixa sociedade. O céptico já o era antes de ver a linda fruteira; ama-a infantilmente e estupidamente; não há vergonhosa suspeita que o atemorize; humilha-se-lhe, quando lhe ela cospe ironias e sarcasmos. Tão miserável estreia na lida das afeições não na faz pela mulher mais deslumbrante a criança que entra no mundo com uma alma idólatra e sedenta de amor.

Se o sr. D. João de Azevedo tentasse mostrar-nos que um moço infrene, entregue às suas aspirações, sem trato social, nem leitura de novelas, se perdesse por amor baixo, indiscreto e despropositado, ainda assim contemplaríamos o protagonista do seu romance como anacronismo, excepção à época, em que os galãs tão dificilmente se deixam embair. Está, porém, redondamente falseada, neste romance, a vida que vive o descrente, se o descrente é o seu ponto de partida, para entrar na luta de paixões novas.

O homem, que tinha escrito a sublime introdução da sua história, não deveria ser tão pouco de penetração na vida misteriosa da fruteira! Entretanto em casa do primo dessa mulher, vê primeiro um vulto que se perde no interior de uma câmara; levado aí,

vê um homem vestido entre uns lençóis, com sintomas da mais robusta saúde. Assim mesmo, esta farsa não lhe estimula suspeita nem admiração! Crê piamente na enfermidade do primo da amante, e abre a sua bolsa com a cândida simplicidade de um menino pródigo!

Passeando no bairro da Mouraria, ouve uns gritos de mulher; a fruteira é que pede socorro, o céptico avizinha-se temerariamente desses gritos, escuta dois nomes que já conhece, *Pedro e Maria*; assim mesmo, não há nada que esporte no coração do *homem que duvida de tudo*, e que ama perdidamente, uma conjectura sequer!

A ousadia com que o céptico galgou a um terceiro andar, que desconhece, para socorrer uma mulher que grita, é extraordinária; mas que de um tal reconhecimento não granjeasse o céptico desconfianças e receios, é inverosímil.

Ninguém acredita que aquela aparição do chapéu de Pedro, o *Cinco Chagas*, explicada por Maria e pela velha com uma enfiada de disparates, seja o documento mais risível da estolidez do *céptico*. Nega também a natureza que o pobre homem tenha, pela segunda vez, corrido aos gritos de Maria, quando, da primeira, se convenceu que o que lá se passava era urna patuscada de marinheiros.

Está acima de toda a fantasia aquela viúva, que alta noite estorva a entrada do céptico no terceiro andar, onde se passavam segredos terríveis. Esta viúva, que ama o céptico, até morrer por ele, reserva para a hora da morte a manifestação de uma trama de assassinio contra seu amante. E, contudo, a viúva era um espírito sublime de amor, e coração angelicamente reconhecido ao homem, que lhe matara a fome de seus filhos.

Torna-se sobremodo incompreensível o desenlace deste romance. O céptico, por uma espécie de mágica, desce umas escadas, e vê-se acometido pelos marinheiros, que se ocupavam de empacotar fardos roubados, e alfaias de igreja. Num conflito destes, poderia o céptico depor do que viu, com tanta minudência?! Cercado por eles, defende-se, derruba um, retira-se incólume, e, em menos de dez minutos, encontra a viúva que estrebucha nos braços do sacerdote, ao resplendor baço das tochas da irmandade!

Confessemos todos, em voz alta, urna dolorosa verdade. Nós, os portugueses, não nos ajeitamos com o romance. Fartos de ler, neste género, o que importamos de fora, queremos às vezes idear caracteres de excepção, e damos uns voos tão descompassados, que mais parecem fantasias árabes, que romances pouco ou muito parecidos com o viver da sociedade. As primeiras capacidades literárias desta terra, ensaiando o romance, primaram na riqueza da linguagem, mas minguou-lhes o elemento da invenção. O romance histórico, entre nós, ressaibe à choruda gravidade das crónicas, e pesa de erudição e enfadamento; o de inventiva demora-se pouco na difícil tarefa de copiar a natureza, e remonta ao sublime filosófico dos devaneios.

É incontestável, nesta parte, o mérito do romance do sr. D. João de Azevedo. Tem o seu capitel de majestosos florões na filosofia; mas falta-lhe a base na natureza. Abstrai dessas 348 páginas os amores enjoativos de uma fruteira, as *crenças* repugnantes de um *céptico*, e as peripécias impossíveis de uma continua contradição, e recebei, depois, esse romance como um tesouro de meditações soltas, voláteis e eruditas.

Há aí páginas de ouro. O rasgado do desenho, a cadência poética da frase, e sobretudo a correcção do estilo, quase sempre grave e primorosa, são de si atributos superiores do talento do sr. D. João de Azevedo. A imaginação viva do autor brilha por essas páginas como clarão rápido de um relâmpago; depois, forçado a descer ao descritivo, perde muito da sua elevação: é como a águia, que, pousada na terra, descai da altiveza arrogante do seu voo, some-se entre arbustos, e não dá um indício de sua realeza.

As *máximas do céptico* revelam a desesperação do ímpio, do blasfemo, e do que vai sentar-se à beira do sepulcro, para daí insultar o criador e a criação. Um céptico não

escrevia assim, porque o céptico, à força de desgraçado, atrofia-se, e cai empedrenido!

Vou pousar a pena audaciosa que verteu para os prelos o juízo independente de um novel desconhecido, e quase imperceptível ao lado do sr. D. João de Azevedo – um dos melhores prosadores da nossa terra.

Esta consulta foi toda do coração. Reputo-me habilitado para comungar dos foros do cepticismo; não que a vida me vá inclinando à ladeira da desesperação; mas porque aos vinte anos não tenho já na alma um pouco de entusiasmo, que me prenda às maravilhas da mulher heráldica, e muito menos às de uma trivial fruteira.

O romance do ar. D. João de Azevedo veio fortalecer-me na ideia, que eu tinha, da impossibilidade de definir o homem. Não seria, talvez, assim, se aquele romance, em vez de *Céptico*. fosse intitulado o *Crente*.

Porto, 1848.

JOSÉ BARBOSA E SILVA

VIVER PARA SOFRER

(ROMANCE)

Estudos do coração é o título opulento com que Barbosa e Silva recomendou o seu romance.

Essas palavras, que uma indiscreta precipitação poderia ter inventado, responsabilizam o autor a contas rigorosas.

Estudar o coração é cortar fundo com o escalpelo no próprio; é invocar reminiscências de feridas que sangram sempre; é acordar os ecos de um gemido surdo no coração estranho; é tocar a evidência na dor, surpreendendo-a no santuário daqueles que mais a segredam; é enfim dizer: sofreremos assim, ou assim devíamos sofrer.,

A crónica de infortúnios que José Barbosa nos conta é a desgraça inventada por um visionário talentoso, ou é um drama real que ressalta na tela, a traços fundos dum pincel vigoroso?

Podemos responder à pergunta: há aí verdades, não só daquelas que o são pelo simples facto da verosimilhança, mas doutras ainda que a tradição guardou, para muitos anos depois que as lágrimas, manancial copioso de que essas páginas abundam, caíram nos turbilhões da sociedade, como a semente sobre a pedra árida.

Os documentos de que se abona a tradição vieram em busca dum intérprete. Muitos lê-los-iam com a fácil piedade da cabeça. José Barbosa, deparando-os, levantaria com a mão trémula de um santo terror as dobras de cada uma dessas mortalhas, e pediria a cada um desses corações uma palpitação, um gemido a cada lábio, e um milagre à sua própria dor para que os selos da campa silenciosa se partissem.

É este o espinho que medra no seio do poeta. É esta curiosidade em saber segredos dolorosos, em doer-se de males alheios, em cair exausto de ar sobre fantasmas que lhe avultam na imaginação atormentada, como Bichat sobre cadáveres combalidos, é este estudo o seu grande sacrifício de homem que não sonda a ânimo frio dores fictícias adivinhadas pelo talento.

Cuidam que se escreve o que pertence às lágrimas com a tibieza fria de uma lenda recreativa? Não é assim. Quem não força a vocação em criações bastardas que vão apregoando a mentira do conto, arranca a verdade de si, se ela não se lhe depara em esboço no quadro que retoca. Inventar o sofrimento e dá-lo em traços, onde a natureza está realizando a fantasia, é dizer verdades, verdades que o talento não supriria, se dentro do homem não falasse a sibila da experiência acerba, a inspiração vivida que lhe vem subindo da alma, e muitas vezes as lágrimas que lhe caem nos bicos da pena impetuosa.

José Barbosa tinha em si o segredo com que se exumam de túmulos esquecidos padecimentos que vêm entre os vivos esposar padecimentos semelhantes.

Existiu D. Heitor Fajardo? Existiu, existe, e existirá sempre. É o mau homem de todos os tempos. É o coração endurecido desde que as últimas lágrimas da infância o desquitaram da obrigação de ser sensível e bom. É a consciência, obdurada pelas mordeduras da inveja que o bálsamo da ambição cicatriza, enquanto outras feridas sangram, outras ambições renascem, e o sangue doutras vítimas se oferece a mitigar-lhe a sede. Nem ao menos lhe encontrais o momento da indecisão antes de lançar ao abismo a pupila que suspende pelos cabelos, mostrando-lhe lá em baixo o inferno, que o próprio ouro dela lhe compra! Não sabe o que é ser pai, porque de dous filhos que tem, um,

reminiscência dum crime, é o verme que lhe incomoda o passo desassombrado na sua larga caminhada para um plano de jurada infâmia; outro, que é o seu legítimo representante, há-de por força receber inteira a herança dos braços, a da ignomínia, e o suplício de Mezêncio, atado a uma mulher, que lhe atira aos braços com um cadáver.

Não conheceis Heitor Fajardo? Não passa aí todos os dias um vulto, com soberano orgulho, entre vós? Não conheceis a hidra da ambição? Não vedes o sofrimento generoso simbolizado no Laocoonte da mitologia, que tenta em vão desdar os nós da serpente de Lesbos que se lhe enrosca nos membros? Subi esses patamares de asfalto, pedi vénia ao porteiro de telim dourado, afastai os rases heráldicos desses recintos de coxins de molas, e sentai-vos aí nesses salões, cujos lumes não bastam para espancar o remorso sentado a par com o risonho Baltasar, que não traduz legendas nas paredes, nem as sabe de cor na consciência.

É este homem que Barbosa e Silva vos dá. É ele o foco donde coriscam os raios que devem fulminar três existências que lhe são servidas na sua fome de ouro, como iguarias de Tiestes. Quando resvala, ligeiramente tocado pela mão de Deus, cada minuto de infortúnio é um século de expiação. As vítimas dormem o sono eterno. O algoz vai, decrépito e pobre, pousar a cabeça no potro expiador, onde as larvas lhe não deixam um instante de repouso.

Helena é a pomba que voeja sobre os homens; que não tem onde se poise, longe do alcance do tiro; que perde o fôlego sem encontrar abrigo; que tira para o céu o derradeiro voo, quando a sepultura lhe é dada na terra, como primeiro e derradeiro galardão ao seu martírio. Existiu esta mulher? Escurecem-se assim os horizontes em redor dum espírito que almeja o infinito, e ante-gosta as delícias de uma esperançosa quimera? Vive-se assim para sofrer? Não há uma fonte nesse deserto sem balizas? Agar, expulsa do seio da sociedade madrasta, só e desvalida, com o filho sem pai nos braços frágeis, não será uma sorte de invejar para Helena, ludibrio da avareza dum estranho, que lhe põe sobre o coração um pé, e lhe sufoca na garganta o gemido com que a vida lhe foge? Pode ser assim lanceada em segredo uma existência? A sociedade tem esses patíbulo em seu seio?

Tem. As fogueiras da inquisição doméstica nunca se apagaram. A sociedade não pode caçar as bulas conferidas aos Torquemadas, que usam o velho direito da patriarcal tirania sobre a religião da alma, sobre a alma da filha, que se dá, no seu amor, uma razão de amar que não é esta do frio cálculo, doloroso cativo imposto ao coração. A polé desconjunta os membros de poucas, sim, mas de algumas contumazes que não cedem ao apostolado do ouro. Essas poucas, votadas ao suplício, são as que morrem, sem que a medicina lhes gradue o rápido arrefecer do sangue. A gente vê-as num baile, com as manchas orladas dum simpático sofrimento assombrar-lhe as rosas desbotadas do rosto. Vê-as passar, alvas como o holocausto da velha idolatria, com o sorriso do adeus em lábios que já não suspiram pela vida. Depois, o jornal surpreende-vos com a nova infausta dum anjo que fugiu dos braços dum pai inconsolável para o seio de Deus, que se revia na sua criatura mimosa. Se perguntais ao médico assistente que doença aquela foi, dir-vos-á que a mataram tubérculos, para vos não dizer que a morte, último fenómeno da vida, é um segredo para a medicina, e uma clara intuição para um pai, prodigiosamente estúpido.

Foi assim Helena, tanto mais golpeada no coração, quanto o verdugo, incapaz de amar um filho, requintava em piedade com a órfã.

O filho de Heitor Fajardo é um morgado que vive com os seus galgos, e ceva as suas aspirações na brutal sensualidade que não lhe estorvam as maniatadas filhas do povo, do povo servil e sempre miserável, que não tem a intuição do direito, não discrimina a honra do vitupério, não sabe ao certo quando lhe cospem na cara, ou o

aclamam rei de taverna.

D. João, como todos os ilustres devassos que nos dão com este nome, não conhece o de Molière; mas, também como ele, dá-se pouco dos hóspedes de pedra, e vai adiante preenchendo o ciclo das impudências, em que seu pai reconhece uma índole que não desmente a filiação.

Onde ele desconhece um filho é em Vasco. Poeta, devorando-se na chama, duma paixão infeliz, abençoando as dores santas duma resignação silenciosa, Vasco é o desenojativo que José Barbosa nos dá para alívio das náuseas de caracteres repulsivos, de almas que nos fazem descreer da igualdade do homem perante Deus. Vasco tem o angélico devanear do poeta; mas o talento, que Lhe afina a sensibilidade, amoleceu para que o dardo da desgraça lhe entre bem no seio, e lhe rasgue larga fenda por onde as esperanças lhe fogem. O amador de Helena, o amado dela, devia ser este homem. Dissera-o Deus; mas... se o disse, porque se não cumpriu o destino?! Não sabemos. Altos mistérios, ou mistérios nenhuns! Vasco foi conduzido pela mão do infortúnio de inferno em inferno. O terrível Dante colocara-o na região das lágrimas. Cá, onde os infernos são uma verdade definida, a última paragem de Vasco é a enxerga onde se estorce um demente, que nada já recorda do que foi, nem pergunta ao céu porque o tornou assim. A demência, no supremo abandono da esperança, é o respirar de Roberto, quando encontra o fio que o salva da tenebrosa catacumba de Roma.

Estes são os relevos da primeira luz do quadro. Lá em baixo, ao abrigo das sombras que o hábil pincel coloriu fugindo, está a condessa das Amoreiras, a tão conhecida condessa de todas as cortes, a mulher enjoada da virtude e do vício, que apimenta as iguarias com um misto de ambas as coisas. É a Lais que fecha a devassidão no seu quarto a sete chaves, e vem no salão recrear o espírito, dando-se em pábulo aos Tântalos que lhe não tocam, levando aos lábios o lenço perfumado para esconder o frouxo de riso provocado pelo aroma do beijoim que lhe incensam os sandeus. Conhecemos a condessa das Amoreiras. Temo-la visto enlanguescer num sofá; estudar a voluptuosidade dum folho de saia a estalar na goma; descer um olhar mórbido sobre o antebraço em que se enroscam serpentes de ouro, símbolo dos desejos do homem na forma, e símbolo dos desejos dela na substância.

Ilustre condessa das Amoreiras, mulher do século dezoito, como tu reapareces viçosa nos nossos dias! Como vieste desde Lésbia, de crisálida em crisálida, até nós, sempre rindo aos Catulos contemporâneos na sala; mas sempre um pouco mais proveitosa, quando:

Glubit magnanimos Remi nepotes!...

Padre Anselmo é um dos tipos que nos ganham sempre simpatia. Queremos tal o padre; nunca nos cansa o prazer de o iluminarmos assim dessa magnífica auréola, quando criamos no livro visões que por cá não deparamos. Anselmo, o homem de Deus, o juiz das consciências que transige com os réus de paixões nobres, o coração, que morreu na mocidade, e se refez de seiva nova, bebida nas fontes caudais da esperança no Senhor; o ancião, que tem no peito escrito o martirólogo donde, alfim, se remiu aos pés do altar, esse belo espectáculo, tão outro do que por aí se diz «um padre» é, porventura, a melhor, a correcta, a tocante imagem que José Barbosa coloca apregoando o céu à beira de cada abismo que ao pé de si se cavam, umas às outras, as diversas paixões da terra.

Mas onde vamos? Não queremos contar a história que se lê algumas páginas adiante.

Vamos fazer a censura a um amigo, com a severidade que não teríamos para um

indiferente. Vamos provar-lhe que de mistura com o nardo caíram no turbúlo alguns grãos de heléboro. José Barbosa sabe o que é o coração. Tem vivido muito dessas consultas dolorosas que são a bonança após um revés. Tem a sua Tebaida de meditação, e visita-se no íntimo de si, para de lá se armar do prisma com que se decompõe o misto de confusas cores, que não deixam, em sociedade ruidosa, visar a luz estreme de cada uma. Este trabalho, dado a poucos, porque a maior parte disso que por aí se mexe é uma coisa que anda por aí, confundida no que se chama público, este trabalho, repetimos, associado ao talento, e guiado por ele, é muito; mas não é tudo. A substância é rica, é fertilíssima; resta saber se os moldes em que José Barbosa a fundiu são os melhores, os mais naturais, os mais fiéis.

Não somos da escola do nosso amigo, ou antes não sacrificamos ao exclusivo de nenhuma. A nossa divergência é de estilo. O seu romance, afora cinco ou seis páginas, é escrito no mais alto dizer que se pode. Abundam, sem enfastiar, as metáforas. Guinda-se até ao nevoento dum lirismo de verso o que devera ser contado em baixo na prosa simples, mas dolorosa do espírito alquebrado, que já se não alteia, quando o baque no raso do infortúnio foi mortal. Helena teria em si, e tinha decerto, todo aquele elevar-se para o grandioso; os lábios, porém, no silêncio, cortado apenas por soluços, diriam tudo. Nós já vimos um anjo assim, saudando a mortalha que lhe vestiram em vida, ao anunciarem-lhe a morte. Lá dentro do seio daquela mulher de vinte e cinco anos, havia muito a dizer, e uma grande inteligência ferida pelo corisco da paixão. E, contudo, os seus últimos dias silenciosos, aquele mutismo imposto à força, era o crepúsculo do silêncio eterno da campa. E, se falasse, que diria? Uma só palavra: «mataram-me!»

Devera ser assim a vida de Helena. José Barbosa fez que amássemos esse fantasma de mulher, como ainda amamos a virgem de Vaucouleurs, a rainha de Escócia, a duquesa de Aveiro, a heroína de Caen. Sem Schiller, e Casimir Delavigne, sem o processo dos regicidas de D. José, e a paixão sobrenatural de Adam Lux, essas grandiosas imagens teriam passado do cárcere ao patíbulo sem atravessarem séculos para nos electrizarem um amor quase fantástico, um culto ao ideal, que pode converter-se em affecto louco.

Foi assim que nos enamorámos de Helena, organização angélica das que – bendito seja Deus que no-lo concede! – povoamos a imaginação, espavorida deste lamaçal em que por aí se atascam todas as mulheres, vistas a olho nu.

E daí vem o carinhoso interesse com que assistimos à hora formidável do seu passamento. Devia morrer; mas não assim. Se a tísica lhe deixa sem nuvens a razão até final, é preciso que a sua frase seja singelíssima, se é que a desesperação lhe não segreda a eloquência da blasfémia. Que as suas súplicas ao Altíssimo se traduzam em gemidos; que a elocução, recamada de belezas oratórias, não seja um desmentido à frase da agonizante, débil e quebrada, como se cada palavra fosse o eco duma fibra do coração que estala.

Aqui deixamos uma profecia, que qualquer outro, capaz de predizer as frases da inteligência, poderá fazer: o livro de José Barbosa, que vier depois deste romance, não será escrito em estilo tal.

A pureza, a lealdade dos quadros será a mesma; mas a mescla das tintas será outra. O pincel verdadeiro de Tiarini sucederá ao faustoso colorido de Corrégio. Barbosa há-de aperfeiçoar-se mais a estudar a miologia nas esculturas nuas da Grécia, que a fantasiar belezas sob as ondulações do manto adereçado de recamos da estátua de Minerva, no Museu do Louvre.

Queremos dizer que o autor do belo romance *Viver para sofrer*, em escritos deste género, serviria mais a verdade, não demasiando as riquezas de linguagem ambiciosa. Em resumo: o que é para nós excesso será para o leitor maior realce ao merecimento do

autor. Como queiram. Ninguém o admira mais do que nós, e ninguém tão de perto lhe conhece o coração franco para os votos mais contrários ao seu.

Porto, 1855.

FRANCISCO MARTINS GOUVEIA MORAIS SARMENTO

(POESIAS)

Estou quase em pensar que a poesia não dá campo à crítica. É grosseira audácia avaliar um poeta quando vos ele fala de si, sempre de si, e não vos dá margem a discutir-lhe a ideia no tribunal da razão, que é coisa que poetas nunca tiveram, ou, se tivessem, não seriam poetas à feição do molde em que hoje se fundem. Poeta que raciocina é um cáustico da paciência humana. Desde que Charles Nodier, com a mão sobre a consciência austera, declarou que produzia uma loucura todas as vezes que raciocinava, a rapaziada fina mandou a arte de presente aos manes espavoridos de Aristóteles, e declarou-se toda orvalhada pelo chuvaire celestial da imediata inspiração. Se esta chuva foi mais fatal à humanidade que a de Sodoma, é isso uma questão que não decido, porque sou suspeito. O que posso de toda a altura da minha gravata decidir é que a poesia do nosso tempo traz o carimbo do século. Não desdiz da matéria, conquanto capriche em idealizar todas as subtilezas do espírito, e algumas outras que ele não tem. Vai a vapor. Rarefaz-se até se adelgaçar em coisa nenhuma como as baforadas do vagão que transporta o homem com a rapidez do pensamento. É volátil, aérea, eléctrica, súbita, e diáfana como tudo que vedes sair das mãos do artífice contemporâneo, que veio confirmar a profecia que aventara Pelletan, dizendo que tudo ascendia para o espiritualismo. É impetuosa e lúcida como o clarão das electricidades que submerge instantâneo nas trevas. É impetuosa como as paixões de que se alimenta; é lúcida como o lume de um minuto em que se devoram as almas gasosas destes nossos moços. que parecem depósitos de hidrogénio carbonado; é instantânea e vaga como o turbilhão de imagens que renascem no atormentado coração destes Hércules, que não alcançam nunca a última cabeça da hidra.

Seja boa ou má, esta poesia, assim fútil e magra, é verdadeira, é filha legítima do tempo, é puro sangue, é a nossa poesia. Se quereis a prova, lede Filinto, Garção e Lobo. Dareis a cada estrofe um abrimento de boca perigoso até à deslocação das maxilas. É que esses marcos da nossa literatura caíram, quando a ala dos namorados, com o fantasma de Byron à frente, lhes meteu à raiz o alvião reformador.

Os moços, de 1825 para cá, acham-se poetas, quando mal se precatam. A torrente caudalosa do metro borbulha espontânea em uns, e repuxa, como poço artesiano, na cabeça de outros, que nós imaginamos de pedra, e como pedra fora ferida pela vara mágica do amor. A cada menino que mete em pelotões paralelos quatro linhas, podemos dizer: *Marcellus eris!* E, se à quarta página, ele vos diz que lhe rezem pela alma, que morreu de *secura*, como a florinha da encosta, acurvai a cabeça, e dizei com aquele bárbaro de Mântua: *Venerandus puer!*...

Isto não quer dizer que são bastardos os poetas, nem detestáveis as poesias. Escrever é obedecer; é ir raptado no hipógrifo do êxtase, e lá de cima falar cá para baixo uma linguagem que só entendem os aquecidos pelo fogo do cenáculo; é erguer o muro tártaro que separa os profanos do culto; é repetir o doloroso lamento de Ovídio: *Barbarus hic sum, quia non intelligor ulli.*

Só a ignorância rude envergará a toga para julgar as estrofes lamuriosas do poeta, que por misteriosa fatalidade, é sempre infeliz, está sempre sem talher no banquete dos gozos, lastima a pobreza de manjares que lhe servem, acusa a humanidade de lhe ter propinado veneno nesse pão negro que lhe deu, e recapitula como seus os queixumes de Gilbert, vitoriando o suicida com entusiasmo, e bebendo a cicuta... por um charuto do contrato, onde se acha verificada a metempsicose dos trinta tiranos de Atenas (seja dito

entre parêntesis).

Eu dizia que não há estância competente onde se instaure processo contra os poetas, que falam de si. E a mim, principalmente, muito me convém que a não haja; Deus sabe se eu, a estas horas, estaria rimando aos esquimós! E não deve havê-la porque o poeta, se lhe estala o vínculo que o prende ao mundo, se lhe desbota o ideal colorido com que retoca as imperfeições da terra, já não é deste mundo. A dor acrisolou-o; a alma, se ainda pura, fugiu para o céu; se pervertida pela dor, caiu no inferno do desalento, onde há o descrer e o imprecar. O céu da primeira é a paciência e o silêncio. O inferno da segunda é a desesperação e a blasfêmia.

As setenta e seis poesias do sr. Francisco Martins, que venho de ler com o vagar de quem estuda uma vida, e decifra um homem de vinte e dois anos, são daquelas que marcam o paroxismo da última flama da fé para a escuridão impenetrável do desengano.

«Tudo isto é verdade?» – perguntei eu ao poeta. E perguntei-lho, porque era justo admirar a potência da rima, se a alma não tinha aí os extremos dum delicado sentimento.

Convenceu-me, sem me abrir a vala onde caíram amortalhadas as suas afeições, tão cedo.

Entreí no segredo de grandíssimas dores. E desde que tão delicada confiança me fez simpatizar com o poeta e convalescer da indigestão de trovas em que me andava encruado o espírito, esqueci-me de que havia de contar pelos dedos as sílabas de cada verso, e acentuar as cadências de cada um, e de todos colectivamente. Desatendi a tirania das formas, e dei-me todo a ver o brilhante pela sua face polida, deixando a outra que nem sempre espelha o íntimo sentir, ou o dá desfigurado pelos nímios enfeites da arte.

Cativar a benevolência com a música do ritmo é um grande mérito, é um problema que prende os mistérios da poesia, é um consórcio maravilhoso das paixões desordenadas com a ordem da metrificacão, é finalmente um contra-senso; mas é força honrá-lo com a homenagem devida a fenómenos que se não explicam.

O sr. Francisco Martins é poeta. O seu livro pertence todo ao coração. O estilo dele tem a encantadora desordem dos ímpetos que o fizeram sair, como pedaços de lava, que saltam da cratera, antes da inteira explosão.

Depois de lido, fica um desejo: não direi que é o do segundo volume, assim cortado da angústia, porque seria isso desejar cruelmente ao seu autor, a causa dum grande sofrimento prolongado. O que eu de bom ânimo lhe desejo é que a sua alma receba uma nova semente de comoções, e lhe prospere colheita de frutos menos agros. Essa outra sazão virá; e o sr. Francisco Martins, adestrado pela experiência que lhe vai amargurando a vida, porá de parte o coração, e pedirá à cabeça os seus modelos, que são sempre os mais correctos.

Se o meu amigo tenciona publicar um segundo volume de versos, vibrados na mesma corda, fará confidências demasiadas a um público, indigno delas. Há muito sentir que deve morrer com o homem, mormente aquele que se pode interpretar de diverso teor.

Shakespeare diz que a vida tormentosa dum doudo só pode interessar uma cena ou um capítulo. Pode quase dizer-se o mesmo a respeito de um céptico: basta um livro. O segundo há-de ser o primeiro, ou o véu das ilusões tem de ser muito transparente. Eu, se pudesse recuar oito anos, escrevia só ditirambos e alguns sonetos aos anos das senhoras que contassem de oitenta para cima. Os meus versos teriam uma tal ou qual importância cronológica, e serviriam no futuro de apenso a alguma certidão de idade duvidosa. Não me imponho, ainda assim, como exemplo a ninguém. Escrever é respirar.

J'écris... pourquoi? je ne sais... parce qu'il faut – diz Alfred de Vigny. A razão é

respeitável.

Porto, 1854

RAMOS COELHO

(PRELÚDIOS POÉTICOS)

Aquela grossa veia da poesia lisbonense dessangrou-se. A plêiada de canoros vates, que afinou a clave da poesia moderna, perdeu-se no vago das suas ascensões para mundos melhores, ou exulou-se da convivência dos profano³, em arcádia subterrânea, onde se escutam uns aos outros mutuando-se delícias?

Nenhuma das hipóteses vinga. Os poetas da capital lá estão vivedouros e escorreitos, na virilidade do talento, laureados das passadas ovações. As líras, as tiorbas, os alaúdes impendem das frondes dos laranjais do Tejo. A fama, vaidosa de apregoar glórias, desfere ainda notas desses juvenis cantares, que a memória não esquecerá jamais.

João de Lemos, Mendes Leal, Palmeirim, Serpa, Bulhão Pato, Lobato Pires, e os mais que hão-de ser chamados a deporem no processo da literatura portuguesa deste século, desses raro é aquele que obedece ao *ecce Deus* da inspiração.

Adoentou-os o arejo da política. A pérfida levou-os a um palácio de esmeraldas e rubis, onde os tem enfeitados, por mercê do demónio, seu genro, porque a Ambição, filha dela, casou com este caudilho das milícias do reino escuro.

Para muitos já, e mais tarde para todos, ao romper do encantamento, aquelas esmeraldas e rubis descoram da sua limpidez transparente, e volvem a pedreneiras da praia, lapidadas por mão hábil de diabinhos, filhos adúlterinos da sobredita Política e do Orçamento, seu cavaleiro servente, que está sempre justificando aqueles penachos com que a mão piedosa enfeita o diabo.

Enquanto o santo sepulcro acareava as pias legiões da Europa, na torrente dos devotados gladiadores também foram os menestréis daquele tempo a deporem fervoroso ósculo na lápide solevada pela mão ressurgente do triunfador da cruz. Os menestréis de agora, levados no enxurro dos conquistadores da verba (o verbo embravecia os outros) também querem depor seu ósculo, se não na cruz da Palestina, o mesmo é nessas cruces que lá se fabricam em Lisboa, na rua do Ouro, posto que o padre A. Vieira diga que as tais, em reservados casos «não são cruz, são aspa».

O certo é que aos modernos Anfiões mudou-se-lhes o feitiço, são eles os atraídos pelo cascalho das estradas, pelas pedreiras dos «melhoramentos materiais» onde a maior parte se aninhou, travando os voos à alma, para que ela se não ale para lá da zona do estômago.

Cuidava eu que o amor às letras, esse condão de glórias e amarguras, não se quebrava assim ao simples querer do poeta. O dom do génio estimava-o eu herança que os Esaús não podiam renunciar. Afigurava-se-me ser ele como a túnica de Nessus que só a pedaços ensanguentados podia despir-se.

Este engano embaíra-mo um livro francês, cujas ideias, a respeito dos literatos franceses, eu quisera ajustar aos nossos. Diz assim o livro:

«Geralmente crê-se que um homem, correndo fado dez ou doze anos da sua vida por estradas e atalhos da imaginação, – desgraçado, cujo espírito, borboleta vã, pousa na tige de todos os caprichos e respira o aroma de todas as fantasias – pode escorregar no desfiladeiro da realidade. Pensam que a impalpável quimera, que ele persegue sempre, pode ser repudiada e reassumida à vontade. Esses que ruim sina encaminhou pela ingrata e gloriosa derrota das letras suportam com mais ou menos ânimo as privações, e até a miséria; há neles, porém, uma feição característica: lutam até final. Não há retroceder, sem grande tribulação, no trilho feito. Obedecem a uma fascinação

invencível e inexplicável, ou retém-nos a consciência da sua inutilidade? Não sei: a verdade é que eles pelejam até morrer, e jamais desertam».¹

Apliquemos o conto que, em verdade, é um conto da carochinha se o aferirmos no padrão dos escritores reinantes em Portugal.

Desertaram quase todos do templo das musas, e, se não deixaram lá alfaia que atraísse a cobiça dos ladrões, franquearam as aras ao culto dos borras, ou donatos do convento.

Nas mãos de muitos o turíbulo, em vez de rescender o nardo, fumigava de assa-fétida o nariz torcido do público. Não faltaram por aí enjoos de tanta poesia requentada, salobra, sem cunho português, sem nervo, obra de algibebe, que tanto era elegia, como madrigal, como ditirambo no feitio.

Deu-se o que sucede depois dum baile: despejam-se na rua as flores desmaiadas das jarras; o rapazio apanha-as sôfrego, mistura-as com outras frescas, e leva-as ao mercado. Na poesia lisbonense, desde 1850, actua a esterilidade fecunda das crises literárias.

Porém – *rara avis in terris!* – um livro de versos que se lê e se estima, e avulta entre os de autores novos, é o do sr. J. Ramos Coelho. Não lhe havemos de assoprar a hipérbole do encómio, chamando-lhe obra-prima, e livro perfeito. Está tão longe dessa baliza como da extrema oposta dos despropósitos.

Raras se tocam aí as incorrecções de linguagem, que enxameiam o vulgar dos versejadores. Cuidam estes que o estar sempre em colóquio com as brisas e as flores os dispensa de saberem como é que os Camões e os Ferreiras punham em vernáculo o idioma dos deuses. O sr. Ramos Coelho revela lição dos poetas clássicos e tanto que alguma vez os imita em graças de locução, em singeleza de pensamento, e doçura de ritmo. A poesia «Queixas» é como uma daquelas brandas elegias de Diogo Bernardes, em que o coração se desafoga com suave paciência. Afinam o sentimento, destemperado pela algaravia das byronianas baforadas contra o destino, estes substanciosos e correctíssimos tercetos:

.....

Porque tenta minh'alma pois carpir-se!
O mundo não entende o seu lamento,
A sua dor em nada pode unir-se.

Cada qual tem em si o pensamento,
Cada qual no seu bem só interessa,
Palavras são da ideia o fingimento!

Embora à míngua mísero pareça
O que viveu sem encontrar abrigo;
É menos um que os importuna, e peça.

Eu que entre eles meu caminho sigo
Entre os de honras e fama rodeados,
Ou da glória e riqueza e vou comigo;

Tento na lira sons desconcertados,
E como eles também louros procuro,

¹ Edmond Texier – *Critiques et Récits Littéraires*.

Mas não a troco de rubor comprados.

.....

Muitos, que amam as letras, fugir vejo,
Porque em vez delas amam sua fama,
E eu não vou aumentar-lhes o cortejo.

A sua poesia «Almeida Garrett» é de veia abundante, e bem temperada de imagens. Entre muitos e bons versos, primam estes de cunho:

Quase no extremo despedir da vida,
Que sentido cantar inda desprende
Como de jovem coração? A chama
Do ardente amor vem animar-lhe os olhos,
E sobranceira a fronte alevantar-lhe,
Que pende para a terra, não dos anos,
Mas dos espinhos que acarreta a glória.

E por fim lhe caiu! Eis quebra o corpo,
Eis esmorece a luz, e a majestade
Do génio só e Deus em frente se acham!
Não desentoam do alaúde as cordas,
Não lhe desbota o espírito, não morre,
Ao céu remonta, qual do templo o incenso.

Já vêem que o poeta não estira o metro em repuxões de efeito; é sóbrio em imagens, veste a sua ideia com singelas louçanias; quer que os enfeites a não confundam com as farfalhudas dicções; vale muito, há muito que esperar de quem o pode fazer assim.

Porque disse o Horácio francês:

*Sans la langue, en un mot, l'auteur le plus divin
Est toujours, quoiqu'il fasse, un méchant écrivain.*

Parece-nos que o trato indefesso com os mestres da língua irá mondando não só o vocabulário, mas ainda a elocução de sabor estranho que, por mais que façam, andarão sempre desnaturalizada.

Cuidam os poetas principiantes, feitos na leitura dos franceses, que a ideia do século XIX não frisa na linguagem do XVI. É um absurdo pueril, com ares de impertinente pedantismo.

O sr. Ramos Coelho está, às vezes, receoso desse divórcio. Nas poesias eróticas foge dos mestres, e descai para a toadilha preciosa das *nugae canorae*, enliçando-as em emaranhados empeços à clareza. Lá tem Rodrigues Lobo, e Fernão Álvares do Oriente que souberam dizer em suas líricas o mais ideal e etéreo do amor. O Bernardes

*Queria a poucas voltas dar no faro
Da sentença, que jaz no verso inclusa.*

O sr. Coelho deve querê-lo também, e há-de consegui-lo, e afeiçoar-se de modo

tal ao dizer dos mestres, que achará falso e vão o refochado das formas sem o conceito que reflecte a ideia à alma e lá a «encrava mais profunda» como diz Filinto.

Muito prometedora é, pois, a estreia do sr. Ramos Coelho. Hão-de animá-lo a timbrar de clássico os amadores da nossa rica e fácil língua. Outros hão-de achá-lo uniforme, frouxo, e apoucado nos raptos, e arroubamentos que dizem ser a poesia dos estros escaldados da «fúria sonora». O nosso Camões pedia essa fúria às Tágides, para dizer coisas tão belas, tão límpidas, e tão fluentes!

Porto, 1855

JOAQUIM PINTO RIBEIRO JÚNIOR

I

Escrevi, há anos ², uma análise às poesias do sr. Joaquim Pinto Ribeiro Júnior. Modificar os gabos, cerceando-os agora, seria reprovar hoje o que então conscienciosamente escrevi. A piolharia dos literatiços que anda por aí mordendo a gente que se descuida, fervilhou contra mim porque não dei por ela, quando procurei o primeiro poeta portuense. Chegaram quase a dizer-me: «Pois não acha que eu sou melhor?» Aí está o que eu disse, e me comprazo de ter dito do poeta das *Lágrimas e Flores*.

A primeira ideia que nos ocorre, principiando, com timidez, a análise dos versos do ar. Pinto Ribeiro, não é nossa: pertence a um grande intérprete dos homens e das paixões, e foi escrita para explicar a obscuridade quase incompreensível de grandes merecimentos: *Les hommes sont trop occupés d'eux-mêmes pour avoir le loisir de pénétrer ou de discerner les autres: de là vient qu'avec un grand mérite et plus grande modestie l'on peut être longtemps ignoré* – diz La Bruyère.

É assim, e à razão custa-lhe a tragar esta dolorosa verdade. Grande merecimento, grande modéstia, e obscuridade! Que três coisas tão negativas para se darem bem, nestes nossos dias, nesta nossa terra, aqui na nossa vizinhança!

Pouco merecimento, grande imodéstia, fama de cem trombetas, isto sim, isto entende-se, é coisa nossa, sabemos como se põe um homem as cavaleiras da glória, e se remete à posteridade com três folhetins de apresentação.

Mas, grande talento, modéstia suma, tanta modéstia que até nos foge ao louvor, fugindo, escondendo-se para que o não confrontemos com a ignorância arrogante, se tal existe, se há aí um homem que possa honrar a pena que lhe escreve o nome, venha, mostre-se, ajude-nos com o seu nome e com o seu exemplo a castigar orgulhosos, a desvanecer mediocridades, e a envergonhar todos os guardas-mores da metrificação que dão carta limpa a todos os fardos de poesia infectada de certa febre que não tem cor, mas que faz o espírito negro...

Conheceis Joaquim Pinto Ribeiro Júnior? Talvez de nome, porque tem o de seu pai, honrado negociante desta praça, e os apelidos de seu irmão, magistrado probo e querido de todos. Talvez nunca o vísseis, porque são raros os que o conhecem, e mais raros ainda os que, vendo-o, tenham dito: «Vai ali um dos primeiros poetas de Portugal.»

Um dos primeiros poetas de Portugal?! Sim: e eu, se vo-lo ouvisse, acrescentaria: «e um dos maiores entre os primeiros».

Ora, sabeis o que é ser poeta?

Será Pinto Ribeiro que vos responda:

*Alma d'anjo por crua, iníqua sorte
Condenada a sofrer em térreo vaso
Duras tribulações em duro exílio.*

Já vedes que ser poeta não é ser recrutador de consoantes, alinhador de pelotões de quatro, cinco, seis, oito, dez versos... *versas!?* Sim, versos, que vêm de *vertere* voltar, e não têm, além da etimologia, outra coisa boa tais *versos*, que não são sinónimo de *carmen*, como diz o *Gradus ad Parnassum*; mas sim sinónimo de *linea* que quer

² (1856. Estas linhas, antepostas à crítica das *Lágrimas e Flores*, são de 1859).

dizer linha.

Quereis mais ampliada a definição do indefinível?

..... O sofrimento
 É do bardo o elemento
 Como é d'ave o céu d'azul;
 Canta no dossel doirado
 Ou nas furnas espiado
 Da seva mão de Saul;

Dentro em seu sonoro peito,
 Já na dor aos sons afeito,
 Ecoa a voz que gemeu,
 Banha-a de maga poesia,
 E nas asas da harmonia
 A sobe aos umbrais do céu.

Celeste flama lhe ondeia
 Na frente, cratera cheia
 D'ardentes inspirações,
 E sua voz trovejante
 Da alta boca retumbante
 Salta e ferve em borbotões.

É o poeta.

Aí estão os primeiros versos que extractamos do volume do sr. Pinto Ribeiro. Temos de transcrever outros muitos. quando nos faltarem na palheta as tintas com que o pincel mais adestrado consegue apenas com muitos traços esboçar escassa cópia de belezas feitas para se verem, e se admirarem lá, na tela primitiva.

O ar. Pinto Ribeiro é apaixonadamente admirador de Francisco Manuel do Nascimento. Leu, releu, estudou, compenetrrou-se dos tersos lusitanismos de Filinto, sem lhe adoptar as exagerações inerentes a tudo que é reforma.

Filinto, sabem-no todos, exumou riquezas de linguagem, que jazem soterradas, debaixo da aluvião do gongorismo, e das academias que depois vieram. Nesse desaterro, escavou pedras finas, as mais ricas jóias de Sousa, Barros, e Lucena; de mistura, porém, com elas saiu cascalho, termos obsoletos, antigualhas da infância da língua portuguesa, mondadas já na dicção dos bons escritores do século XVI. Ainda mais: Filinto, figadal inimigo dos francesistas, intolerante com a frase ressabiada de estrangeirismo, alguma vez pospôs o genuíno termo indígena, substituindo-o por outro alheio e francês na índole.

Pode muito connosco esta opinião, que trasladamos, do ar. A. S. de Castilho: ... «Francisco Manuel do Nascimento foi um mártir da religião da nossa língua; para lhe lançar mais glória cerceou a sua própria; com o excessivo das jóias com que a arreou, deixou-a afectada, e menos matrona grave do que bailarina de corda; sim habilidosa e leve, mas dengosa e presumida; mostrou-lhe o como e por onde devia subir à perfeição, a que por outros, porém, tarde e mui tarde será levada; foi, por tudo, digo, um destemperado despertador, que nos pôs a pé para o dia das letras.»

Filinto Elísio fez duas escolas. Uma ecléctica: é a que, dos onze volumes do mestre, joeirou

palavras fastiosas
De velhos alfarrábios com bafio

como ele diz em algures. A outra é dos partidários ardentes, apóstolos malogrados, que, por não poderem encravar o arcaísmo na elocução polida, lídima e amaneirada do mestre, caíram na irrisão, e entravaram a ideia que poderia inspirar-lhe escritos úteis, ou, pelo menos, legíveis. Inculparam-se na condenação de Horácio:

Dum vitant stulti vitia in contraria currunt.

O sr. Pinto Ribeiro, segundo a perspicaz intuição do *belo*, que lhe alvoreceu bem nas verduras de moço, leu Filinto, enlevou-se na severidade do estilo que enfastia a pluralidade dos principiantes, quis ir na trilha de tantas riquezas exploradas no veio clássico, encontrou Vieira, Rodrigues Lobo, Mendes Pinto, Fernão Álvares, Camões, Ferreira, Lima, Bernardim Ribeiro, Góis, Azurara, tantos e outros muitos padrões onde contrastar o ouro de Filinto. Senhor de tanto, escolheu, ajoeirou, estremou, aquilatou, fez o seu tesouro de preciosidades clássicas.

Pinto Ribeiro sentia-se poeta. Vítor Hugo e Lamartine, rivais, mas ambos coroados, reinando em regiões distintas, não escrevem poéticas, mas legislam regras para os poetas. Um desce do céu para a terra, e chora sobre as misérias de cá. Outro maldiz as iniquidades terrenas, e sobe em raptos de cólera pedindo justiça ao progresso. São as duas escolas; são as duas religiões da arte, os dois dogmas triunfantes, fora dos quais não há apostolado.

Pinto Ribeiro, feito na leitura dos clássicos, amoroso da gravidade clássica, se fosse um engenho trivial, pararia de braços cruzados, como tantos, diante desse orbe de luz súbita, que os amigos de baptizar os factos chamaram *romantismo*, por não saberem o que era, nem terem nome que melhor significasse, segundo eles, a escola antagonista do classicismo. O nosso poeta, porém, tinha em si a *vis insita*, o dom criador, a força miraculosa do génio, que força a esposarem-se em íntima liga elementos heterogéneos, sons desarmónicos, ídolos avessas. Tentou-o, experimentou-o, conseguiu-o. Vasou em hodiernos moldes o pensamento antigo; fundiu no modelo antigo a inspiração moderna. Teremos dito tudo? Ainda não. O autor das *Lágrimas e Flores* convenceu-nos de que não há moderno quadro que não frise na moldura antiga, nem forma prescrita para tal e determinada ideia.

Pinto Ribeiro criou.

Sans la langue, en un mot, l'auteur le plus divin
Est toujours, quoiqu'il fasse, un méchant écrivain.

É uma das verdades de Boileau. É a que passa por mais inútil para a turba de candidatos à imortalidade. Esses, que a assaltam de escalada, se caem, podem, na sua orgulhosa consciência, comparar-se aos operários da arrogante Babel, os quais não roçaram no céu, por falta de linguagem. Destes, é esta porventura a única falta que faz duvidosa a sua imortalidade.

Há aí uma coisa que se chama *estilo*, que não é bem o que nossos avós chamavam *linguagem*. O estilo não se diz o que é: mostra-se onde ele está. Faz-se de palavras: isto já vós o sabeis; mas não sabeis decerto o que se faz das palavras. Sabeis o que é *arredondar um período*? É estilo. Sabeis o que é assoprar uma frase, inchá-la de modo que a ideia magra se pareça com as nossas damas de merinaque? É estilo. Sabeis como se empedra de mosaico uma praça, combinando variedades de cores? É como se circem

palavras eufónicas de modo que o ouvido se deleite como acolá no mosaico se deleitam os olhos. É estilo.

Parece-vos que a *linguagem* dos clássicos é o próprio *estilo* dos romanos?

Não é bem o próprio. Lá, entre aqueles, *linguagem* era linguagem portuguesa, correcta, castigada, castiça, pura, nossa, toda nossa, sem mescla de bastardia, que não viesse bem aforada da fidalguia latina.

E o estilo dispensa estes atributos? Perfeitamente. A questão é eufonia, *cantabile*, folhagem, florescência, e sobretudo, *arredondamento de período*.

O estilo tem de bom dispensar muitas palavras precisas para representar muitas ideias. Poucas ideias e muito estilo, aí é onde bate o ponto. Achais que é possível saciar a fome com uns doces fofos e esponjosos chamados *sonhos*? Bonitos que eles são à vista, mas nem a nutrição dos sonhos nem a substância do *estilo* vos dará que. digerir ao estômago ou ao pensamento. Os primeiros ficam no paladar, os segundos na concha da orelha.

Mas, diz Eugène Pelletan (o oráculo de todos os nossos filósofos em cueiros, que o não entendem): «Eu ouço dizer muitas vezes: este homem tem estilo; mas não tem mais nada. Procurai-lhe uma ideia... muito boas noites! Como se o estilo não fosse em si uma ideia!» Convém saber que estamos em boa paz com o ilustre filósofo. Sim, senhor, o estilo é uma ideia francesa com palavras francesas para Mr. Pelletan; mas entre nós, portugueses, ideias francesas em estilo francês, será estilo, mas não de *linguagem*.

Se ainda é tempo de pedir perdão aos leitores por tamanha traquinada de estilo para aqui, e estilo para ali, justificaremos a súplica, lembrando-lhes que o nosso fito estava posto em prosadores e poetas que vamos respeitosa e afastar para nos darmos todo ao poeta das *Lágrimas e Flores*.

O poeta lírico, nascido na fértil sazão dos nossos tempos, desdouraria o seu engenho exercitando-o em cantatas, natalícios, epicédios, madrigais, e anacreônticas. Se a moda voltasse, se a mitologia, apesar da razão, volvesse a acarinhar a imbecilidade moral dos seus panegiristas, mais dum talento, legitimamente reconhecido, ficaria mudo por incapaz de abastardar-se, e livelar-se na plana das mediocridades, prontas sempre a abraçar todas as reformas de arte, que não conhecem.

A *Lírica* de João Mínimo, como todos os trabalhos do imortal iconoclasta dos ídolos pagãos, é a tentativa, menos apreciada, e enquanto a nós a mais impulsiva do género que depois nasceu, emancipou-se, avigorou, envelheceu, e caducou antes de tempo, por demasia de vida. O género era muito melindroso, para resistir ao toque da análise.

Desabotam no monte lindas flores, que não Custam cuidados nem esmero de cultura. Colhidas no seu agreste torrão, desbotam, fenecem, e morrem logo. O lirismo, como aquelas flores, nasce espontaneamente; não custa canseiras de estudo, nem pensamento aturado; mas, se o despem da singeleza nativa, se o tiram do encantador desleixo e desartifício, que lhe deu o engenho, para o contemplarem com demorada análise, o Lirismo, como as flores do monte, desenflora-se, perde as galas naturais, vulgariza-se, e eufastia.

E porquê?

O poeta lírico está sempre recolhido em si, e só canta, se a inspiração lhe vem de dentro. O infortúnio, raras vezes mesclado de instantâneos risos do contentamento, é a fonte do abundante fel, espremido em lágrimas, que humedecem o papel, onde o poeta lança, como um desafogo, a dor que precisa repousar-se, e respirar. Estes queixumes, umas vezes pacientes como os de Camões, outras sarcásticos como os de Gilbert ou Moreau devem ser indiferentes ao leitor que abriu um livro de versos por desenfastiar-se das realidades da vida. Que lhe importa a ele as esperanças ou as desilusões do poeta?

Como há-de ele entender as vertiginosas febres do espírito irreconciliável com as coisas do mundo sublunar? Como poderá ele compreender a paixão candente da poesia de páginas cinco, e o desalento sombrio de páginas dez?

Grande há-de ser o merecimento da poesia, personalizada, deixem dizer assim, no poeta para resistir à negligência sisuda dos que, fartos das suas, prescindem de assistir às lástimas alheias! Esse grande merecimento há-de consistir em três preciosas qualidades: primor de linguagem, conhecimento do coração, e elevada filosofia, tão elevada filosofia, tão elevada que a personalidade do autor desapareça nela, e fique a humanidade.

Estas três qualidades estão juntas nas poesias de Pinto Ribeiro, tão mistas que raro se nos depara uma estrofe, onde o autor não pareça esconder-se à individuação para que o homem transpareça na amplitude de todas as suas paixões. Saído de si, como a refugiar-se na região etérea das ilusões, o poeta balbucia na linguagem de homem pensamentos que lhe segredam os anjos. Suspende-se a reflexão perante a opulência da palavra, e custa-lhe a fitar a ideia. Então nos lembram dois versos de Dante:

Mirate la dottrina, che s'asconde
Sotto'l velame degli versi strani.

E, mais de uma vez, sentimos estranha alegria quando um problema sobre um verso de Pinto Ribeiro nos é, num relâmpago, lucidamente resolvido no coração, que o tinha sentido, que o tinha experimentado, que o queria assim dizer, e não pudera.

II

É tempo de satisfazer a curiosidade, se não é a ânsia, dos que, em 1856, não sabem que, há dois anos, se imprimiram, e se distribuíram alguns exemplares das poesias de Joaquim Pinto Ribeiro Júnior.

Antes disso deixai-nos fazer-vos, a uns, uma revelação vergonhosa, e a outros uma censura, menos acre que a indignação que nos está falando ao ouvido.

Há aí poetas, carregados de louros, aos quais pedimos por ociosidade (e mais nada) a sua opinião sobre os versos de Pinto Ribeiro. Irresolutos na resposta, ao princípio, vieram depois a um acordo com a nossa calorosa admiração, e disseram que o volume *Lágrimas e Flores* «tinha coisas muito bonitas». *Coisas muito bonitas!* Os quinquilheiros de *violetas e brisas e raios de prata* não viram senão coisas bonitas no que nós vimos o castigo mais severo deles. Estes não se nomeiam.

Talentos verdadeiros, capazes de ver um livro sem procurar nele as *coisas bonitas* como em vidraça de belfurineiro, viram o livro, ouviram-no-lo ler, porque os procurámos com ele, como se tivéssemos a peito tirar uma flor de entre os escalrachs e silvados que lhe obstruíam o acesso. Esses admiraram-no, subiram ao entusiasmo do leitor que lera muitas vezes *Lágrimas e Flores*, e perguntaram como era possível a obscuridade deste livro. Estes nomeiam-se: foram Evaristo Basto, Arnaldo Gama, e Barbosa e Silva.

Nós, apenas conhecido de Pinto Ribeiro, quando conseguíamos arrancar uma ovação aos seus versos, sentíamos um prazer indefinível —essa consolação inefável que só pode dar a ARTE...

Lágrimas e Flores são páginas como as dum livro de navegador, desafortunado na rota, risonhas poucas, porque foram poucas as enseadas onde cobrou forças para a tempestade; muitas as angustiosas, porque foram muitas as tormentas, onde, ao cabo, falecido braço e alento, o navegador fechou o roteiro, e abandonou-se à providência.

É a história do coração este livro; mas o desenlace, a catástrofe é... que nome lhe darei?... um triunfo? Dizei-mo vós, quando eu vo-lo tornar a perguntar.

Vede.

Em 1848, o poeta saúda as suas primeiras inspirações no Rio de Janeiro.

Era na estação das melancolias proféticas da existência que vem aos vinte anos; melancólicas e doridas como as saudades da existência, que se fecha aos trinta para os que amaram uma vez e descreeram muitas.

O vago anelar da alma quer o ermo então. O poeta ermava; e, na poesia que escreve, intitulada «Solidão» pergunta, como Petrarca:

S'amor non è, che dunque è quel ch'i' sento?

Nesta sua dulcíssima poesia, maviosa como um segredo que se murmura à visão dos corações inocentes e embelezados nela, o poeta diz:

.....
 Ó meiga soledade,
 Quem fruindo teu plácido sossego
 Não sente rodar-lhe
 D'alma a pendida flor mimoso pranto,
 E mais a mais não ama
 As doces mágoas dum sofrer tão doce?
 Só tu puras delícias
 Podes coar no coração, que sofre,
 E realizar seus sonhos,
 Só tu, só tu com mago encanto podes.
 Ah! se és propícia aos rogos
 E aos fundos ais do solitário amante,
 Não furtas a meus olhos
 A meiga virgem que m'enflora a vida.

É o coração que se dá às confidências da fantasia. O céu, o ar, a noite, o silêncio, figuram-se-lhe tão belos, tão amigos, tão votados a decorarem-lhe o mundo como teatro de ditas e júbilo! A candura com que nós atribuímos o dom magnético para as maravilhas, que nos vêm despontando no horizonte da imaginação! Assim o poeta, quando a lua se levanta «qual prateado alfange» pede à meiga solidão que a doce amada lhe pulule

D'entre os rosais em flor...
 Ou dos ridentes lagos,
 Toda rosas e luz e mimo e neve
 Aljôfar gotejando,
 Venha a sós na soidão sorrir-me afagos

Como então se imaginam as mulheres! É assim; há de tudo aquilo no prisma dos vinte anos: o que raras vezes há é o ideal dos vinte anos tão opulentado das louçanias da palavra.

E, depois, ou venha do céu ou do acaso, essa mulher que pedimos à solidão, aparece. O coração foge-nos do seio a dar-se-lhe todo por um sorriso. Palpitante de

comoções febris, o poeta exclama:

.....
 Se te diviso, o ar e a luz me fogem;
 Mil pulsações meu coração constangem,
 Louco titubo e o rubro humor nas veias
 Gélido pára.

Mas, se te escuto nas namoradas falas,
 Se em brando amor os olhos teus removes,
 Se a doce boca de corais entreabre
 Lânguido riso,

Oh! que delírio comparar-se pode
 Ao que minh'alma a ignotos céus arrouba?
 Sem cor, sem voz, sem 'spiração, sem alma,
 Trémulo morro.

No gozo desta felicidade, que se nos finge eterna, um ligeiro contratempo, nuvem entre a ilusão e o prisma, ausência, que nos escurece o panorama das mil lúcidas quimeras, arroja-nos ao abismo da desgraça, e convence-nos de que a nossa primavera terminou ali, com a esperança morta. Na mulher, por mais anjo que seja, descobrimos-lhe mácula de deslealdade, de ingratidão; mas tudo perdoamos, contanto que nos diga: «és injusto!» Aqui tendes melhor significada a situação do moço, no ardor da saudade, que o leva à dúvida instantânea:

.....
 Noite sem astro ser-me-á sempre a vida?
 Tua pálida imagem
 Que infante amei, que adulto me enamora,
 Será dest'alma ardente
 Um delírio sem fim num céu sem termo?
 Tuas juras mentidas
 E teu regresso suspirando – um sonho?

Vem, ah! vem; nos jardins da amena vida
 Breves passam as flores;
 Antes que as mate o suão, amor as ceife;
 E respirando-as prestes,
 Dos anos tristes na fugaz torrente
 Folha e folha as lancemos;
 Que a vida sem amor semelha a morte.

Folha e folha as lancemos... Reparai bem nesses quatro últimos versos, que têm uma ideia grande, que só assim pode dizer-se. Como o diríamos nós em carta fechada à mulher que pudesse entender-nos? «Sê minha, anjo; e quando o roçar do tempo, levando-te as asas, te deixar mulher, terei para a mulher a amizade que foi amor para o anjo.» E o poeta, porventura, respirando as flores, esperou que o tempo lhe levasse as pétalas uma a uma? Não. Foram juntas; *matou-as o suão*.

Ides ler a página negra, a mais negra do livro. Sabemos que lágrimas asselaram essa poesia. Está nela a história inteira: não vos subtrairei um verso:

A COSTANZA

Quando uma asa pavorosa
 Dos olhos te açoite a luz,
 E que tua alma orgulhosa
 Curve ao anjo que a conduz,
 Que de vaidades despida
 Volva um triste olhar supremo
 Às ruínas da extinta vida,
 Julgarás se tão cruel
 Cumpria tomar meu fado
 Se eras anjo só guardado
 A dar-me o cálice de fel.

Então, junto à negra estância,
 Pensa em nosso paraíso
 Nesses abraços da infância,
 Tão cheios de afago e riso;
 E uma lágrima piedosa
 Talvez sobre a campa ainda
 D'amor nos abra uma rosa;
 Talvez... – Não! nessas soidões
 Como há-de raiar bonança,
 Se da flor de nossa esp'rança
 Té calcaste os embriões?

Houve uma noite funesta,
 Noite mais que o vicio impura,
 Brilhante d'infernal festa,
 Onde solta ia a loucura;
 Onde a valsa delirante
 Em seu vórtice te dava
 Dum amante a outro amante;
 E onde, por entre alva cassa,
 Lumes, sons, cristais e flores,
 Toda risos sedutores,
 Se ia a luxúria devassa.

Ali fui, cego, buscando
 Alegrar meus negros dias
 No fulgor suave e brando
 Que dos olhos difundias;
 Mas a voz que me condena
 A viver sem ti, soltaste
 Num feroz riso d'hiena...
 E eu como estátua que dorme
 Sobre um sepulcro vazio,

Morto, quedo, frio... frio
Empedrei à dor enorme.

Perder-te assim quando a vida,
Por tapiz d'amenas flores
Deslizando adormecida,
Retratava um céu d'amores;
Quando em teu olhar sereno
Me raiava nova aurora
Doutro amor celeste e ameno;
Quando esta alma me doía
Por te amar inda tão pouco...
Perder-te assim! Louco, ai louco,
Que eu não soube o que perdia!

Alma infeliz, que te resta?
Esse amor mata e comprime,
Como ímpia mãe desonesta
Sufoca o filho do crime.
Já teu sol d'amor declina,
Já os teus templos brilhantes
De vida e glória são ruína!
Pudesse eu ao ver tal quadro
Num fundo sono tombar
E passar do leito ao adro
Sem dele mais despertar!

A dor assim não se inventa. Estes versos resumam lágrimas. A dor fantástica é a que vem, escoltada de raios e demónios, e punhais e maldições. Esta agonia geme, não grita; lastima-se, não amaldiçoa; move a simpatia pela paciência, e não incute o terror pela raiva.

Quando esta alma me doía
Por te amar inda tão pouco...
Perder-te assim!...

Que verdade! O supremo queixume duma paixão verdadeira não pode ser senão este. A perfídia surpreende-nos o coração que nos é estreito para o muito amor que quiséramos dar. O excruciante espinho, que primeiro no-lo rasga, deve ser uma angústia de abafar soluços. As reminiscências atrofiam-se; a saudade nutre-se das lágrimas que não podem rebentar nos olhos; nutre-se, e depois de exausto o sangue da ferida, ergue-se no limiar do passado, mostrando-nos lá em baixo a desolação sentada nas ruínas do nosso mundo. Pode ser que então a mulher esteja esquecida; mas o tempo não.

Que eu não soube o que perdia...

É essa a chaga que nunca fecha uma vez aberta. Os que não deploram a perda irreparável dos tesouros que lhes dera um primeiro amor, não amaram então, não amarão jamais.

Abstraindo da análise estética desta afectuosa poesia, há aí imagens

surpreendentes, com riquíssima linguagem. Esta:

E eu, como estátua que dorme
Sobre um sepulcro vazio,
Morto, quedo, frio... frio
Empedrei à dor enorme.

É mais tocante, mais imaginosa que a do *Oberon*, na tradução de Filinto:

Estátua imóvel
Semelha às que esculpidas, estão nas campas.

Estoutra:

Alma infeliz, que te resta?
Esse amor mata e comprime,
Como ímpia mãe desonesta
Sufoca o filho do crime.

Há aí sublimidade que nos força a meditar alguns momentos a feliz escolha da metáfora. Não se pode dizer melhor dum amor, que nos desonra, que nos vexa, que nos põe em risco de ignomínia, como o filho do crime à mãe que o sufoca!

A poesia é isto, meus amigos, que versejais ao sabor da rima. A poesia não está no dicionário do Cândido Lusitano, nem no cabaz portátil das edições amaneiradas de Lamartine e Víctor Hugo. Senti por vós, não sintais por eles: deixai essa maravilha ao magnetismo animal. Quando vos ferver na cabeça a bossa das rimas, água sedativa do Raspail, meus caros metrificadores, e dissipai da cabeça vapores que não sejam eflúvios do coração. É lá que se elabora a poesia, é de lá que ela sobe em sofreadas impetuosas, se a fere o génio, como o éter subterrâneo à superfície da terra, quando inflamado pela faúla súbita.

«Há uma idade para a experiência, outra para a recordação. O sentimento extingue-se por fim; mas a alma sensível fica sempre.» Verdade, como poucas verdades de Rousseau.

A alma do poeta ficou, talvez mais sensível ainda, não para os júbilos escassos da vida exterior, mas para repercutir os gemidos da humanidade, que, desde o seu despenho, se lhe mostrou qual era, trabalhada de angústias.

É moda entre os poetas, perdida a crença na mulher, afiarem o gume da poesia, espécie de faca de mato, e espotejarem a humanidade como o fidalgo da Mancha atassalhava odres de vinho. Com estes, perde-se a eloquência persuasiva de Sancho.

O bardo, mal-avindo com a sorte, declara-se corisco permanente, e não há pára-raios que o sustentem, a não ser um lugar honesto de aspirante a condutor nas estradas. Graças ao ministério das obras públicas, o senso comum tem aproveitado o que perderam os sócios da Abelheira, os tipógrafos, os entregadores e os tendeiros.

Amante desprezado, sabendo rimar, há-de necessariamente fazer-se um mau homem, ainda que tenha o coração de pomba. Se se digna olhar de frente a humanidade, carrega a sobrelha, ruge um sarcasmo, uma ironia por muito favor, e, no auge da sua modéstia, diz-se anjo perdido neste covil de demónios. Nega virtude e crime: não há crime, nem virtude. Nega lealdade em mulher: não há mulher leal; mas, como nega crime e virtude, a lealdade dispensa-se para a morigeração da espécie. Chascos, traduzidos literalmente do francês, os sentimentos bons, as coisas boas, as

mães ternas, as filhas submissas, as esposas estremosas. Os maridos, que têm o descoco de viver felizes, são uns ignorantes, embevecidos nas delicias do barrete e da alparcata, seus penates queridos. Diz coisas com muita graça a respeito do matrimônio; mas não inspira o receio dum herói de Corneille, do qual herói dizia o criado:

Je prévois du malheur pour beaucoup de maris.

Não haja medo.

O poeta, *céptico* por excelência, se não for isto, deixa de pertencer à família dos lémures, almas penadas que vagam neste mundo à espera dum novo traçado de estrada para fazerem com o tesouro uma junção hipostática.

Dissemos, antes desta nesga mal cabida que talvez aspemos, que a alma do nosso verdadeiro poeta ficou sensível para condoer-se em todas as aflições estranhas. Chora com o pai a perda da filha estremecida. Lastima a indigência do veterano que estende à esmola o braço desfalecido no serviço da pátria. Curva-se, piedoso e atribulado, sobre a campa dum amigo. Alenta de espíritos briosos o poeta, que a desconolação da vida desanima. Dirige ao cego Montalverne versos ungidos de cristã resignação, lúcidos e majestosos como um pregão do céu para os desconfortados da terra.

Julgais que o gélido coração da mulher ingrata coou na alma do seu cantor, com o veneno da tristeza eterna, o esquecimento do passado, e a indiferença do presente? Não. Alma assim afinada pode mão cruenta quebrar-lhe uma corda, mas o hino soará sempre, enquanto o dedo místico de Deus não desder a afinação que lhe deu no céu.

Recordações de auspiciosos tempos, pálidas sim, como folhas secas do outono que ainda pendem na frança onde a primavera lhes bafejou a vida, essas recordações gemeram em muitos dos seus cantos.

Na poesia «O bardo», onde Pinto Ribeiro, exaltando o poeta coroado de espinhos, faz a sua missão invejável, dulcificando os sofrimentos do génio, há versos, que nos fazem lembrar a flor mirrada que recatamos, memória de venturas mortas, flor, que não quereríamos perder, embora nos custe lágrimas o vê-la. Instiga o bardo a cantar Deus e a pátria. Vigora-o conta o infortúnio citando-lhe um grande mártir:

Do cisne de Sorrento a sombra heróica,
Já d'espinhos c'roadada a fronte em sangue,
Assim das margens do funéreo leito
Saúda o Capitólio.

Tal Gólgota sanguento o génio sobe
Para ralar nas porvindouras eras!
Aos prosélitos seus tal prémio guarda
A musa enfurecida.

III

Depois, como para dar conforto à mágoa alheia, da mal cicatrizada ferida destila gotas de sangue, reminiscências doridas de uma época de provação:

Ah! também minh'alma altiva
Respirava a chama viva
Dessa luz celestial,

Mas do corpo desvalida
Desce como águia ferida
As sombras dum fundo val'.

As duas estrofes seguintes não basta lê-las; é preciso pensá-las. Entreguemo-las à memória como um dos mais belos trechos poéticos, escritos nesta abençoada língua:

E do peito onde não vibra
Sequer uma débil fibra
Que não repassasse a dor,
Sai meu canto entristecido
Como dum cristal fendido
Mana um fluido sem rumor.

Que o astro da minha esp'rança
Já no ocaso se balança
Já soçobra o meu baixel,
Nem da glória a luz tremente
Me prolongará na frente
A sombra do meu laurel.

A desesperação, ainda assim, raras vezes turva a serenidade com que o poeta, salvando do naufrágio a melhor parte da sua alma, ameniza a revelação das suas penas. Só duas vezes, neste livro, encontramos a expansão da agonia irrequieta que supera a paciência. Na poesia «O bardo», que quiséramos transcrever inteira, há um desses raptos convulsivos. Diz ele ao poeta:

...quando da borrasca ao som roufenho
Teu cântico de morte houver soado,
E rota e muda pare a extrema corda
De teu canoro peito;

Quando, ó águia sublime, após teu voo
Ruidosas, negras asas despregando,
O sarcasmo satânico no espaço
Te houver quebrado o arrojo;

Quando já de sofrer libado houveres
Na funda taça a mais acerba gota,
E tuas grossas lágrimas abrasem
As cordas da tua harpa;

Quando, enfim, de precoce morte a ideia
Faminta o seio te assoberbe e rasgue,
Como abutre caucásio a rês lacera
Nas presas aguçadas,

E já teu coração mirrado e frio
Em convulso tremor busque repouso,
Repouso a um canto desse peito aflito

Que lhe foi berço e tumba,

E na poesia «O meu carnaval», onde a indignação do amor traído fere as mesmas cordas que vibraram aquele pungente canto «A Costanza»:

Vai férvida a festa!
E a valsa se apresta,
E em viva harmonia
Retinem cristais;
– Folia! folia! –
É o grito da orgia
Por salas, por bosques
D'acesos fanais.

Aí,

De rosas toucada
Na valsa encantada
Vagueia a donzela
Que ali me era luz.

Luz precursora do fogo infernal que se inflama na alma do poeta, quando sucumbe à traição dum riso...

Dum riso? – dum beijo
Que abrasa o desejo,
Que a mente lhe escalda,
Que o faz delirar.

Delirava o amante feliz, e a prejura queimada na chama da mesma vertigem, vai, segue-o, porque o *bosque distante*,

Co'a luz vacilante
Propicio os convida
Aos gozos d'amor.

A borrasca estala nos céus; as luzes extinguem-se,

O céu s'electriza;
O vento agoniza,
E a sombra, que aumenta,
No bosque os sumiu.

«Ó raiva! ó tormenta
Que todo me alenta!»
– Folia! folia! –
Ao longe se ouviu.

Ora vede que o poeta nem sequer nos diz que apertou o cabo do seu punhal! Em verso tão singelo uma ideia tão grande! Singelo, sim, mas rápido, impetuoso, cortante

como deve ser o pensamento em torturas destas.

E não vimos outros assomos de cólera em todo o livro. Pinto Ribeiro não quis fazer-se mais que homem, para se pintar como se nos pintam os poetas. Tal há que, uma vez infeliz em seus amores, a mulher indigna deles, faz todas as mulheres responsáveis da culpa duma, e arremeda constantemente o desesperado dos *Ciúmes do bardo*, que queria mergulhá-las todas. O poeta não prodigaliza afectos às que poderiam depois indemnizá-lo, como é mais de uso, e até nos parece que o mais acertado. Mas, se lhe falece coração para o amor, uma vez extinto, sobra-lhe amor à humanidade para desejar a uma os gozos da infância, e a grinalda de esposa; a outra o amor da terra, e os risos do céu; e a outra, que, porventura lhe adivinhara, na serenidade dos olhos lacrimosos, a viuvez do coração, diz o poeta:

Não tentes olhar-te nas túrbidas águas
Dum peito que sofre, que pode, sem dó,
Os lírios roubar-te da frente sem mágoas,
Mirrar-lhes o viço, volver-tos em pó;

Nem cinzas revoltas, que julgas sem vida,
Mas onde se enrosca serpente a dormir,
Incêndio que salta com flama subida
Se um leve suspiro te sente fugir;

Nem, dando a meus prantos suaves auxílios,
Dos lábios trementes me indagues, por Deus,
Se as lágrimas falam ventura em meus cílios,
Se nelas te adora minh'alma entre véus.

Mas deixa-me em tácita e doce linguagem
Dizer-te os mistérios que o lábio não diz,
Nos ermos da terra seguir tua imagem,
Ai, sempre segui-la num sonho feliz!

E embora não sejas.....

É tão rara esta franqueza em *metrificação!* O *metrificador*, que há-de ser por força uma das duas coisas, *D. João* ou *Manfredo*, se é o primeiro, nunca diz *embora não sejas*. Depois que consumiu trinta rimas, seu cabedal único diz sempre: *és*. Se se faz pelo teor do segundo, apraz-se em cortar no coração da mulher com a tesoura da consoante.

Ora, o senhor Pinto Ribeiro só consente à sua fantasia criar riquezas naturais e não monstros. O poeta profanaria a sua dor ampliando-a, às dimensões estupendas da escola pessimista, em verso. Naturalizando no coração sentimentos extravagantes, viria poetar a uma geração que mente muito na prosa da vida exterior; porém, quando o leitor de hoje se concentra para interpretar o coração num livro, depõe-no com fastio, se querem maravilhá-lo com cenas mágicas.

A boa poesia é tudo o que se nos revela ao espírito sem nos molestar o entendimento; é tudo o que nos banha a alma de unção, desprendendo-a dos liames terrenos; é, enfim, esse toque súbito, chamado arroubamento, ao qual o espírito segue espontaneamente como librando-se muito acima da terra nas asas dum anjo. De lá caímos, é verdade, quando o comércio com a realidade nos acorda da letargia

instantânea; mas, embora despertos, sentimos que há dentro em nós uma lâmpada nunca extinta.

Se raras vezes a sua luz se irradia por sobre as coisas da terra, é que, fechados os olhos à luz do mundo, a plenitude do seu fulgor virá então como crepúsculo da imortalidade.

Se não tendes desta poesia, não entenderéis a de Pinto Ribeiro.

IV

Por havermos dito que a poesia é o condão das almas que se elevam ao de cima do seu invólucro de barro, não se infira que o poeta seja de si uma criatura tão à parte das cousas mundanas, e tão alheio ao mecanismo deste planeta, que não haja necessidade de entreter relações com o género humano.

Uma, e talvez a primeira das suas precisões, é estudar, é saber. *Sapere est et principium et fons*, disse Horácio; e, depois de Horácio, provaram-no outros, grandes poetas como ele, com os quais é bom travarem relações, nas horas vagas, os mancebos inspirados.

Inspiração todos nós a temos, e talvez o pastor de ovelhas a sinta mais cálida que o «poeta de profissão». A diferença é dizer, é revelar, e haurir do tesouro da eloquência a riqueza da palavra. Por mais ardentes que lhe tumultuem as ideias na alma, por mais copiosa que lhe mane a veia do estro, se o poeta não tiver lá dentro essa outra faculdade de transfundir na palavra a imagem, poderá articular sons, rimar palavras, acumular ideias em confuso caos; mas vestir o pensamento dos trajes próprios, comunicá-lo semelhante ou quase semelhante à concepção, esta é a baliza onde param descoroçados os principiantes capazes de se verem nos modelos da arte. *Saber é o princípio e a fonte*, repetimos.

«Mas, como harmonizar entusiasmo e saber?» É Voltaire que pergunta, e responde: «Como César, que formava um plano de batalha com prudência, e combatia com furor.» Bem o entendem. Foi ele o que definiu a poesia a música da alma, mormente das almas grandes e sensíveis. Mas sabeis de que poesia falava o terrível crítico? Não era decerto duma tal poesia sem alma, sem vida, sem soro, sem um verso desses, como diz Filinto,

que encrava mais profunda na alma a ideia.

Da tal poesia diz Voltaire: «Um homem que só tem dáctilos, espondeus e rimas na cabeça, é raridade se tem bom siso.»

Donde devemos inferir que o poeta precisa saber mais alguma coisa que alinhar regras, e o retintim das consoantes. Voltando do céu por onde se alou em êxtase, visto que tem a generosidade de nos contar o que viu, há-de, se quiser que o escutemos apazivelmente, cativar a nossa credulidade vestindo as suas imagens com sedutoras jóias de linguagem, elegâncias portuguesas, que as há de sobra, alegorias benquistas do natural, e embaimentos que nos enfeiticem a alma, sem nos desprazerem à razão.

Esta espécie de magia, combinação do muito engenho e da muita arte, têm-na as poesias de Pinto Ribeiro, ainda aquelas que mais altas voejam nas regiões do ideal. «A visão», por exemplo, é uma, cujo título nos prepara para um género de pura fantasia.

Dizei-me: ao nascer do sol, os cabeços das montanhas que, primeiros, lhe recebem os raios, não se vos afiguram, destacando da colina ainda intacta dos reflexos, uma fileira de estátuas sobre as quais tremulam lâminas de ouro? Vede a pintura em versos do nosso poeta:

Longe, ao longe, mil píncaros suspendem
 No tácito horizonte um véu d'agoiro,
 Té que surja, qual mago, o sol das águas,
 E os transmude em tropel d'estátuas d'oiro.

Más já todo em rubis o ar s'inflama,
 Franjando d'oiro as nuvens purpurinas:
 Reflecte a luz cambiante o rocío trémulo,
 E alastra o dia as floridas campinas.

É o quadro visível a todos. Não há nada aí que seja mais doce ao ouvido do que acessível à razão. Vê-se em oito versos, sóbrios de imagens, e rigorosamente cheios de palavras todas precisas, um espectáculo majestoso. Nestas pinturas rápidas é muito feliz o sr. Pinto Ribeiro. Veremos nesta poesia uma outra de muito superior engenho. É depois que a imagem de sua irmã, morta e sentidamente chorada em duas poesias deste livro, desprende a trança dos cabelos para deixar-lha, e

Logo, em pálida luz fundindo as roupas,
 Manso e manso qual névoa se esvaece.

Se é possível materializar aos olhos da alma a vaporização instantânea do fantasma, deve ser aquela a imagem. É uma palavra só o fecho dela: *fundindo*. IÉ a mais simples e a mais própria. Quantas seriam rejeitadas por aquela? O conhecimento da língua dá esta glória à pertinácia, que crê possível desenhar com a palavra todas as cores da ideia caprichosa. Raros o conseguem de modo que a altura do estilo não dane à clareza. A regra do insigne A. Vieira para os prosadores não desdiz nos poetas: «O estilo pode ser muito claro e muito alto: tão claro que o entendam os que não sabem; e tão alto que tenham muito que entenderem nele os que sabem.»

A última quadra desta poesia só se encarece, trasladando-a:

Morte, bem pouco és tu quando salvamos,
 Mau grado os vermes teus, tempo e distância,
 Uma jóia que a esp'rança ao céu nos liga,
 Um laço que nos liga à morta infância!

De duas poesias vamos copiar fragmentos, onde a inspiração é verdadeira, altíssima, e ainda assim a frase, subindo com ela, não se nos esconde, nem nos rouba o gozo de segui-la. É o dobre de um sino, que electriza estas tão arroubadas e ao mesmo tempo tão simples imagens:

.....

Urna mística e sonora,
 Posta entre o céu e a terra,
 Cujo selo o pranto e as rezas,
 Dos mortais acolhe e encerra,

Té que um anjo às horas mortas,
 Horas de sono e d'amor,

Balançando-te nos ares,
As envia ao criador:

.....

Porque em ondas de tristeza
Flui teu dobre d'agonia,
Quando a escuridão nocturna
Inda envolve a torre esguia?

Pedes às loisas um anjo
Em teu matutino afã?
Também tu, piedosa campa,
Choras uma morta irmã?

Também por noite a procuras,
Deixando o repouso teu,
Nos negrumes das florestas
Nos raios do puro céu?

Também teu seio lhe envia
Doridos ais de aflição,
A cada bater sonoro
De teu férreo coração?

.....

Aqui são carinhosos alentos ao cego filósofo Montalverne, antecipando-lhe o gozo da imortalidade:

Dorme: breve assoma a hora
Em que em raios d'ouro e rosa
Brilhe a fronte luminosa
Do sidéreo Rafael;
E, queimando as ermas sombras
D'alma, que lânguida chora,
Te aponte a celeste aurora,
Qual visão d'Ezequiel.

Que a vida é rápida flama
Que exala o nocturno véu,
Como a espuma do escarcéu
Ferve, avulta e logo é pó;
É frágil baixei, que voga
Ludíbrio do pego cavo,
Se o tufão túrbido e bravo
Nas praias lhe solve o nó;

Rosa, que longe do rio
Pende ao sol, que lhe falece,

Que de mimosa languedece
 E o tenro viçor perdeu;
 É ninho, que uma ave tece
 E onde empluma o seio liso,
 Porque ao matinal sorriso
 Audaz voo enfie ao céu.

.....

É admirável que se possa dedilhar com tanto mimo, com tanta melancolia terna, este verso pequeno, e parece que só azado para o lirismo da graciosa cançoneta e da endecha pastoril!

Porém, quão suave ele soa depois deste ritmo grandíloquo da ode clássica:

Tu, qual águia fitando o sol ardente
 Da radiosa verdade... enfim cegaste;
 Como Paulo ao sentir da Divindade
 O sopro deslumbroso;

E teus olhos nas órbitas errantes,
 Bendizendo o extremo, húmido raio,
 Rolam na escura treva ainda, ainda
 Empós do Deus, que os fere!

.....

Oh! dorme o sono teu plácido e calmo
 Assim nos crepes da tristeza envolto!
 Mais santo e mais solene o templo fica
 Quando a alâmpada morre.

A análise a estas estrofes seria vã e fria. Há um sublime, que deslumbra os gabos da crítica, e retrai ao seu acanhamento a expressão do aplauso. Estas belezas não se apontam: seria uma tortura recomendá-las à compreensão dos que as não viram, sem lhas indicarem.

V

«O prazer da crítica tolhe-nos o prazer de sentir vivamente as grandes belezas» diz com justeza um escritor francês. Há críticas carregadas de erudição a trouxe-mouxe, as quais, estiradas em muitos capítulos, chegam ao remate, cuidando a gente que o crítico ainda não entrou em matéria. Tal crítico anuncia-vos um livro, propõe-se julgá-lo, põe em cena quantos escreveram em línguas mortas e vivas, incomoda todos os autores, menos o autor do livro que quer julgar. Esse tal, enlevado nas suas ideias, esquece as do livro que deseja apadrinhar ou deprimir. Como se o seu fim fosse escrever crítica para abrir a boca admirada da crítica, os enfeites e formosuras da obra, que se propôs avaliar, não o entusiasma. Não nos parece que o melhor método de analisar versos seja esse. A poesia étudo o que pode ser, se é boa; é a última expressão do nada, se é medíocre. A primeira não há encómios em prosa que a traduzam bem; é necessário citar, citar muito, ou restringir o juízo a poucas letras, dizendo: *é boa poesia*. Os aparatosos adereces com

que a análise se nos impõe é vaidade do crítico. O merecimento do livro censurado, se ele o tem, ou por maior que o tenha, há-de o leitor lá procurar-lho com o seu bom instinto.

Gostamos muito de ler a crítica, se ela é desenfeitada opinião do seu autor. Tal livro tem relevante merecimento? Tal página é bela e arrebatadora? Tal ideia é grave e rica de alta filosofia? Transcrevam-na, deixem-nos a nós julgá-la, e guardem lá o que é seu para os livros e para a crítica dos outros. Não nos velem a mediocridade com as suas farfalhudas literaturas, e deixem-nos ver as excelências da obra, desmembrada dos seus encómios, menos persuasivos que elas.

Com isto esperamos que nos absolvam do muito que havemos copiado das *Lágrimas e Flores* do sr. Pinto Ribeiro. *Que nos absolvam?* É incorrecta a expressão; queríamos dizer que nos agradeçam dar-lhes, embora desairados na mutilação, extractos de poesias que se disputam umas às outras a preeminência.

E já agora seremos contumazes, ainda que o autor nos diga que o ameaçamos com a 2ª edição do seu livro nos folhetins do *Clamor Público*.

De qual poesia trasladaremos agora?

Seja «Veterano e mendigo». O título está dizendo que é um soldado.

Mendigo, após ser bravo!

Banido dos soberbos tectos,

Cobre o rosto, ergue a voz que o pão granjeie
A já caduca vida;
Sem ventura, sem bens, sem lar, sem 'sposa,
Sem ter sequer por sócia
Alva filha gentil d'olhos suaves
Que as lágrimas lhe anime,
Tronco é sem flor, abandonado aos vermes.

Mendigo, sim; mas nesse estrado de miséria, ainda, oh bravo, te visitam os sonhos das gloriosas pelejas, onde mereceste a tua cana de irrisão!

Quando à réstia do sol as cãs nevadas
Dormido reanimas,
Hirtos de frio os mal vestidos membros,
Inda, em sonhos de glória,
Te ondula incerto aos fatigados olhos
O quadro sanguinoso
Duma peleja fulminante e brava.
Aqui negras se enroscam
No solo heróico as legiões travadas...
Lá, últimos arrancos
Se vão mesclando ao retintim dos gládios.
Granadas se atropelam...
Rebate rufos o tambor guerreiro...
Os mosquetes lampejam...
Ferve a guerra... mas tu sorvendo fumos
Lá onde os bronzes roncam,
E onde os rotos pendões tremulam mortes

Voas – o gládio vibra,
 Feres, rompes, abalas, matas, vences,
 E à luz dum tiro cais...

Aí fica um modelo da energia desta nossa opulenta língua, que não inveja os recursos de nenhuma. É um conflito de guerra, onde as palavras imitam o som do objecto que intentam significar. É a onomatopeia, em que os clássicos primaram; mas raras vezes a encontramos tão valente, tão impetuosa, tão demorada! Aí não há só a onomatopeia na palavra; está também na construção – deixai-me assim dizer – eriçada e escabrosa, em que a respiração se susta, e o leitor, que sabe ler, cuida reproduzir na voz o estridor da acção. É sublime. Com este só trecho de poesia, o sr. Pinto Ribeiro teria provado o seu engenho superior, se todas as outras não derivassem da mesma fonte caudal de primores de imagem, e galhardias de elocução.

Ora, se vos não esqueceu ainda o pobre soldado, quereis ver o que o nosso poeta lhe diz por fim?

Louros, honras não fazem
 Maior o esplendor d'almas tão grandes;
 A si se honra a virtude:
 Quem serve a pátria galardões não busca.
 Deixa, deixa piedoso
 Que os rapaces, fatais conquistadores
 Em abrasado voo,
 Quais soltos raios circulando a terra,
 Vão dela aos fins com sangue
 Fixar seu nome em colossais pirâmides;
 Tu – sofre, «morre... e vingá-te».

O sr. Pinto Ribeiro colocou entre vírgulas o «morre e vingá-te». Quis, porventura, significar que tomara esta flor de jardim de amigo: de amigo sim, com quem conversa muito, por ser dos seus, dos da sua terra, e amantes da sua língua. Não respigou na vinha vindimada de V. Hugo, e Alfred de Musset. Foi em padre António Vieira, que deixou muitos desses tesouros, cujo desencanto obedece aos que esperam, como Pinto Ribeiro, organizar de velhas achegas o edifício novo.

Aqui tendes como a ideia manou da tribuna sagrada, quando a tribuna sagrada era manancial de ideias:

«Se tiveste ânimo para dar o sangue, e arriscar a vida, mostrai que também vos não falta para o sofrimento. Então batalhastes com os inimigos; agora é tempo de vos vencer a vós. Se o soldado se vê despido, folgue de descobrir as feridas, e de envergonhar com elas a pátria por quem as recebeu. Se depois de tantas cavalarias se vê a pé, tenha essa pela mais ilustre carroça de seus triunfos. E se enfim se vê morrer à fome, deixe-se morrer e vingue-se»³.

Depois desta eloquência ardida e pomposa que nos raptou na poesia «Veterano e mendigo», quereis ver o que pode o talento no género alquebrado, mórbido e voluptuosamente feminil?

Porque foges, garbosa Madalena?
 Porque não dás que as néveas mãos te aperte?

.....

³ Sermão da 3ª quarta-feira de Quaresma de 1660.

Quero contigo a sós gemer suspiros,
 A teu colo gentil meu colo unir
 Quero em teus doces lábios
 Beijar-te... *e poi morir!*

Porque entrariam ali as palavras italianas, que são tiradas duma deleitosa cantata de Metastázio? Se lhe não achais o segredo, também eu vo-lo não quero dizer. Mas têm-no aquelas dulcíssimas palavras, cheias de langor e volúpia. Se têm!

Não estamos cansados de admirar, mas de escrever sim, e de escrever com dissabor por não podermos levar a palavra onde a alta ideia a chama.

Pendamos para o remate deste trabalho feito com lisura, há dois anos projectado, e agora posto em obra, ao correr da pena, sem vaidades de crítica, simples esboço em que me dou mais conta a mim que aos outros das minhas impressões.

Prometemos fazer uma pergunta ao leitor decerto esquecido. Vamos lembrar-lha um pouco mais abaixo.

Lágrimas e Flores é o livro de lágrimas: raras flores lá vimos, e as que vimos estavam aljofradas de lágrimas.

Duas poesias revelam a morte dum coração, que não mais ressurge nas outras. Destas há uma, onde se lêem os seguintes versos:

Venturosos que são esses que a vida
 Foram sumir na solidão dos claustros,
 Buscando longe do geral bulício
 Esquecidos viver, morrer ignotos!
 Quantas mágoas que a si sábios pouparam!
 Jamais lhes deitará dextra aleivosia
 Na taça do existir fel deletério
 Que ainda no alvor o coração lhes rale!

Porque me cumpre a mim fugir contínuo,
 Batei sem leme, a doce paz dos portos,
 E errar perdido em procelosos mares,
 Pedindo a cada vaga o meu sudário?
 Ao reverter da tempestade interna
 Sentir o coração ir-se exalando
 Em chorosas canções, baldadas preces?
 Sempre abrasado por febril delírio,
 Que mal suaviza o pranto, a cada instante,
 Debater-me entre as garras da agonia?!
 E contudo estes sons do órgão sagrado,
 Recendendo celestes melodias,
 Bastavam a calmar tão cru tormento;
 Estas vozes que gemem tristuosas
 Como suspiro de nocturnas brisas
 Por falhas de cruzeiro derrocado,
 E tão gratas em seu falar d'esp'ranças,
 Bastavam a subir-me a um céu tranquilo
 O atribulado espírito, bastavam...

Em outra poesia, gemido do coração apertado entre a desgraça e a dúvida, o poeta ecoando os mais tristes sons da harpa de David, sobe a Deus o seu hino assim:

Tu, que infindos milhões d'orbes luzentes
 Com teu sopro divino impeles, volves
 Quais sobre um manto azul esferas d'oiro;
 Cujos sumo poder só tem limites
 Onde a vista infinita te falece;
 Ante cujo saber a ciência humana
 É trevas, é demência, é fumo, é erro;
 Que estendes teu olhar beneficente
 Dos fundos mares ao cetáceo ingente,
 Da ténue gota aos mil boiantes seres;
 À sombra tua bonançoso acolhe
 A voz ansiada, o coração gemente
 De sussurrante verme, que divaga
 Antes da aurora a murmurar teu nome
 Para antes inda do tombar da noite
 Ir, átomo de pó, dormir na sombra.

Coração que assim se abria para Deus, não devia mais fechar-se ao raio da graça.

Joaquim Pinto Ribeiro Júnior, o poeta de «Costanza», e do «Meu carnaval», passou por cima das ruínas intempestivas das suas ilusões, subiu o primeiro degrau do tabernáculo do Deus vivo, e breve talvez, na consagração na hóstia, oferecerá ao eterno, com o sangue de Cristo, as lágrimas do homem remido por ele. O poeta morto ressurgirá, talvez, no orador sagrado? Não: nem essa, a única vaidade santa sobre a terra, acaricia o moço que não conta ainda trinta anos. Eu tinha dito:

É a história do coração este livro; mas o desenlace, a catástrofe é... que nome lhe darei?... um heroísmo? um triunfo?

Porto, 1856.

COELHO LOUSADA
E
SOARES DE PASSOS

(CARTA A FRANCISCO MARTINS DE GOUVEIA MORAIS SARMENTO)

I

Eu lhe digo, meu caro Francisco Martins, ao correr da pena, e ao sabor das minhas reminiscências o que me lembrar de Coelho Lousada e Soares de Passos. Incitem-nos estas linhas a ler amoravelmente os livros que nos eles deram. Nas poesias de Soares de Passos, verá o muito que o poeta viria a ser noutra terra, e noutro tempo. Admire-lhe primeiro o coração e depois o espírito. Do que é instinto do céu, do grande manancial de amor, ora plácido, ora borrascoso, derive na límpida corrente da razão. Veja que discernir, que lucidez, a que altivezas de crença o poeta se ala com o Deus de Milton, e as profundezas do desengano triste em que se engolfa com o demónio de Goethe.

Só o poeta emerge à flor do charco social, meu amigo. Só ele afinca as mãos ao arbusto da margem para apegar em chão de flores. Raro deixa de atascar-se com o arbusto na lama vulgar; mas, enquanto luta, há aí majestade que assombra. E se a sepultura o acolhe sem mancha, sem ódios, sem ter amaldiçoado a vida? Sublime espectáculo!

Não transluzia no sereno semblante do poeta do Porto a flama do íntimo da alma, donde a inspiração, e só ela denunciava o ardor. Ao ler-lhe os assomos, os anelos, as vertigens, aquele tão gentil devanear e arroubar-se em amores, o leitor desenha em sua imaginativa linhas vagas da fisionomia do Soares de Passos, e cuida que acerta amodelando-o pelas feições dos aparentados com ele por consanguinidade de génio. Lembraria Lamartine e Espronceda, Byron e Garrett, Manzoni e Schiller, um desses aspectos translúcidos por onde me quer parecer que a faísca da inspiração, ao cair do céu na alma, deixou vestígios radiosos.

Soares de Passos não dava ares da raça fidalga em que o legitimara o talento. Tinha barba e cabelos alourados; olhos grandes, mas lânguidos e serenos; testa escampada, mas sem o relevo das bossas, que dizem muito nas capacidades provadas, e zombam dos frenologistas quando se pronunciam em cabeças onde não penetraria um preceito de gramática, mesmo atado a uma bala.

Havia, porém, um como brasão indicativo de sua prosápia, em Soares de Passos: era a excentricidade – tolerem o anglicismo – era o recolher-se, o desapegar-se da gente, um quase solipsismo intelectual, que uns tratam de orgulho, outros apodam de acanhamento, e os mais cordatos e entendedores capitulam de misantropia.

Orgulho, não. Soares de Passos era modestíssimo. Acanhamento tê-lo-ia de educação e índole. Na Universidade conversava um ou dois amigos como Alexandre Braga e Silva Ferraz, e mal sabia o nome dos discípulos que mais convizinhavam do seu banco escolar. Misantropia? talvez; e, se o era, não há aí de que argui-lo. J. J. Rousseau foi misantropo até à raiva, e escreveu o *Emílio*, e amava os homens, contanto que os homens lhe concedessem que no princípio se arrebanhavam nos esterquilínios e comiam landes como cerdos.

Era de outro porte a misantropia do autor do *Firmamento*. Desadorava a convivência porque lhe emperrava a língua nas futilidades, lugares-comuns, e mil coisas que se dizem quando não há que dizer. Fugia a sociedade, por temor de molestá-la com o seu silêncio, ou molestar-se com a garrulice dela. E, se acaso, abstraído em suas

imaginações, pensava alto por descuido, e se deixava ir com a palavra depois da ideia, calava-se, de improviso, como arrependido. Nisto é que se descobria o homem dessociável, vezado a dialogar sozinho consigo, e precavido, de boa fé, se bem que injustamente, contra o menospreço em que cuidava que as manifestações de seu talento eram tidas na sociedade. Joaquim Pinto Ribeiro, outro grande poeta do Porto, também assim pensa. Cuidariam eles que no Porto podiam fazer o milagre de Orfeu entre os trácios ?...

A segunda vez que vi Soares de Passos estava eu enfermo. Tenho soberba da distinção que o poeta me deu. Disse que sentia os meus achaques, e calou-se.

Faustino Xavier de Novais, pulmão que bastaria a seis Mirabeaus, falou algumas horas em literatura, e pôde, afinal, invectivando a taciturnidade do nosso amigo, arrancar-lhe estas frases:

«Eu já não curo de poetas nem de poesia. Leio Correia Teles e P. J. de Meio como expiação das horas malbaratadas com Dante e Henry Heine. Habilito-me para escrever libelos àquelas horas da noite estrelada em que eu traduzia do céu, criança decrépita de vinte anos, os meus poemas.»

Isto passou-se há quatro anos. Nunca mais o vi. O poeta morreu há meses... quero dizer – morreu o jurisconsulto que era o sepulcro do poeta. Estava eu em Lisboa. Jornalistas, oradores, romancistas, dramaturgos, quantos conheciam e amavam esse nome, vinham pedir-me esclarecimentos da vida de Soares de Passos, uns para necrológicos, outros para biografias, e bem se via que todos sinceramente se doíam da perda que era de todos.

Herculano tinha-o abalizado o primeiro dos poetas contemporâneos portugueses. Era caprichosa a qualificação, mas perdoável o entusiasmo.

Mendes Leal admirava o *Firmamento*, e *Camões*; Bulhão Pato, Rebelo da Silva, J. C. Machado, A. Ferreira nivelaram com as dos melhores poetas as poesias de Soares de Passos. Daí vinha que para os mesmos que as não tinham lido, era ele uma vocação preeminente, e a sua morte perda grave para as letras.

Nisto é que se enganaram.

Para as belas, ou boas letras, como diria um purista, Soares de Passos tinha já morrido. O que vivia dele – a vida imortal do génio – era um livro de versos. Esse livro aí está; é o melhor do sentir do poeta que aí ficou. É o livro que contém os dons ingénitos da crença na vida em flor, cofre recheado das jóias do coração, os raptos escandecidos apontando ao céu para se encadearem no elo das afeições angélicas. O melhor da vida do poeta é isso, e cá o deixou ele. O que se perdeu que era? O coração, a urna onde ele queimava os seus incensos. Essa é que ficou aí quebrada, e daqui a dias ninguém saberá dizer aonde.

O poeta achou-se ilaqueado, tolhido neste mundo, neste viver do século industrial. As Lavaredas, a que se alumiam os operários da civilização, queimam a florescência do génio que não inventa máquinas, nem inventa a política, nem inventa reorganizações sociais, nem inventa sequer a riqueza, que infama a alma por dentro, e a veste por fora de placas de ouro para o brilho, e de cascavéis para a bulha. Soares de Passos não inventou nada. Amanheceu-lhe o seu curto dia com alegrias do céu: cantou-as. Quando o sol ia a pino, adorou-o como refulgência do trono do Eterno, e perguntou-lhe o seu destino dele, quando o mundo volvesse ao caos. Ao entardecer-lhe o seu dia, cruzou os braços voltado para o ocidente, e relanceou os olhos turvos do crepúsculo da noite por sobre a aridez do curto jardim em que lhe floriram os anos.

Depois, descansou no Senhor, porque o Senhor é tudo, está em tudo, e para os que dormem o sono infinito está ele nos sete pés da sepultura.

Nestes tempos, o poeta, se não morre, cala-se. *Tacuit musa*. Que é das líras de

Alexandre Braga, e Pinto Ribeiro? A sua estrela dos dezanove anos, Francisco Martins, que é feito dela?

A inspiração, nos primeiros anos, é uma bonina silvestre. Faça-se o poeta homem, queira transplantar a sua flor para terra cuidada em vasos de jaspe, e vê-la-á desmaiar-se e fenecer. *Amar a arte pela arte* é utopia. Os sacerdotes dela, agora, quebram o incensório na cara do ídolo, e vão lavrar o pão quotidiano metendo a relha do arado às flores que vinham desabrochando a orvalhos do céu.

Em que ponto há-de ser graduado o poeta no estalão das utilidades?

Não tem nenhum. É uma vocação perdida, excrescência que releva ser jarretada no leito deste Procusto chamado «interesse».

Quando, porém, a vocação é imperiosa e inviolável, o malfadado do génio e da sociedade não se mutila; suicida-se a contemplar com soro de lágrimas os embriões abafados de seus filhos, dos seus livros, da sua glória, e da sua imortalidade. Soares de Passos morreu assim.

Não me expliquem, por um tratado de patologia, o amarelecer, o esvair-se daquele peregrino cantor. A sua primavera de coração passara; o estio poderia dar-lhe ainda cálidos enlevos, e viria depois o outono a debulhar-se em frutos de orgulho para este clima estéril.

Não o deixaram. Veio o mundo utilitário, e geou-lhe, sobre a fronte ardente, inverno sem fim, inverno sem esperanças de réstia que lhe aquecesse o espírito entanguido. A avezinha escondeu o rosto sob a asa, e expirou. O poeta vestiu a mortalha de suas cândidas idealidades, e, como o Noivo do seu lastimoso hino, foi procurar a esposa entre os sepulcros, e não voltou.

Abençoada seja a tua memória, poeta!

II

Conheci Lousada há treze anos. Vinte ele teria, e simulava doze no espírito. Era uma imaginação a dele toda graças pueris, a brincar com as deleitosas imagens da sua folgazã poesia. Deste rir e descuido, descaía por vezes num melancólico cismar em que dava a entender que o lindo prisma lho empanavam as lágrimas.

Amava Lousada, nesse tempo, uma bela alma que Deus vestira de peregrinas formas...

Que gesto tinha tão lindo!..
Os lábios como sorrindo,
Os olhos como a cismar;
A fronte casta, e o seio
Arfando num vago anseio,
Qual névea pomba a rolar.

Vivia nela tão íntimo, e alheado da vida exterior que, se o tiravam de si para o fazerem girar na esfera vulgar, Lousada não entendia o mundo, e tinha coisas encantadoras de simpleza. A musa que lhe esposara então a fé, era o arcanjo bendito do primeiro amor, a esfolhar flores por tudo, a esmaltar-lhe de esperanças o vago porvir, e a poetizar-lhe a morte do que há mais arroubado nas visões do poeta cristão, quer este se chame Lamartine, quer Teresa de Jesus.

Um dia caiu do céu a lágrima dum anjo saudoso no coração da filha de sua alma. Responder ao amor do céu é morrer ao mundo. E logo o ar da terra instilou veneno nos pulmões da querida do poeta. Logo em redor dos olhos se andou um disco roixo. O

arrebol da manhã do dia eterno purpureou-lhe as faces. Era suave ainda o sorriso dela como a santificação na paciência, e no crer tudo que de além-túmulo segreda bem-aventurança à alma imaculada que passa, deixando fenecida sobre a pedra tumular a grinalda de dezessete primaveras.

Morreu em 1850 a estremecida de António Coelho Lousada.

Muitas poesias, posteriores àquela data, choram a imortal saudade da que levara consigo a mocidade do poeta, nunca mais re florida. Das poucas poesias que ficaram colecionadas num jornal de versos, damos amostra mais pela singeleza desenfeitada, que pelo extremado dos labores em que Lousada não se aprimorava muito. «Saudade» se intitula a poesia:

Quando as rosas da vida nos fenecem
Das folhas mortas linda virgem sal;
Como novas roseiras nascem, crescem.
Da semente da rosa que se esvai.

Eu vi surgir um dia essa donzela
Duma campa; na frente, reclinada,
Uma c'roa trazia bem singela,
Com suspiros e goivos entrançada.

No rosto brando e meigo lhe corria
Linda per'la de vivo resplendor;
Como nos lírios ao nascer do dia
Brilha o rocio que lhe traz vigor.

Os olhos eram tristes; mas tão belos!
Mostravam no fixar algum desgosto;
Tingia-os negra cor, a dos cabelos;
Cecém pálida era a tez do rosto.

Com a dextra apertava junto ao seio
Uma rosa já murcha (triste flor!)
Cativa dum pesar, no vago enleio,
De seus espinhos não sentia a dor.

Trajava longas vestes cor de neve,
Exalava de si grato perfume,
Circundava-lhe a frente, mas de leve,
Divina auréola d'anilado lume.

Eu vi-a! Desde então sinto no peito
Por ela bem estranho, e vivo amor;
Amei-lhe aquele triste e mago aspeito,
Amei-a com pesar e com ardor...

Quando a aperto nos braços docemente,
Quando louco lhe dou os meus carinhos,
Também nesse transporte pungir sente
O meu peito cruéis, duros espinhos.

Os seus beijos têm fel!... Mas amo-os tanto.
 Mil gozos têm até nesse amargor;
 E, preso dum fatal, mas ledó encanto,
 Deixá-la tento em vão... foge o valor.

Vagueio nos seus braços embalado
 No silêncio da noite o mais profundo;
 Segreda mil ideias a meu lado
 No meio do rumor que solta o mundo.

Quando durmo, de noite, com mistério,
 Na minha fronte um beijo vem depor,
 Levar-me do passado ao ledó império
 Sem ciúmes dum outro vivo amor.

Leva-me pela mão, fendendo o espaço,
 Até junto de imagem bem querida
 Cingido me conduz, em curto abraço,
 Para ao pé da que morta lhe deu vida.

Saudade a virgem chamam, que aparece,
 Que dos gozos perdidos, mortos, sai,
 Como nova roseira nasce e cresce
 Da semente da rosa que se esvai.

Lousada dizia com tristeza e convicção de que o deviam crer:
 «Eu tenho-a visto sentar-se ao pé da minha mesa de trabalho e à cabeceira do meu
 leito. Já passaram dois, seis, oito anos. Vejo-a sempre vestida duma luz alvacentá, o
 mesmo rosto, só é outra a luz dos olhos, claridade mística e inefável, de que me não fica
 reminiscência alguma.»

Na poesia «Martírios e saudades», exclama o poeta:

Acorda... acorda! Bastará meu pranto,
 Para de novo reunir teu pó;
 Da morte quebra, despedaça o encanto,
 Não me abandones neste mundo só!

Acorda, acorda!... No meu seio ainda
 Acharás fogo com que te aquecer,
 A chama pura, que acendeste, infinda,
 Que sinto n'alma bem intensa arder.

.....

Tenho saudades, que meu peito alenta,
 De bem lutuoso, bem fatal matiz;
 Que longe o tempo de murchar, sustenta,
 Cravar mais fundo vem letal raiz.

Tenho martírios!... Os que aí tens trançados
São mortas flores... vivem sempre os meus!
Falaz emblema!... Foram pois trocados
Os teus em lírios, por Jesus nos céus!

Não era este o género em que melhor saía o engenho poético de Lousada. Dava-se mais de primor com as graças e simplicidade dos contos, remodelados pelo feitio das lendas e solaus, das quais ele colecionara um livro, que esperava a última lima. Algumas dessas lendas foram estampadas em diferentes jornais, e acolhidas com aplauso. Cultivou menos a poesia ligeira, e aqui damos uma das mais conceituosas e bonitas:

TRÊS FLORES

O desejo é cravo esplêndido,
Todo fogo incendiado;
Lindo, lindo; mas tocado
Murcho cai no chão da vida.
A amizade é cecém cândida;
Matiz não tem, vivos lumes;
Mas em paga, seus perfumes
Suprem bem a cor perdida.

O amor é rosa mística,
Sonhada na quadra pura;
Mas nasce a tamanha altura,
Que nem a todos é dada:
Tem do cravo os fogos rútilos,
Da amizade a pura essência;
Fragrância, que esta existência
Faz par'cer curta, encantada.

a açucena mais vivida;
Mas, cortada, não floresce;
Não renova, pois fenece
Com o aroma o seu verdor:
Da rosa dura a fragrância
Tempo infindo – a eternidade;
Cortada nasce a saudade,
Triste, sim, mas linda flor.

Lousada viveu dez anos, esperando em cada primavera o reflorir dos anelos e esperanças, que nunca mais voltaram, a não ser com a visão da melancólica esposa do seu espírito, que levava consigo a chave do seu coração, e vinha, em cada abril, descerrá-lo, e colher a única flor nascida nele, a saudade. Tardava-lhe já a redenção, e Lousada dizia-me, com suave amargura: «A matéria bruta vive sem a alma. A massa nervosa é como a hidra de Lema: resalta esmagada e triturada. Eu já não leio sem mofa a «vida e morte» do fisiologista Bichat. O princípio, que preside às funções orgânicas, em mim é uma zombaria por chamar-se *vital*. Desde que me fugiu a alma, entrei num trabalho de decomposição tão esquelética e nauseabunda que já me olho a mim mesmo

como um viveiro de vermes que pensam como Descartes, como Leibniz, como Platão, como todos os vermes.»

A última vez que vi António Coelho Lousada, foi em 16 de novembro de 1858.

«Você cá fica – disse-me ele. – Eu vou-me embora qualquer dia.»

– Para onde vai?

«Eu sei cá! Vou para onde quiser Pelletan, Bossuet, Mafoma, ou Confúcio. Vou ali para o cemitério do Prado, e de lá veremos.»

– Enquanto assim se brinca com a morte, disse-lhe eu, não se morre.

Poucos meses depois, Lousada era um nome na memória dalguns amigos... com memória.

Para mim é mais que um nome: é um exemplo de paciência no infortúnio obscuro, de constância no amar uma saudade, de fidelidade à sombra duma mortalha, e de estoicismo para as penas que o trouxeram sempre supliciado.

Não tinha inimigos. Amavam-no todos, porque era muito desinteressado. Costumava bater nos bolsos vazios do colete, e então dizia: «trago aqui a minha independência.» Reparem no dito, que merece análise, e deve ficar em provérbio.

Lousada era um bom romancista. O romance, que mais viria a graduar-lhe o quilate do seu muito engenho, seria *Os tripeiros* começado no *Nacional*, e trasladado para livro, que se anunciou póstumo e completo como especulação de livreiro, que desluz a reputação do autor.

Estreara-se com a *Rua escura* editado segunda vez, e estimado dos leitores frívolos, e ainda dos doutos, como ensaio de romance histórico, e fidelíssimo aos costumes do século XVI.

Na consciência é outro livro mais reflexivo, e de estudo das paixões, em que Lousada se enganava, porque só entendera de uma, e essa nunca degenerara do colorido suave e lindo que trouxera do céu: o amor, e um só amor a uma só mulher, que fora, demais a mais, a crisálida de um anjo.

Escreveu outros romances de menos tomo, e à Ligeira; mas recreativos, de bom passatempo, e humorísticos, como agora se diz.

Foi também jornalista. Não colaborava para a salvação de república, convencido de que nas chagas da pátria não aproveitava o bálsamo do estilo. Enganava-se ainda. O estilo é que cura e salva tudo. Eu creio que as coisas vão mal em Portugal, porque os relatórios e projectos, e essas coisas que se chamam locubrações financeiras em papel, não têm estilo.

Escrevia Lousada alegres folhetins, quando havia aí uns lábios que lhe sorriam aos chistes e afervoravam a musa faceta. Cerrados eles para sempre, Lousada nunca mais escreveu folhetins até ao penúltimo ano da sua vida, em que publicou alguns, conceituosos mas dissaboridos do sainete antigo.

Tinha dom e jeito particular para engenhar novidades. Embrechava de história e ciência e filosofia a notícia de um dentista que inventara um mineral; ou a sova que um marido alcoolizado dera na sua metade escorreita.

Como crítico teatral era assim inteligente quanto consciencioso. Discernia com muito siso as belezas das óperas sem saber música. Aterrava as empresas lucrativas, e acaudilhava com a pena muitas ovações e pateadas.

Quis regenerar com incansável trabalho o teatro nacional do Porto. Conseguira muito, se o público o ajudasse. Escolhia as peças, traduzia-as, e ensaiava-as, e até fazia trovões, sendo preciso. O que ele não podia fazer era vocações, nem público benigno com principiantes. Retirou-se desgostoso, enfermo, e daí até morrer só teve tempo para recordar os dias curtos da sua felicidade, cuja memória ele quisera aturdir na sáfara das canseiras do espírito.

A. Coelho Lousada era de estatura menos de meia. Nos inquietos e ardentes olhos do talentoso moço, espelhavam-se as agitações daquela alma, que se estorcia como aflita no vácuo da existência. Era magro, e macilento. Nunca vi um sorrir de mais bondade e lhaneza.

Depois que se fechavam os teatros, tomava copiosamente café, e trabalhava até ao abrir da manhã. Quando não escrevia, meditava. Os seus livros mais folheados eram o *Faust* de Goethe, Hugo, e Byron. Foi muito lido em crónicas portuguesas, que estudava, e donde haurira muitas notícias. Conhecia o trajar de todas as épocas, e era consultado no tocante a costumes, como quem mais no Porto sabia desta especialidade. O aturado estudo das crónicas denunciava-o o romance *Os tripeiros* talhado pelos modelos de Walter Scott. Tinha bosquejado muitas novelas a cuja execução seria curta uma vida, e mesquinho o incentivo de um escritor em Portugal.

Não sei se algum escritor portuense dava mais esperanças que Lousada. Dos seus coevos quer-me parecer que não. No romance nenhum podia porfiar-lhe a primazia. Como poeta ganhavam-lha os principais.

Dou por terminadas estas melancólicas recordações, meu caro Martins. Agora vou recolher-me à minha Tebaida interior, e cismar com o porquê de irem deste mundo aqueles dois génios, como se os parvos, que cá ficam, não coubessem com eles cá! Eu ando a desconfiar que os validos da Providência são os tolos.

Na sua quinta de Briteiros, em Julho de 1860.

FAUSTINO XAVIER DE NOVAIS

MEU PREZADO NOVAIS:

Começo protestando contra o frontispício do teu livro.

Anuncia-se ali um *Juízo crítico* de minha lavra.

Juízo crítico! Duma assentada um substantivo e um adjectivo qual deles mais ambicioso!

Crítica, e *juízo*, os dois atributos mais sublimes do entendimento humano, prometidos assim, Faustino, com um desplante, com uma sem-cerimónia, com uma pedantaria capaz de invocar a minha nomeada neste meu mundo das letras magras, onde não há *juízo* nem *crítica*!

Declaro a ti e à Europa que nunca me passou pela ideia escrever uma chorumenta e condimentosa análise aos teus versos. Nunca andei forrageando nas searas estrangeiras um cabaz de sentenças em latim! (oh! em latim!) para convencer-te de que... há excelentes coisas escritas em latim. Menos ainda me preveni com um estirado exórdio, prenhes de filosofias, e fisiologias, e estéticas, e plásticas e não sei que outros recheios indigestos com que por aí se costuma empapar o magro peru. Aqui *peru* é sinónimo de crítica. Vê tu que mal encabeçada vai já a carta!

Vão agora berrar contra mim os borras da crítica, os cozinheiros de empadões literários, que travam àquele ranço alemão, tão ingrato aos paladares caprichosos dos teus e dos meus leitores, que querem a iguaria acirrante, leve ao estômago intelectual e digna de se esquecer uma hora depois.

Deixá-los berrar.

Eu desadoro tudo que me trava a uma certa riqueza pobre, esterilidade fecunda, que não vem a ponto de nada.

Por exemplo: um crítico de polpa, um pensador... (Deus nos livre de pensadores que se consomem, e nos consomem, para ensinar à gente que o espírito de 1758 não é o espírito de 1858!) um pensador sorna abre o teu livro, e sente o *ecce Deus* (latim!) que lhe manda escrever uma crítica.

Qualquer dos teus livros pode ser analisado num quarto de papel, porque a frase que louva, e a frase que censura, é uma só, e escreve-se depressa. O analista escusa armazenar uma enciclopédia para ajuizar duns versos.

O crítico, porém, prepara-se para a empresa como o jesuíta Sanches para os oito in-fólio *De matrimonio*.

Só de exórdio dez capítulos.

Os dois primeiros são um mito. Terceiro e quarto são uma análise do entendimento humano antes do dilúvio. Quinto e sexto a história do espírito humano desde Homero até à idade média. O sétimo é a poesia nas suas correlações com o género humano. Oitavo, o confronto do classicismo e do romântico. O nono, a análise do espiritualismo que actua na poesia do século XIX. O décimo é uma tentativa profética dos destinos da poesia.

O undécimo devia tratar de ti e dos teus versos; mas o crítico, aturdido pelas comoções da pitonisa, caiu numa letargia que o pôs às portas da morte... do senso comum.

Foi uma felicidade, quando não, as trivialidades, os epítetos obrigados, os lugares-comuns, os vagos reparos, as censuras sem doutrina, as doutrinas sem aplicação, os encarecimentos requentados, o mais comezinho dos gabos ou das repreensões, tudo isso vinha sem ordem para aí num magro artigo, simulando as barbatanas daquele monstro

do mestre dos Pisões que disse:

..... *Geme a montanha,
E veremos surdir mofo rato.*

Era isto o que tu querias de mim?

Ainda me não estreei, nem sequer me afoitei a ensaios neste supremo esforço da cabeça humana.

Há oito anos que te vi entrar no inferno das letras: já eu cá estava, quando vieste todo encolhido, e como que arrependido de haver pactuado com o demónio a troca dum perspectiva de comendador pelo alvará de poeta satírico, que te fora lavrado por Nicolau Tolentino, secretário perpétuo da academia infernal, onde foras proposto sócio pelo inimigo do deão de Évora, que está no céu (o deão) e mais o seu hissope.

Quando te vi assim transido de susto, balbuciando a medo as primeiras imprecações satânicas contra os barões, e algumas até contra o género humano, cuidei em te animar com não sei que ameigadoras esperanças de conseguires um dia o teu resgate, como S. Gil de Santarém.

Este S. Gil era um bruxo, que comprara a preço de sua alma filtros com que enfeitiçava as moças.

Tu, pior que o Santo do Ribatejo, embruxavas as moças com certos versos que nunca publicaste, e atazanavas as velhas arreitadas com a galhofenta sátira, e punhas cáusticos nos peitos dos velhos, opilados de coração, e obrigavas a falar as baronesas menos correctamente que o Casti fizera falar as tartarugas, e enfiavas a cabeça dos condignos maridos, afora as orelhas – que isso não eras tu capaz de encapuzar – em barretes com o nome da vítima, e demais a mais com um fartum a raposinho que não podia falhar.

Eras o diabo!

Eu meditei então seriamente no futuro da tua alma, e, a falar-te a verdade, também me deu que temer o futuro do teu corpo.

No tocante à alma, porção nobilíssima do poeta, e, se Aristóteles não mente, o único que a possui de bom tamanho, essa, meu Faustino, cuidei sempre que virias a redimi-la das presas de Satanás, quando a providência dos alarves se enganasse uma vez contigo, e te propiciasse uni capital, que, a juro de seis por cento, te rendesse o custeio dum carruagem, de assinatura de camarote, de algumas locais assopradas nas gazetas a respeito de um jantar, dum baile, de uma esmola, etc. Bestificado pelos seis por cento, estavas reconciliado com Deus e com os homens, e podias contar com aquela *bem-aventurança dos tolos*, de que reza Milton: *The Paradise of fools*.

Ora, o corpo, meu amigo, o teu corpo de poeta, suposto que tens belos e penetrantes olhos, não era melhor que o do cego Homero, que

*Tinha os tesouros de Apolo
E esmola aos homens pedia.*

Das impertinências daquele aparelho digestivo que a natureza deu ao poeta, por caçoada, tinha eu muito que discorrer, se viesse a ponto escrever aqui um libelo contra o fabrico do poeta. Há um sensível desarranjo no amanho desta infeliz criatura, exilada num globo onde a *Arte da cozinha* de Domingos Rodrigues tem quatro edições, ao passo que ainda se não exauriu a segunda das poesias de Nicolau Tolentino.

Isto é significativo, e atrozmente verídico!

O poeta devia brotar em alfombras de verdura, espontâneo como as florinhas do

monte. A aura da tarde, e o orvalho da manhã deviam filtrar-lhe o ar e suco da vida, não pelo esófago, nem pela traqueia, mas sim pelos espiráculos da inspiração, pelos orifícios absorventes da sua folhagem, admitindo que o poeta fosse folhudo como os arbustos das regiões orientais.

Então, sim.

As almas de eleição andariam sobranceiras a este tremedal em que Lamartine pede uma esmola à França, em que os bons filhos da pátria (da pátria!... que velharia!) vão, como tu, meu amigo, lavrar o pão da vida em torrão estranho, debaixo de outro sol, onde os suores são mais encalmados, e os desfiladeiros para a sepultura mais escorregadios.

Nada de melancolias!

Tornemos ao corpo, ao suplemento funesto do espírito, que tão arriscado trouxeste por cá, e tão milagrosamente salvaste do couce destes eguariços que tu arraçavas todos os dias com a maquia de fava que se lhes entalava nos gorgomilos.

Apareceste a horas. Eras o esperado dos oprimidos quando fizeste estoirar os primeiros estalos do teu látego. Fui eu o primeiro a anunciar a tua vinda aos pagãos. Disse-lhes em prosa que se convertessem ao senso comum; preguei-lhes a necessidade de aprenderem a ler, como estudo preparatório para entenderem o *Compêndio de civilidade*; para entenderem o tratado dos deveres sociais; para entenderem a cartilha do padre Inácio, onde se acham as bases da jurisprudência evangélica, onde se fala no fundo da agulha e no camelo, onde se fala em tudo, menos na estupidez casada com a riqueza, porque o redentor do mundo só muito depois deliberou enriquecer o estúpido para lhe provar o nenhum caso que ele fazia das riquezas.

Clamei no deserto.

Fui procurar-te ao fundo da tua gruta, onde te refazias de bravura moral para a tremenda cruzada, e disse-te: «Castiga-os.»

Era belo ver-te em pé diante de uma sociedade cancerosa até às medulas, tu, artista, tu, operário, tu, dependente dos caprichos dum vulgacho insolente, era belo ver-te, superior a ti mesmo, empuxado por impulsão estranha, cujo alcance nem tu mesmo antevias, sarjar fundo por estas carnes podres, chorriscá-las com o cautério da mofa, afogar o rugido dos lazarentos com a gargalhada pública!

Foi então que eu receei muito pelo teu corpo.

Olhei em redor de ti, e não vi os marqueses que abroquelavam o Tolentino das sanhas da gentalha; não vi o anteparo real que defendeu Molière das iras dos marqueses; não vi a tua algibeira recheada da munificente esmola do trono, que facultava o escárnio inexorável de Boileau.

Vi-te sozinho, Novais, e algum raro amigo de ti, e do teu talento, acoroçoando-te com os gabos da imprensa, furtando-te à meditação do risco em que te punha o estro indomável, no meio de uma gente que te encarava a medo, e te fugia com rancor.

Como foi que a fidalguia destes remos te não contundiou os lombos, com o cabo da enxada, herdada dos avoengos?

Não sei.

É certo que, até à data desta, o teu corpo passa incólume por entre as feras, como qualquer dos meninos do lago dos leões, e a tua alma multiplica-se em robustez, em coragem, em ardimento, em petulância contra os filhos mestiços da felicidade e da asneira.

Sinto isto, acabando de examinar as provas do teu segundo volume de versos.

Eis aqui as minhas impressões como a reminiscência mas vai ditando:

O teu primeiro volume era uma galeria de retratos tirados de perfil, e a furto, e de passagem, à maneira que os originais te acotovelavam nas praças, nos botequins, e nos

salões. O debuxo era rápido, como as aguarelas, caprichoso como os contornos de Grandville; mas a caricatura filava o bode expiatório pelas orelhas, e trazia-o à exposição da hilaridade.

Muitas vezes descuravas a elegância do metro para não arrebicar de enfeites o que era, de natural, feia e suja nudez. Outras, desgarravas do trilho de teu mestre Tolentino, lamentando que os holocaustos irrisórios deste tempo não tivessem aquele porte majestoso que ainda tinham os do século do professor de retórica.

Tinhas razão, meu poeta.

O teu auditório era o povo, o povo inculto, o povo que satiriza com um gesto zombeteiro, e fareja os «ridículos» com aquele fino olfacto do selvagem só afeito aos aromas naturais das suas selvas.

Se o povo te não entendesse, se o povo não batesse as palmas, se o povo não soltasse a estralada do riso, como castigarias tu a ralé engravatada? Se andasses com a sátira da forja para a lima, e da lima para a forja, até saíres a lume com as trabalhadas trovas dum engenho retorcido mil vezes, com que gente contarias que gritasse «rabo leva!» aos teus heróis de entrudo?

Quando muito, serias encomiado por meia dúzia de literatos a quem desses o livro, e esmorecerias de ânimo e vontade quando visses o barão cada vez mais parvo, e o teu livro cada vez mais pulverizado no lote do livreiro.

Escreveste como devias, e hoje escreves como deves.

Ensinaste o povo a entender-te a sátira desacurada da polidez tolentiana; o povo te entenderá agora a sátira mais esmerada, mais tersa, mais estudada, e, deixa-me assim dizer, mais fidalga.

O teu segundo livro é um progresso.

Pegaste dos mesmos sandeus e albardaste-os mais sécios. Em vez do cabresto paneleiro, afivelaste-lhes cabeçadas de verniz.

Estão bonitos assim.

O paladar mais pechoso há-de sentir o travo deste novo fricassé. O esmerilhador de locuções compactas, o amator do epíteto frisante, o impertinente que desdenha do verso sem filosofia, o mal afeito, que afere a sátira no contraste de Dinis e Bocage, há-de contentar-se do teu livro.

Vê-se que caldeavas repetidas vezes a ideia, porque o teu defeito, dantes, era adaptar o primeiro adjectivo que te ocorria.

A ciência do adjectivo é o mais relevante dote do escritor elegante.

Deixa lá dizer que o mais próprio é o primeiro que lembra. Não é assim. As quintilhas de Tolentino eram marteladas fatigosamente. Repara nelas e verás o brilho do buril incansável no epíteto. Achas às vezes três ideias num verso, em que cinco, para examinar três imagens.

Recorda isto:

«Alto topete, prenhe de polvilhos
Que descalço galego deu fiados;
De quebrados tafuis, vadios filhos, etc.

.....

Um quer ver, enfronhado em picarias,
Silvada testa no andaluz ginete;
Outro prova no chão a ponta fria
Do luzidio, virginal florete... etc.»

É sempre assim: um verso para cada exemplo, no primeiro poeta satírico de

Portugal, e estou por pouco a dizer – do mundo.

Queres confrontar-te com o autor d'*A Função*?

Revê-te nas quintilhas da tua resposta a *Manuel Coco*. É aquela a escola do teu mestre, e a índole genuína deste portuguesíssimo metro: ligeireza, conceito, e epítetos que lavrem o relevo da coisa adjectivada.

Não sei se leste, se adivinhaste muito em dois anos. Se meditaste Ferreira, Bernardes, e Camões, hauriste desses mananciais o mais selecto, e o menos aproveitado pelos metrificadores modernos. Aposto que tinhas degenerado do teu natural, se andasses enfrornado em francesias de Hugo e de Musset? Desluzia-se-te essa índole toda portuguesa e lhana que tão raros resguardam do coito danado do estrangeirismo. Escrevias lamúrias, isso é verdade, dessas que os Heraclitos denominam a vera poesia; mas, palavra de honra, eu não te lia, nem te lia alguém que se ache de sobejo apouquento com os desgostos próprios.

A poesia das elevações, dos êxtases, dos arroubamentos é individual demais para captar o interesse de muitos. Os poetas abstractos, os psicólogos, os orientalistas são excelentes criaturas, são talvez os que mais convizinham com os espíritos; mas, que queres tu, Novais? para quatro desses poetas não há quatro intérpretes: a gente sobe com eles um pouco, e, à maneira que os sublimes aeronautas se engolfam nas nuvens, vem a gente caindo como a areia despejada dos sacos do balão.

Terra a terra, é o que se quer agora, em que está provado que a lua, a casta lua não dá trela a poetas, nem arrisca a sua virgindade a troco de algumas trovas puxadas da alma.

Vivamos cá em baixo como toda a gente, guardadas as devidas distâncias. Andame por lá com as sátiras, assim escritas, assim amolduradas pelas do grande mestre.

Diz ao século XXII o que era esta gente, que eu faço por cá em prosa um arremedo da tua poesia.

Se disserem que havemos de assistir aos funerais da nossa reputação, deixa falar os despeitados, e os tolos iluminados.

Antes de assistirmos aos responsórios fúnebres que nos agouram os praguentos, havemos de enterrar muito lorpa, se Deus quiser.

Adeus, meu caro Novais. Diz aos nossos irmãos de além-mar, que tracem o *Juízo crítico* que vai no frontispício, e que não acoimem de impertinência escrever-te em letra redonda o teu

VELHO AMIGO.

Porto, 10 de Setembro de 1858.

MARQUESA DE ALORNA

I

Em Portugal olham-se de revés as senhoras que escrevem. Cuida muita gente, aliás boa para amanho a vida, que uma mulher instruída e escritora é um aleijão moral. Outras pessoas, em tom de sisuda gravidade, dizem que a senhora letrada desluz o afectuoso mimo do sexo, a cândida singeleza de maneiras, a adorável ignorância das coisas especulativas, e até uma certa timidez pudibunda que mais lhe realça os feitiços. Quer dizer que a mais amável das senhoras será a mais néscia, e que a estupidez é um dom complementar da amabilidade do sexo formoso.

Eu inclino-me um pouco para uma dessas opiniões. Entendo que a mulher de letras lucra em atavios de cabeça o que perde em graças nativas do coração. Os livros de que se pule, escreveram-nos homens, a ciência indigesta que elabora ministram-lha eles, o pesado e dogmático das concepções varonis pejam-lhe o espírito de frutos que nunca amadurecem, e usurpam a luz às flores que desbotam e fenecem.

Vai muito, porém, de mulher sábia a mulher ilustrada. Esta, se não faz da sua ilustração alardo para ser admirada, conquista a distinção na própria modéstia. A florescência do espírito não empece aos maviosos instintos do coração. Será sempre esposa benquista, e mãe venerável a que sabe o segredo de agradar com encantos de inteligência a seu marido, e educar seus filhos por um processo diferente das frivolidades costumeiras com que vulgarmente as mães cuidam influir nos ânimos da infância.

Afora as graças que opulentam uma senhora ilustrada no viver íntimo, não são menos de encarecer as que ela, despresumida e natural, revela no trato exterior, em que o silêncio pode ser algumas vezes juízo, mas muitas vezes é também o único atributo bom da ignorância.

A formosura, sem os enfeites do espírito, pode impressionar, mas não cativa. Os olhos vão pascer-se na beleza, e lá se extasiam enquanto dura o mero arroubamento do artista; mas a alma não se contenta dum olhar mórbido ou penetrante, e dum sorriso equivocadamente espirituoso. O que ata e identifica, o que lapida as facetas da «cristalização» como Stendhal denomina os primeiros labores que a simpatia entalha na alma, é a palavra em que o espírito se denuncia, é o clarão da luz íntima em que a face toda resplende, quer os lábios falem, quer os olhos, mais expressivos que os lábios, digam, dum relance, o mais disertado da eloquência do coração.

Não pode absolutamente dizer-se que a mulher de esmerada instrução viva toda na ciência e para a ciência. Vão ver um exemplo legado por uma senhora de grande saber. A condessa de Oeynhausen, ilustre portuguesa, foi a um tempo filha extremosa, esposa desvelada, mãe estremecida, e escritora de primeira plana entre os escritores coevos, e a mais abalizada entre as senhoras que a literatura portuguesa considera suas valiosas contribuintes.

II

Nasceu em 1750, e morreu em 1839 a senhora D. Leonor de Almeida Portugal de Lorena e Lencastre, condessa de Oeynhausen, 4^a marquesa de Alorna, 7^a condessa de Assumar, Dama da ordem da Cruz estrelada em Alemanha, Dona de honor, e Dama da real ordem de Santa Isabel em Portugal.

A quadra mais irrequieta em desavenças intestinas na história de Portugal, foi

decerto a decorrida durante os oitenta e nove anos da varonil senhora. Omitir os factos da política, mais ou menos travados em sua vida, seria danificar as peripécias de maior vulto na biografia que vamos debuxar.

Contava apenas oito anos, quando foi reclusa no mosteiro de Chelas, como presa do estado, com sua mãe e irmã. A malograda tentativa de regicídio, na noite de 3 de Setembro de 1758, tornara suspeito o marquês D. João de Almeida, que, em vésperas de sair do reino como embaixador à corte de Luís XV, foi aferrolhado nos cárceres da Junqueira; e sua família, exceptuado o filho D. Pedro, que entrava no quarto ano de idade, entrou no convento sob vigilantíssima espionagem.

A tenra Leonor, desajudada de mestres, estudou línguas, música, poesia e todos os dotes e prendas que mais aformoseiam a esmerada educação de uma senhora. De onze anos, era já ela a encarregada de responder às cartas de seu pai, escritas com o próprio sangue, desde as masmorras da Junqueira. Quando tinha quinze anos, por motivos de pueril escrúpulo, quis professar; deste propósito demoveu-a um ilustrado confessor, a quem depois fez uma ode alusiva ao previsto conselho que lhe dera. Dos dezesseis aos dezoito anos, adquiriram renome as suas poesias, recitadas nos outeiros, quando os juizes eram Francisco Manuel do Nascimento e outros deste tomo. Aí lhe deram nome de *Alcipe*.

O arcebispo de Lacedemónia condenou-a a dois anos de reclusão, cortar os cabelos, e trajar de cor honesta, porque ela tivera a audácia de conduzir seu irmão da portaria até ao leito de sua mãe, servindo-se do sabido expediente de dar ao intruso o encargo de um dos criados do mosteiro. Alcipe não obedeceu a todos os preceitos do arcebispo; e, ameaçando-a ele de acusá-la ao marquês de Pombal, Leonor respondeu com dois versos de Corneille:

*Le coeur d'Éléonore est trop noble et trop franc,
Pour craindre ou respecter le bourreau de san sang.*

Falecido D. José, e apagados na mão ferina de Pombal os raios com que, déspota plebeu, fulminava os inimigos da sua insultadora soberba, o marquês de Alorna, que entrara moço e galhardo aos vinte e cinco anos no cárcere, saiu, aos quarenta e três, velho, e alquebrado de terror, de penúria e de aflições. Foi buscar ao mosteiro sua família, e retirou-se ao campo, donde voltou revigorizado para abrir em Lisboa os seus salões à sociedade mais distinta. Então luziram os extremados merecimentos de Alcipe, e numerosos pretendentes porfiaram esposá-la.

Entre estes extremava-se o conde de Oeynhausen Graevemburg, que militava em Portugal com o conde reinante de Schaumburg-Lippe. D. Leonor preferiu-o. O conde abraçou a religião católica, casou, e veio para o Porto comandar o 6º regimento de infantaria. Aqui nasceu a primogénita deste ditoso enlace, a 30 de Novembro de 1780, a srª marquesa da Fronteira, mãe do actual marquês.

Nomeado ministro em Viena de Áustria, a instâncias da solícita esposa, o conde de Oeynhausen deixou Portugal. No trânsito, que fizeram por terra, Alcipe foi brilhantemente acolhida por Carlos III, pela corte de Luís XVI, e travou relações de muita estima com Necker. Em Viena tratou a imperatriz Maria Teresa, e recebeu de seu filho José II a insígnia da ordem da Cruz estrelada. Aí aprendeu com Pedro Metastásio as harmonias dulcíssimas da língua italiana. Nessa época pintou a condessa alguns quadros de subido valor, que se perderam, e escreveu alguns dos seus poemas, em que ainda se encontra o colorido da musa feliz.

Adoentada pelo clima, pediu licença para voltar a Lisboa. Na viagem, deteve-se em Avinhão, onde deu à luz D. Carlos, o seu primeiro filho varão; e em Marselha foi

outra vez mãe de uma menina. Infira-se daí quão vagarosa e desenfadadamente jornadeavam os felizes consortes! Dois filhos em viagem, para quem vinha em demanda de ares pátrios, não era pouco! O pior foi lutarem com os salteadores em Espanha, e com as ondas do Ebro à entrada de Tortosa. Destes grandes perigos a salvaram as suas heróicas resoluções, as quais não se relatam, porque o biógrafo mais prolixo no-las não comunicou na notícia que precede as obras de Alcipe.

Chegou a condessa sozinha a Lisboa, porque deixara o esposo em Marselha. Solicitou o adiantamento do conde, e obteve-o com próspero êxito, fazendo que o nomeassem tenente-general e inspector-geral da infantaria. Nomeado em seguida governador do Algarve, o conde de Oeynhausen, aos 54 anos de idade, morreu, deixando uma viúva pobre, com seis filhos, e formosura ainda peregrina, que não é decerto a mal arremedada nos retratos conhecidos que desmentem a tradição.

A saudade e a melancolia espiritaram as mais maviosas poesias da consternada viúva, no decurso de uma longa quadra de luto. Traduziu o livro primeiro do poema das *Estações* de Thompson, e o *Canto das solidões* de Cronegh. Mais valiosos dons oferecia a excelente senhora, fundando com os seus poucos recursos uma escola em Almeirim, onde as meninas pobres recebiam boa educação. Para lhes desenvolver o espírito, compunha-lhes trovas que elas pagavam com melodiosos cantares, e coordenava em verso lições da história de Portugal, trabalho que hoje se não conhece, e que devia ter bom cunho de originalidade, se não de deleite.

A excelente versão dos quatro primeiros cantos do *Oberon*, poema de Wieland, deve-se a uma aposta que a condessa fez com um tal Müller, comprometendo-se a traduzir para vernáculo, sem desluzir a energia e formosura do texto, qualquer poema alemão, provando assim a opulência da língua portuguesa que o contendor desairava para realçar a dele.

A casa de Alcipe era o confluente dos literatos estimáveis, dos fidalgos ilustrados, dos emigrados distintos, como M.^{me} de Roquefeuille, e até de artistas beneméritos, como o pintor Foschini. Este pintor, sob a inspiração da imaginosa condessa, executou alguns desenhos alusivos à nossa história.

Previendo a invasão francesa, cujos princípios a ilustre poetisa rejeitava, pretextou a necessidade de curar dos interesses de seu filho na Alemanha, e para lá partiu. Chegada a Madrid, aí soube que os franceses infestavam de novo a Alemanha, e foi à Corunha embarcar em uma nau inglesa, que a levou às praias de Inglaterra. Luís XVIII, expatriado, aí foi aportar também, e a condessa, condoída do desamparado monarca, a quem a Inglaterra não oferecia guarida, ofereceu-lhe sua casa. O rei de França ia aceitar o convite, quando um lorde, ferido em seu orgulho pela liberalidade de uma estrangeira, o aposentou no palácio de Hartwell.

Alguns anos permaneceu Alcipe em Inglaterra. Graves desgostos lhe amarguraram a vida, tais como a separação do filho que mandou para o Rio de Janeiro, onde estava a corte foragida, a morte de uma filha, e a desonra que enodoava a reputação de seu irmão, o marquês de Alorna. Em recompensa, dera-lhe a providência dos infelizes o talento como um bálsamo de celestial unção para as mágoas de mãe e irmã. Escreveu então as *Recreações botânicas* e a versão da *Arte poética* de Horácio, e o *Ensaio sobre a crítica* de Pope.

Voltando a Portugal para resgatar o irmão detido em França, foi intimada por parte dos governadores do reino para logo sair para Inglaterra. Instou debalde. Tornando para Londres, recebeu aí a má nova de que o navio portador da sua bagagem fora apresado por um corsário. «Deus o deu, Deus o levou» foi a sua queixa, vertida da do santo árabe.

Foram íntimas amigas a condessa de Oeynhausen e M.^{me} de Staël. «Eram na

verdade interessantes (diz um biógrafo da primeira) as conversações destas ilustres damas acerca das discussões políticas do tempo, seguindo elas opiniões diversas, e princípios inteiramente opostos. M.^{me} de Staël, nascida na Suíça, era republicana como seu pai, e adversa à causa de Luís XVIII, não obstante haver sido maltratada e desterrada por Bonaparte. A condessa era monárquica, sequaz da realeza, contrária a tudo quanto a pudesse vulnerar; e Luís XVIII era um rei legítimo: o que bastava para que a condessa sustentasse a sua causa. Achando-se ambas um dia em casa do actual duque de Palmela (*o já falecido*) que então era ministro de Portugal, onde tinham sido convidadas a jantar, começaram questionando sobre a dificuldade da restituição dos Bourbons à França. A condessa julgou-a muito possível; e M.^{me} de Staël, pelo contrário, decidiu-a impraticável, porquanto Luís XVIII (dizia ela) não tinha em seu favor mais que três coxos, e quatro cegos que o seguiam, aludindo exageradamente ao príncipe de Talleyrand que era coxo de uma perna; e ao duque de Blacas, que padecia dos olhos e estava quase cego. Não se turbou a condessa com esta decisão; mas voltando para o ministro da Áustria, convidou-o a fazer uma saúde à próxima restituição de Luís XVIII. Um ano depois, achava-se esta realizada; e, no dia seguinte à partida de Luís XVIII para França, foi M.^{me} de Staël a Hammersmith, morada da condessa, dar-lhe as desculpas de se haver enganado no seu juízo, aproveitando a ocasião de lhe dizer coisas muito lisonjeiras e agradáveis acerca do mesmo objecto, e do espírito da condessa»⁴.

Voltou a Portugal a condessa, já marquesa de Alorna, como herdeira do título e casa de seu falecido irmão, em Janeiro de 1813. Intimou-a a regência a que aceitasse o mestre que ela lhe indigitava para educação de seus netos. O proposto era um desembargador boçal, que a ilustrada marquesa rejeitou.

Recolhida a uma quase solidão com suas filhas, depois de reabilitar a memória maculada de seu irmão, Alcipe traduziu o *Roubo de Proserpina*, poema de Claudiano, o *Ensaio sobre a indiferença em matéria de religião* do celebrado Lamennais, e a paráfrase completa dos salmos, que raras vezes cede à do padre Caldas, em fidelidade, correção e elegância.

Às lides literárias roubava o tempo abençoado do bem-fazer. A vida corria-lhe já pacífica e consolada pelas alegrias do ermo e do estudo, e da religião, quando o maior golpe lhe separou dos braços seu filho João Ulrico, conde de Oeynhausen, e, aos 29 anos, coronel de cavalaria⁴.

Daí em diante a sua vida foi um continuado recolhimento de muda tristeza, raras vezes interrompida por trabalhos literários que assaz denotam a ausência da inspiração e vigor.

Desde 1833 que os alentos da octogenária senhora depereciam sensivelmente. Ainda assistiu às primeiras núpcias da senhora D. Maria II, mas já não pôde assistir às segundas; tão querida foi, porém, no paço, que mais de uma vez os sereníssimos príncipes a visitaram no seu leito de enfermidade.

No dia 11 de Outubro de 1839 expirou esta veneranda senhora, perpetuando a sua memória entre dois padrões imorredoiros: o de uma acrisolada virtude, e o do bem merecido renome nas letras pátrias.

Porto, 1858.

⁴ Notícia biográfica que precede a última edição em seis volumes, das obras de Alcipe.

CARTAS A ERNESTO BIESTER

JOAQUIM PINTO RIBEIRO

I

Estas minhas cartas, sem atavios, chãs e correntias, hás-de lê-las, meu amigo, como se o que vai escrito, fosse falado em fluente prática, numa banca de *café*, ou debaixo de uma árvore ripada e enfezadinha do *Passeio*. É isto um conversar, ao sabor das ideias como elas lá ocorrem, a quem, de cinco em cinco minutos, sacrifica o metodismo do discurso e diversões de tanta ou tão pouca valia como apertar a mão ao conhecido que passa, e escutar o frémito das ondulosas dobras de um vestido de senhora, o piar de algum pardal tresnoitado, ou a frase da orquestra, que nos dá rebates saudosos duma situação e imagem reproduzida pelo milagre da música. Milagre, digo, meu caro Ernesto, porque o viver presente é tão bonito, a gente anda toda tão feliz com o dia de hoje, e tão alegre nas esperanças de amanhã, que, só por milagre da música, pode o passado importunar-nos com uma visão saudosa. Isto é verdade.

Imagina, pois, tu que eu te estou dizendo, aqui nestas linhas, o que sinto e penso de uns livros que de fugida li, e de outros, que for lendo, nos curtos intervalos, em que me sento a limpar o suor à borda do sulco, em que há tantos anos revolvo, não leiva para medrança, mas terra de barro e cascalho, com admirável paciência minha, e pasmo dos meus amigos.

Direi, primeiro, do livrinho de Pinto Ribeiro. Já na tua penúltima crónica literária esclareceste a obscuridade do título: *Coroas flutuantes*. Fizeste bem, que já por aí andava nuvem de mosquitos a zumbir à volta do título, que aparecera na secção dos anúncios, sem o prefácio explicativo. A gente critiqueira, que eu mais temo, é a que dispensa ler um livro, logo que teve a felicidade de lhe ver o nome na vidraça do livreiro. Já uns tais por aí diziam que o poeta a si mesmo se coroava com os seus poemas, para forrar à república as incomodidades de o coroarem oficialmente como a Tasso e Quintana.

Vieste muito a tempo, dizendo que Pinto Ribeiro tirou de uma graciosa usança das moças de Varsóvia o título de suas poesias. São coroas de flores, que derivam na torrente, e com elas os desgostos. *Esperanças desfolhadas, pensamentos aflitivos, mágoas desesperadas, malogrados amores, tudo ali desaparece de pronto e a ponto, deixando a alma de novo a tragar espaço e liberdade*. Peregrina explicação de um formoso título! Aí está, pois, que disparou em mais uma das mais insinuantes poesias do livrinho o que pareceu aos vesgos estranha imodéstia.

Sabes que eu me prezo de ter sido o mais solícito apregoador dos versos de Pinto Ribeiro?

Há cerca de sete anos que eu escrevi o meu parecer sobre as *Lágrimas e flores* do poeta portuense. Raro ano se tem volvido sem que eu apele do marasmo dos bons poetas e da fecundidade dos maus, para o sólido e estudioso engenho de Pinto Ribeiro. Para os jornais literários, em que tenho colaborado, pedi-lhe sempre uma página, e contentava-me com algumas linhas, porque era sempre de lei a pequenina baga de ouro que ele dava, sempre pérolas, que muitas vezes vi afocinhadas por cerdos.

Ainda no ano passado, te escrevi, convidando-te a publicar neste teu jornal poesias de Joaquim Pinto Ribeiro. De tua parte houve pronta anuência; o poeta, porém, quis que o seu livro em tudo semelhasse a coroa flutuante, que as virgens de Varsóvia fiam da onda do seu rio: deitou-o às encontradas correntes deste mar, como quem se não

teme do menospreço ou desdém, e mais se quer olvidar das flores, que o mundo logo olvidará também.

Abre comigo este livro de 180 páginas. Há já um grande merecimento nesta parcimónia. Um livro, que tem quatrocentas laudas, é já uma iniciação de martírio, que nos vem da livraria com as folhas pegadas, e um consumado infortúnio, quando a curiosidade nos punge a levá-lo de três fôlegos até ao índice.

A primeira poesia é a «Espada de Afonso Henriques».

Já a leste, e sinceramente adivinho que a não releste. Foi, por ventura, esta poesia que te induziu a escrever... «Todas as vezes que o sentimento enche o coração do poeta, as cordas da lira vibram-lhe maviosas e sonoras. Quando, porém, se *deixa levar do arrojo de um pensamento ousado, não é tão feliz: prejudica-lhe o esmalte com falsas imagens.*»

Vou desavir-me contigo, e esta desavença há-de dar que falar à noite no Rossio. Decerto, leste as *Contemplações* e a *Legenda dos Séculos*, de Vítor Hugo. Da primeira à última, paraste muitas vezes assombrado das alegorias e metáforas audaciosas do eminente escritor. O teu discernimento Literário muitas vezes te disse que só um engenho santificado pela veneração universal podia dar cunho de boa moeda literária a atrevimentos desconhecidos nas velhas poéticas, e indefníveis aos modernos legisladores. E, sem embargo, aceitaste como sublime o que vinha de Vítor Hugo, o qual, porque tem cartas de criador, pode mudar setas em grelhas, a beneplácito do género humano, e seu.

Se me perguntas qual quilate assino às *Contemplações* e à *Legenda dos Séculos*, respondo-te que é tudo grande, tudo esplendidíssimo, em tudo se ouve o estridente voar da águia, que perde este mundo de vista, e vai, de nuvem em nuvem, conversando com os séculos porvindouros, que por lá se estão incubando as futuras cousas e futuros entendimentos. Eu, de mim, alegro-me de lhe ouvir o estridor das asas, e digo, ao que entendo e ao que não entendo: «Magnífico e sublime!»

Ora, façamos agora de conta que um dos nossos irmãos em letras, amoldurando a fantasia pelo que nos vem lá de fora, se afoita, sem menoscabo da língua, a medir o voo às alturas donde os poetas europeus legislam o sublime do nosso tempo, tão diverso do sublime de Longino, de Aristóteles e de Horácio. Sai-nos o moço com estranhas figuras em língua pátria, com dizeres nevoentos, e intangíveis a um espírito que desadora enigmas, e logo nós, por honra da crítica, lhe acudimos a dizer que seja singelinho e claro, que nos não entale com frases túrgidas, nem nos force a ir atrás da sua fantasia por todos os labirintos, em que ela se enredou, até lhe encontrarmos vestígios de saída.

Isto assim não tem jeito, meu caro Biester.

Tu viste falsas imagens em alguns versos de Pinto Ribeiro, e eu, com suma candura te digo, que vi poesia e só poesia, como eu a entendo, quando lhe é lei alevantar-se para merecer o titulo. Acreditei-o assim, porque esses atrevimentos me elevavam o espírito; e, se alguma vez me fogem do primeiro alcance, lá vou dar com a justeza da metáfora, e do trabalho me pago com o prazer de encontrar-lha. A ti, meu amigo, sobra-te claro juízo para aquilatares a jóia que perde o brilho no espaço que vai do engenho do poeta à nossa banca de estudo. O que tu estranhas, e eu também, à primeira vista, é o desusado em nossa língua, em nossos poetas, e nos mais clássicos poetas. Erro, porém, é dizer que não quadram à nossa índole os atrevimentos, que se aplaudem nos idiomas estranhos.

Na «Espada de Afonso Henriques», hei-de condizer contigo na última estrofe: é aquela em que o poeta diz à espada que, salvo por ela o reino, virá a repousar-se,

Tendo o Douro caudal por talabarte

E o Porto por bainha.

Aqui não há desmancho de bom siso poético; mas há coisa que dissaboreia ainda mais: e o gongorismo de triste memória. Aposto eu, porém, que o atrevimento metrificado em francês havia de ser aforado com títulos de feliz arrojo?

Passemos vinte páginas de poesias líricas, se devem chamar-se assim uns como fragmentos conceituosos de algum grande poema, que, a reveses, tem lampejado ao espírito de Pinto Ribeiro. Não o pensas assim, quando se te depara uma poesia, sem título, que cifra nesta quadra:

Bela, eu lhe disse, no teu calmo gesto
 Todo o sossego do teu peito leio;
 Bardo, disse ela co'um sorriso honesto,
 A lua é calma, e tem vulcões no seio.

O «Temporal na Madeira» é admirável na metrificação, vale como coisa engenhosa, em que a rima é muito, e a ideia raro deixa de sair lustrosa de entre os empeços do ritmo que tendem a obscurecê-la. Assim mesmo, é, a meu ver, a somenos poesia do livro, e a mais laboriosa. Pinto Ribeiro, já no seu primeiro volume, se afadigou com semelhantes dificuldades de metrificação bem mal compensadas no resultado. E, depois, este «Temporal na Madeira» não alvoroça, nem comove: é mais poesia para se ler à beira de um lago quieto, azulejado e estrelado pela cúpula celeste.

Desta página em diante, aqui tens a «Paisagem». Vê tu como aí pululam as belezas das melhores éclogas do Lobo e Quita. Isto é que é deveras português no jeito, nas tintas, e nos pontos da natureza rústica, em cuja cópia mais se deleitavam as palhetas, embebidas nas cores de Virgílio e Teócrito.

Lê-me agora esta «Amélia», que está morta, e no esquite é ainda bela,

Dessa beleza radiante
 Desse encanto que só vem
 Das estrelas reflectidas,
 Ou das lágrimas caídas
 Duns temos olhos de mãe.

Morrera no mais verde dos anos, porque

..... a inocência
 Como à pobre flor aldeã,
 O senhor quer que a existência
 Se finde na antemanhã.

Agora, a «Belila», namorada de um anjo louro, que a viu ao pé de espelhada fonte, e a convida a segui-lo:

Oh! comigo, ó filha do homem,
 Sobe aos límpidos espaços.
 Vem ser anjo nos meus braços,
 Eu serei mortal nos teus.

E a moça, leal aos seus amores da terra, resiste à sedução do anjo; e este, que, com

suas paixões, não sustenta a dignidade própria da sua pessoa, quer arrebatá-la numa nuvem diamantina; e ela, mesmo assim, vai clamando que há-de ser até à morte, e além da vida, do seu Ortez. Ora já vês que este sujeito era espanhol, e estava ali perto da fonte, escutando em ânsias os afagos do anjo. Quando, porém, o alado amator envolveu a raptada menina na nuvem, sai o castelhano, e exclama:

..... «ah! dom traidor!»

E, tirando a sua espada de Toledo, está claro que o anjo não quis mais saber da moça, e largou-lha, e deu a fugir de modo que o próprio dom Ortez, contando a façanha, remata assim com a costumada modéstia da sua terra:

O amor salvou-a a ela,
E as asas ao sedutor!

Creio que releste a poesia «À luz do crepúsculo». Eu não sei dizer qual verso das onze páginas seja frívolo, frouxo, ou pobre de pensamento. Estou a ver qual relanço hei-de trasladar para que os leitores do teu jornal, que ainda o não são do livro, se doam de o não conhecer. Lê comigo estas quadras, ligeiro ritmo em que raro terás encontrado tão graciosos e levantados pensamentos:

Pois que para ti me chama
Eosse poder imortal
Que a Beatriz eleva Dante,
Que eleva a alma ao ideal;

Pois que, entre as sombras profundas
Da existência, é a mulher
O só anjo que o Eterno
Nos permite ao perto ver;

E os meus pensamentos tendem
Para o teu rosto inocente,
Bem como as flechas das árvores
Para o lúcido oriente;

.....

Oh, sorri-me, alva açucena,
De toda a mácula pura,
Porque aonde tu sorris
Sorrirá minha ventura.

Por triste que seja a vida
Todos têm um sonho a abrir;
E o meu sonho em flor, beldade,
F ver teu gesto sorrir.

Nosso olhar em vão fixamos
No quadrante – o sol perpassa,

E como a linfa dos montes
Nos foge a existência escassa.

E sempre, nas festas nossas,
Da terra do adro um grão
Dança na planta que pisa
Alegre, e em cadência, o chão.

Tu és da minha alma o espelho,
Flor, como as do altar, santa;
O anjo que me diz: ama;
A fada que me diz: canta.

Tu és o raio luzente,
E eu o átomo sem cor,
Que só sou visto dos homens,
Se me doura o teu fulgor.

.....
.....

Não te lembro mais alguma poesia, a não ser uma que tem o título «Amaritudo». Esta, se o poeta me perdoa o estar-lhe eu aqui a copiar páginas do seu livro, transcrevo-a inteira. Tenho pena que o nosso mestre e amigo, António Feliciano de Castilho, o não ouvisse naquela noite das musas, em que, a meu pedido, Tomás Ribeiro, o mimoso poeta de *D. Jaime*, nos recitou a intitulada «Hiems». Quanto o encontrares, pede-lhe que te dê conta da impressão desses versos:

O céu era uma imensa abóbada de estanho;
E o seu mármore negro, entre alcantis d'azul,
Balouçando, espalhava o mar uru brilho estranho
Onde, negro corcel, banhava a crina o sul.

E triste eu contemplava a solidão sombria,
E as penhas que o escarcéu de espumas coroou,
Penhas, onde, elevando um canto de agonia,
Repousa do seu curso o viajante grou.

E onde às vezes tem vindo solitário
E sobranceiro ao mar o génio reflectir,
E imersa a mente em luz, longe inda do calvário,
Por sua imensidade os planos seus medir!

Por sua imensidade! ó luta interminável,
Em que o oução da sombra, ansioso de esplendor,
Do insondável quer ser a vara imensurável,
Da meta do infinito o audaz conquistador!

Será, disse eu então, seguindo sempre esta ave
Que existe além da vaga onde se morre o mar,

O porto, onde feliz afeire a minha nave,
E os puros ideais do meu vago cismar?

Será seguindo sempre aquela névoa escura
Ou rastreando, ó vento, os loucos voos teus?
Terra a terra, e ao sabor da vaga que murmura,
Navegando, ou lutando audaz c'os escarcéus?

E surgir e passar nas brumas do horizonte
Vi d'infidos heróis os vultos colossais,
Seus passos inclinando, ao chão pendida a fronte,
As prisões, ao desterro, ao fogo, aos hospitais.

Tasso! Dante! Camões, que a pátria glorifica?
Albuquerque que leis ao oriente impõe?
Sócrates! Galileu que o mundo ao mundo explica?
Byron que empunha a espada, e o corso que a depõe?

E passava, e passava a turba lastimável!
O cultores da ciência e da arte, eu disse então,
Para quê construir, se é eterna e imutável
Dos povos a injustiça e a negra ingratidão?

Para quê suportar com um zelo indiscreto
A ardente inspiração que a vida vos corrói,
Se teus quadros, pintor, teus templos, architecto,
Após vossos martírios, o tempo ainda destrói?

Ó noite, ó negro abismo! ó única verdade
Que a tudo como fim só me é dado encontrar!
O cova! única porta exposta à claridade
Do Bem, abre-te, pois, e deixa-me passar.

Meu amigo, falsas ideias e escuros preconceitos tenho acerca de poesia, se Pinto Ribeiro não é um poeta. Quer-me parecer que, em oito anos, esta ilusão, se o fosse, estaria desvanecida. E, depois, eu tenho, por igual, admirado os poetas contemporâneos distintos, e vejo que está comigo a opinião de quem lê com o coração nos olhos, e o espírito levantado do raso, onde nem mesmo a prosa se entende bem, quando não é a das cédulas bancárias pagáveis ao portador. Confirmam alguns votos muito qualificados a minha dedicação constante ao engenho de Pinto Ribeiro; o que eles não me consentem é comparações, e menos ainda preferências. Perguntam-me muitas vezes se eu antepoño Pinto Ribeiro a Soares de Passos? E eu, que já disse do falecido poeta louvores que por aí estão em esquecidos artigos, se tu me fazes igual pergunta, respondo-te que sim, que leio com mais affectuosa atenção e mais cativo os versos de Pinto Ribeiro. Pode ser que vá nisto moléstia de coração, rompimento de algumas fibras de fina sensibilidade, velhice, e impertinência que pode levar-me ao descoco de ainda reler com delícias o Francisco Manuel do Nascimento.

Seja como for, meu amigo; por enquanto as *Lágrimas e flores* e as *Coroas flutuantes* estão entre os meus poucos livros queridos, e as primeiras com primazia. Pinto Ribeiro não podia em pouco tempo reproduzir as suas primeiras riquezas, que o

seu trabalho é detençoso, e intervalado de grandes espaços de ociosidade, ou, melhor direi, de melancólica meditação.

Queres tu saber o viver quotidiano deste moço? É a soledade, a vida íntima de seus irmãos e irmãs. Irmã é já agora só uma. Aí vês nesse livro a elegia consagrada à segunda que morreu.

Aqui tenho eu o folhetim de um número da «Revolução de Setembro», do ano passado. Noticiava a próxima publicação deste livro, e aí nestes termos lembrava a morte de uma irmã do poeta:

«...Outra irmã querida perdeu, há três meses, Pinto Ribeiro. Matou-a a saudade do esposo, com quem apenas aquinhoara um ano da felicidade do amor, acrisolado pela virtude. O livro que a viúva, no verdor dos anos, deixou aberto sobre a cabeceira onde inclinou a face morta, intitulava-se *Os desposados da morte*, do visconde de Arlincourt. Lá foi o anjo após o raio luminoso da sua esperança procurar no céu a alma, que a deixara na terra, para dar testemunho de que o amor não é uma banal palavra, nem a saudade, em corações dolorosamente privilegiados, sentimento que transige com o tempo. Este lance de tanta e tão fúnebre poesia não terá inspirado ao irmão extremoso uma maviosa elegia?...»

Inspirou. Aí a tens a página 153 do livro:

.....
.....

E em lágrimas um dia ela me disse:
«Pela vez derradeira, hoje nos vemos;
Vem subir ao azul, sereno mundo,
Onde sempre tu tens os olhos fixos;

Este adeus entre nós abre um abismo,
Solidão que semelha a eternidade!...
Bem no sei, mas no altar sã falta a esposa;
Não chores, irmão meu, vou ser ditosa!»

E fascinada de ideais auroras,
Em seu leito de angústias reclinou-se.

Adeus, meu Biester. Eu pago sempre a preço de muita dor os meus afectos. Aqui estou eu agora mais que triste de recordar os anos da feliz juventude da irmã do poeta, porque me entre-lembro de que o céu também para mim naquele tempo era azul, e reluzente de átomos de ouro!

No Hospital do Largo do Monteiro, em 11 de agosto de 1862.

JÚLIO CÉSAR MACHADO

II

Este Júlio César Machado, que aí vês tão medrado no folhetim e no romance, conheci-o, há treze anos com todas as meninices de espírito e rosto. Não sei como ele foi dar comigo a escrever o *Anátoma* num cubículo da rua do Oiro. O que me lembra é que me saiu muito engraçado o Machadinho, e fiquei admirado, quando me ele disse que tinha um romance em começo, e muitos romances embrionários. Parece-me que o romance começado se chamava «Estrela d'alva». Bem escolhido título para a alvorada de um esplêndido dia!

Mandei publicar na *Semana*, jornal literário, o começado romance do pequeno, cuidando que ele se deteria a compor e recompor a continuação do romance, por algumas semanas.

Um dia, sentou-se Júlio à minha banca, pediu-me papel, e escreveu ali mesmo a continuação do romance, conversando ao mesmo tempo, em variados assuntos académicos, desde a escola realista da novela francesa até ao nariz aquilino da minha vizinha.

Conheci o pai de Júlio César Machado. Era um sujeito de trinta e tantos anos, se me não engano. Penso que foi o filho que mo apresentou. O bom pai, quando me via, apertava-me afectuosamente a mão, e dizia: «Desenvolva-me o rapaz que tem jeito para as letras.» Isto era-me dito com simpática vaidade, e muita alegria de esperanças.

Esperanças!... O pai de Júlio César morreu dois anos depois, legando ao filho o coração identificado no coração da viúva, um tesouro de que o romancista nos tem mostrado as jóias, aquela amada e amantíssima senhora em volta da qual o bom filho vai, às temporadas, colher as melhores flores dos seus livros.

Júlio César ficou aí em Lisboa, neste deserto de Lisboa, sem maná do céu, sem anelos da terra de Canã. E assim, desamparado da miraculosa influência que alentava o povo hebreu, Júlio César realizou o milagre de viver.

A meu juízo, a máxima prova da fortaleza do homem está no aguentar-se um literato por quatro anos de iniciação, neste infernal mister de escritor. O sr. Alexandre Herculano diz ironicamente e aviltantemente para o homem: «Glória ao rei da criação que, tiritando, geme!» O eminente historiador, em hora de menos zanga, teria visto a grandeza do homem no seu mais admirável modo de ser, e diria: «Glória ao rei da criação, que, escrevendo, vive!» Esta exclamação, porém, não seria entendida no estrangeiro, onde cada escritor com o renome de Júlio César Machado faz supor, pelo que consome, que tem uma série descendente de estômagos, e que morre devorado por prazeres.

Naquele tempo em que Júlio começou a escrever, os editores e os empreiteiros de jornais eram uns facínoras. Lopes de Mendonça, aquele brilhante espírito que já agora só tem olhos para ver trevas antepostas à sepultura, escrevia folhetins a doze mil réis por mês. Os doutíssimos em ciência de governar nações, alçapremas que erguiam e derrubavam governos, e ameaçavam dinastias, escreviam à razão de quatrocentos e oitenta réis o artigo. Estes varões desinteressados, mormente os últimos, davam a lembrar heróicos talentos de Grécia e Roma, que desciam à Ágora e ao Forum a salvar, por muito menos, as repúblicas, e iam contentes para casa, com uma coroa cívica de carvalho ou de outro qualquer vegetal barato. Os primeiros, poetas e romancistas, como Ésquilo ou Apuleio, também não eram mais arremessados em ambições, nem davam ao diabo o engenho quando *tantalizavam* diante das vidraças do Mata. Devia então ensaiar-

se, pelo menos com os literatos, em Portugal, um todo nada do regímen da Arcádia. O editor Lopes seria o primaz na glória do arregimentar os escritores em banda dos *barditos* para quem a bolota das selvas germânicas eram pastéis de nata.

Voltando ao nosso Júlio, meu caro Biester: penso que a primeira onda do Pactolo, que lhe inundou as algibeiras, rompeu do teatro do Ginásio para onde Júlio César inventava, imitava, e traduzia comédias; mas aquela rica onda era má por ser digestiva demais: os cobres, que apremiavam o escritor novel, eram logo consumidos nela, como acontece em Cantanhede, na «fonte das ferveças» cujas águas, no dizer do oratoriano Bernardes, até o ferro comem. Aqui há finos pespontos de alegoria, se me não engano. Nestes embelecões do discurso só dão boa saída os engenhos preclaros, como diz Aristóteles... *qui praeclari sunt ingenii*.

O primeiro livro de Júlio César, de que tenho notícia, era uma colecção de romancinhos, mui ligeiramente escritos, muito imaginosos e apoucados em verdade. A linguagem não era mais portuguesa que a forma. Os personagens eram lá de fora. Júlio César não achava aqui vida para observar e trasladar. Era como ave mal emplumada, nascida em montados calvos, que se namora dos arvoredos vistos ao longe, e, ao voejar para eles, cai de fraca para tamanho ímpeto.

Deu depois alguns dramas, que eu nunca vi, e em seguimento a *Vida em Lisboa*, romance de estreitas dimensões, mas exactíssimo, a meu ver, nos pontos observados em curtos horizontes. O dizer pecava ainda por muito afrancesado; era, porém, assim o genuíno dizer dos personagens na vida real. O autor não entrançou no entrecho, sequer, um professo de primeiras letras com vaidades de ter lido o Frei Luís de Sousa. Eram rapazes e raparigas que falavam, como viviam, muito à francesa. Por este lado não se há-de acoimar o romance.

Apareceu Júlio César folhetinista, e muita gente disse que a feição mais literária do escritor era o folhetim. Quem assim o conceituava chamando-lhe Janin ou Planche, conferia-lhe diplomas que valem mais que os de grande romancista ou grande poeta. Saber muito, e saber dizer o muito que sabe com muita graça, parece-me ser a condição de algum folhetinista bem sorteado. Possuir um sem o outro dos predicados é meia vocação, meia glória que não vingam jamais a metade que lhe falta.

Júlio César Machado tinha a clara e fluente linguagem, que o género requer; tinha ironias e remoques comedidos, como a cortesia manda; realçava no bem discernir o quilate das óperas cantadas, do cantor louvável, e do actor inteligente; achava de pronto as finas pedras do livro novo e assoprava mui delicadamente o cisco em que se deslapidavam, de jeito e modo que não fosse incomodar os olhos do autor. Estes felizes atributos deram ao folhetinista de diversos jornais um bem ganhado e soado nome. O vazio que eu, porém, achei nos seus folhetins era justamente o que lhe tem acareado muitos amigos: minguavam em crítica, doutrina, conselho e ensinamento. Ora, esta falta não se há-de arguir ao entendimento de Júlio César: é uma virtude nele, bondade de coração, dom que ele trouxe algum tanto abastardado de Paris, porque, já num destes últimos dias, o vimos mofando de si próprio, à conta das frases sacramentais com que ele saudava um livro novo, ou canonizava um autor velho.

O que eu nunca vi foi escritor mais subtil e engenhoso no dar notícia de uma obra, feita por pessoa que se não contenta com admirá-la, e quer, à fina força, que o mundo esteja com a sua admiração. Nestes lances, em que o bem-querente moço se tem visto tantas vezes entalado, é que está a expiação do talento. «O autor vai ficar contente – dirá entre si Júlio César – mas a crítica dos meus irmãos em letras que juízo fará em mim?» Cisma, e acrescenta: «Digam o que quiserem: mais me pago da glória de ser bom que da glória de ser justo.» Formosa alma!

Júlio César escreveu três biografias de actores, e a da cantora Lotti. Ainda as

releio com prazer. Até o estilo lhe enfeitaram as graças lusitanas naquelas boas horas em que nos deu o mais relevante cunho do seu engenho. Parece-me admirável a biografia de Taborda; é extremamente chistosa a de Sargedas e Isidoro; tem raptos de levantado sentimento e poesia a de Lotti.

Popularizou-se singularmente o livro denominado *Contos ao luar*. Raro jornal ficou silencioso à saudação dos romancinhos que tinham sido impressos em jornais, e (esquisitice da caprichosa voga, que libra em juízos do mundo!) despercebidos à primeira leitura. o merecimento dos *Contos ao luar* é o da singeleza, e da suma verdade. Júlio prima na graça, na naturalidade, – não amaneirada, a mais artificial de quantas há – do diálogo; e acelera habilmente as descrições, como quem sabe até onde chega o fôlego do leitor. E, depois, vai muito no ar infantil com que diz as coisas que até os velhos amam ler, como se lhas dessem na verdura dos anos. A boa mãe, ou o bom filho que leram a dedicatória das *Cenas na minha terra* deviam ficar querendo muito da alma ao livro. Nestes mimos de inteligência, e para assim o dizermos – juvenilidades afectuosas que nos vêm simpaticamente alvoroçar, é que está o melhor, a magia do condão literário de Júlio César.

Porque é que o público deu menos valor às *Cenas na minha terra*? Isso é que eu não sei, meu amigo. Pois vê tu que há neste volume umas vinte páginas finais que sobreluzem a quantas por aí vivem na memória das incansáveis leitoras dos *Contos*. Ali, o amor tinha uma filosofia, a desgraça também, o coração uma autópsia, e cada quadro uma explicação minudenciosa desde os longes do horizonte até aos contornos da primeira luz. Júlio César entrou-se da sua ideia, burilou-a, deu-lhe as grandes formas dos mestres mais venerados, e enganou-se com o seu mundo.

Ei-lo aqui está emendado nos «Passeios e Fantasias». Isto é mais leve, mais ao correr da imaginação, (que corre para Paris), mais conversável, e feminil. O romance de Teófilo Gauthier – *Jean et Jeannette*, penso que é – está primorosamente imitado. Ri mui de vontade com o baile da negraria, originalíssimo, como muito mais que o autor não pediu emprestado a Gauthier. Invejo tudo que é dizer depressa, e dar-me completa ideia do que eu só poderia examinar em muitas horas. Isso tem o nosso Júlio sempre, com o sobrelevante merecimento de raro falsear as cores e as vozes. Os outros escritos deste volume, mais ou menos cuidados na frase, lêem-se aprazivelmente. Há uma graça que é universal, seja qual for a língua que no-la dê. Uma coisa há aí chamada «graça portuguesa» que eu não sei bem o que seja. O grande Garrett foi quase sempre engraçado em francês no Arco de Sant'Ana. Se chamam *graça portuguesa* aos chistes da *Eufrósina* e dos *Vilhalpandos* e do Gil Vicente, Deus nos acuda, que não há maior desenxabidez, nem do antro de Trofonius eu creio se possa sair mais carrancudo que da leitura daqueles modelos de facécia nacional!

Temos conversado a respeito de Júlio César.

O que eu anseio agora dele é o livro de Paris, com as muitas novidades de um espírito observador, novidades cru nossa língua não imitadas de alguns maus livros que por aí correm de viagens, e recordações de viagens. O Júlio não nos há-de dar histórias engenhadas no quarto do hotel, ou a bordo do vapor. Diga-nos as impressões das pessoas e das coisas, sinceras e naturais, de modo que a suspeita de serem fantasias nos não venha aguar o prazer de termos no seu livro a fotografia moral de Paris. Bem sabe ele como é rápido o fotografar, e bem sabemos nós que não devemos pedir-lhe mais que o esboço das coisas, aperfeiçoado depois pelo sexto sentido do talento. Dois meses para estudar a capital do mundo! Não faz milagre nenhum o Júlio! Eu tenho falado com muitas pessoas que lá estiveram menos tempo, e trouxeram nada menos, que todos os monumentos de Paris num cadernito que Lá custa quatro sous.

O que devemos esperar de Júlio César é um livro muito divertido, muito risonho,

e todo graças características do seu original estilo. O laborioso moço escreverá assim muitos, hauridos por esse mundo, com o meio punhado de oiro a que deixar hipotecado o seu talento. Decorridos anos, quando a fadiga lhe esfriar o engenho e a vontade, vá Júlio César bandear-se com a caterva de sandeus, que enxameiam às portas das secretarias, e grite bem alto: «Aqui estou eu que também não sirvo para mais nada. Agora sim, mereci uma colocação na república!»

ERNESTO BIESTER

III

Há muitos anos que eu ouço falar na associação de escritores, denominada *elogio mútuo*. Constava, nas províncias do norte, que, nesta Lisboa, viveiro e alcáçar dos potentados da inteligência, alguns escritores se haviam acamaradado, e estatuído que uns aos outros se elogiariam de modo que, fora do seu círculo, nenhum talento pudesse vingar, e nenhuma imprensa desse notícia dele ao mundo. Entre os confrades desta associação do panegírico, citava-se o teu nome, Ernesto Biester, como um dos mais observantes e impecáveis sócios do *elogio mútuo*.

Este pacto, censurado acrimoniosamente pelos escritores provincianos, a mim não me pareceu bom nem mau. A gente, que eu via louvada e encarecida nas tuas revistas literárias, merecia sê-lo; a outra, que tu não encarecias nem barateavas, também eu a não conhecia. Pode ser que tivesses muita razão e muita caridade em a deixar no tinteiro. Eu também lá fiquei, e mais nove volumes que tinha publicado, quando tu, há anos, deste a lume uma *Viagem pela literatura contemporânea*. Não me queixei, nem me doí. Dei uma satisfação à minha vaidade, dizendo-lhe que nenhum escritor lisbonense achava praticável o absurdo de haver homem no Porto, ou do Porto, que escrevesse livros legíveis, e demais a mais, louváveis. Acreditava aqui ninguém que lá, daquelas serras do norte, pudesse vir coisa boa, a não ser vinho e presuntos? O Porto havia mandado a Lisboa mais alguma coisa, assim uma coisa insignificante como a liberdade; mas essa fora uma dádiva atirada, por sobre toda a monarquia, com pulso de ferro; e pulso de ferro é ideia muito material, quase a antítese de adelgaçamento de intelecto.

Era este o meu entender nisto de elogio mútuo; e, se não era o mais acertado, vinha a ser o menos molesto à tua fama e à dos teus camaradas. Entre todos, porém, eras tu o mais benévolo connosco, pobres rabiscadores provinciais, como o florentíssimo Latino Coelho nos denominava. Olha se te lembras de umas crónicas em que o ilustre professor, à vez com o sr. Silva Túlio, e outros de igual nervo, nos punham a pão de pedir; mas isto com um varejo de lusitanismos tal que as vitimas saíam sobremodo agradecidas da esfrega, e aprendiam muito. Numa dessas esfusiadas, fiquei eu tolhido por ter suspirado uma nénia sobre o cadáver de um anfíbio, que exalou, no Porto, o seu espírito de foca. Há-de sempre lembrar-me que estive a pique de ser metido num romance pelo meu mestre e amigo Túlio! Se o romance viesse a lume, um terço da glória em publicação de livro, como ele havia de ser, recamado de jóias clássicas, era indisputavelmente meu. As letras devem a Molière o *Peão Fidalgo* e o *Tartufo*; mas aqueles dois tesouros de verdade e graça deu-os primariamente a parlapatice e a hipocrisia. Ora, se o diserto Túlio me romanceasse, a causa ocasional do seu livro de ouro seria a minha pascacice de lamuriar defuntas focas e quejandas alimárias.

Voltando ao ponto do elogio mútuo; quando comecei de fazer umas visitas a Lisboa, e te conheci bem de raiz, e aos outros escritores mais ou menos pela rama, achei que tal não havia de se estarem convencionalmente os magnatas em fumigação de incensos. O que eu vi foi em ti um louvável e raro fervor de dizer bem de todos, admirando sem favor os grandes, e lustrando as baças produções dos pequenos com o verniz do estilo, quer descobrindo altas filosofias nas empolas da elocução ramalhuda, quer aventando Mussets e Zorrilhas nalgum esgrouviado bardo que mandava o nome da sua amada aos anjos, aos anjos, de cuja bondade o poeta devia unicamente esperar indulgência.

Não eras tu somente arquivista louvaminheiro do poema, da comédia, e do romance: eras mais que tudo, autor de sucessivos dramas aplaudidos. Nas mais repetidas composições do repertório de teatro normal assinalavam-se as tuas. Os literatos sublimes da tua benevolência iam ver-tas como qualquer mortal; assistiam às ovações espontâneas das plateias, e confirmavam a pública sanção com um gesto de consentimento, que valia muito dinheiro, se fosse coisa que se pagasse. Ora, como se dava que nenhum dos Literatos, arguidos de sócios do elogio mútuo, respeitava os estatutos, confirmando os louvores decretados pelo juízo de uma plateia ilustrada?! Nisto cismeí e repiseí, e decidi que era tola a crítica dos meus comprovicianos, e de alguns rapazes jeitosos cá de Lisboa, que ainda estão na madre a sorverem o cordão umbilical dos seus compêndios escolares, e já querem que a gente os veja com a cabeça por aí acima a topetarem com as nuvens!

Quem são, pois, os escritores arguidos de se estarem em perene admiração uns dos outros? Serão os que firmam o louvor do livro com o próprio nome? Os Castilho, Mendes Leal, Herculano, Rebelo da Silva, e outros, que, em várias províncias das letras, professam estreme e brilhante individualidade? Quem teria o descoco de molestar-se dos elogios mútuos destes nomes, se eles se elogiassem? As queixas bem traduzidas, quereriam dizer: «Reparem que estou aqui eu! Façam favor de dizer ao mundo que eu cheguei aqui ontem; e muita gente ignora que eu cheguei.» Teria que farte razão o adventício. Se querem ser escoimados da nota de se elogiarem uns a outros, digam que está ali aquele senhor, que escreveu antes de ontem uns versos a uns olhos verdes, principiou ontem um romance que há-de vir a ser um acontecimento; e, se Deus quiser, principiará amanhã uma epopeia, que há-de ser outro acontecimento pior.

Ia eu dizer, Ernesto, que tu és o escritor mais desajudado do estímulo do louvor: diria uma falsidade. Os teus juizes têm sido aos centenares em cada sentença. São as plateias independentes que não vão para ali respeitar nomes, nem preconceitos. São os homens, que primeiro compram ao bilheteiro o direito de ter razão no aplauso ou na reprovação. São os julgadores de superior e natural competência, que te ali têm dado, no temeroso tribunal do palco, as mais legítimas manifestações – as do senso público. Ali tens recebido o louvor veemente do homem, que não conheces, que te não conhece, e que amanhã te voltará as costas ao drama, se o drama desmerecer da sua complacência. Estes e os seus pares, é que são o supremo estímulo do teu numeroso teatro.

A leitura de um folhetim, arreado dos lugares-comuns da lisonja, dar-te-ia uma sombra da satisfação, e direi mesmo da glória, que tens gozado, quando a multidão se ergueu para aplaudir-te? Receias tu que vão dali aqueles sinceros e apaixonados apreciadores desmentir com um sorriso de velhaca piedade a sua demonstração de benquerença? Podem eles acaso segredar ao amigo que tu lhe pediste a graça das suas palmas?

Eu não conheço, em juízo de literatura dramática, senão um voto espontâneo, desassombrado, e único: é o do povo.

Dizem, porém, que o povo não sabe quando o drama se veste de farrapagem vasconça ou pompeia galas de locução portuguesa. Aos que me argumentam assim perguntaria eu porque é que o povo aplaude ferventemente o *Egas Moniz*, onde a linguagem é riqueza que vinga primazia sobre todos os outros dotes do excelente drama! Querem, por força, privar as plateias de ouvido e de gosto; é uma mutilação bárbara, à qual eu me não conformava, quando me diziam que, se queria agradar, espalmasse a Linguagem dos meus bosquejos dramáticos, assim mesmo ouvidos e nem sempre menos prezados.

Os teus dramas realçam no mérito da contextura. Ninguém te esquiva este Louvor: é a voz dos críticos unânimes. Todos, à uma te concedem o raro engenho de

tecer com poucos fios uma bonita travessão de lances e peripécias, à feição do paladar comum. Assinto no acertado parecer de todos: é mais que tudo custoso o architectar uma acção complicada e dentro das estreitezas da cena, sem molestar a verosimilhança. Vai nisto muito mais habilidade que em gisar romances de fantasia ou de história. Se é dom natural, muito devemos admirá-lo pela raridade; se resulta de estudo e ensaios, mais que admirá-lo, cumpre louvá-lo com todo o encarecimento.

Acho eu que os teus dramas carecem de linguagem calorosa e apaixonada. Parece que acintemente moderas o ardor das paixões, ou as revelas em termos por demasia tépidos. Isto, a meu ver, é dependência do teu carácter, se não é antes propósito, que pode ser explicado por atenções com o gosto do público. Tenho observado que o teu temperamento não desdiz da estirpe alemã donde procedes. A farpa abraseada de umas paixões, que escaldam a fantasia, quer-me parecer que nunca te feriu. Acho-te concentrado e taciturno como lá nos teus dramas se me figuram os teus personagens. Daí procede a incisão do teu diálogo, a curteza, aliás judiciousa, dos solilóquios, e o curto fôlego dos arrebatamentos e explosões, quer de ódio, quer de amor. Aqui não há de que arguir-te: é a tua índole literária. Se a quiseses falsear, darás contigo no desatino, necessário resultado dos esforços negativos. Eis aqui o copioso catálogo dos teus escritos para teatro:

Rafael, drama em três actos

Um quadro da vida, em cinco actos

A Redenção, em três actos

Duas épocas da vida, em dois actos

Os homens sérios, em quatro actos

A caridade na sombra, em três actos

Os moços velhos, em cinco actos, e seis quadros

Um homem de consciência, em dois actos

Nobreza de alma, em dois actos

Primavera eterna, em três actos

Um drama no mar, em quatro actos

Abnegação, em quatro actos

O jogo, aprovado para prémio no concurso dramático de 1862.

Com Luís Augusto Rebelo da Silva colaboraste na *Mocidade de D. João V*; e comigo na *Vingança*.

Omito as traduções e imitações que, a semelhança da *Cora*, deram épocas de grande concorrência ao teatro normal, e a ti a glória de desenfastiares o paladar empapado das multidões com o perrixil de estupendos sucessos, tão diversos do teu jeito de escrever e contar, como todo o respeito à verdade do coração.

Mais ou menos, todos os teus dramas têm sido aplaudidos e conservados na cena, fundando todos em factos correntes. É, pois, preciso que o engenho supra a falta do maravilhoso, de fantasmagoria, e absurdidades que enleiam e enlevam as turbas destragadas pela renascença dos tablados da Mouraria. Tens vencido, à custa de uma lenta reformação dos espíritos, criar afeição à singeleza dos quadros da vida, como ela é em suas sinceras dores e sinceras alegrias. Seguiste o encalço de Mendes Leal, que tão conscienciosamente e brilhantemente emendou com o drama moderno a escola, que implantara, desde os *Renegados* até ao *Pagem de Aljubarrota*. Assim que o primeiro dramaturgo em Portugal – que em toda a parte seria um dos primeiros – inaugurou o drama espiritual – os teus passos necessariamente deviam ser seguros, e o público veria em ti o discípulo do grande mestre. Viu, e viu exageradamente. Ouvi eu dizer que Mendes Leal te pautava e esquadriava a forma de teus dramas. Nunca elogio tamanho te

podiam fazer amigos! Se inimigos eram, que outra maior vingança poderias querer da calúnia, senão a consciência de ser teu o trabalho, trabalho que os cata-cegos atribuíam a Mendes Leal? É onde pode chegar a malquerença lorpa! Também o grande Garrett tinha um tio bispo de Angra que escrevera *D. Branca*, e o *Camões* tirou-o ele da gaveta de um francês, e o *Fr. Luís de Sousa* caiu-lhe assim da lua, e também o autor dos primeiros dramas de Mendes Leal era um tio monge. É preciso que o escritor invejável não tenha tios nem amigos inteligentes, para lhe ser concedido por de sua lavra o escrito. Quando o sr. Martins Rua publicou uma epopeia chamada a *Pedreira*, disse toda a gente que era dele o poema. Da autoridade dos livros do sr. Carreira de Melo também não me consta que duvide alguém. Um homem, que quer ser o legitimo senhor dos seus escritos, pelos modos, há-de escrever parvoçadas. Isto é duro de tragar!

Não me chega tempo nem espaço para amiudar análise a cada um dos teus valiosos dramas. De todos me recordo como modelos para estudar os segredos da cena – o maquinismo que é o essencial destas composições. Se os primeiros são levemente esmerados no estilo, os últimos denotam mais reflexivo trato com as locuções portuguesas. Estás em mui sensível progresso nesta importante feição dos teus trabalhos. Quando vieres a concertar o engenho inventivo com a lapidação da palavra, terás adiantado muito na perfectibilidade do difícilíssimo passo de que hás saído com vitória, e esperanças para mais. O teatro português deve-te muito, e tu deves ao público, que te aplaude, o mais que é razão esperar do teu talento e vontade.

JÚLIO CÉSAR MACHADO
E
MANUEL ROUSSADO

IV

O Júlio César desempenhou-se engenhosamente da sua promessa de um livro de viagem a Paris e a Londres. Engenhosamente digo, porque é muitíssima habilidade compor um volume curioso e recreativo com a notícia das impressões individuais de quem o escreve, impressões todas recebidas do que primeiro se vê. Se o autor fosse menos copioso e numeroso, menos engraçado no seu modo de contar, e na galanteria com que observa os homens, as mulheres e as coisas, em minha boa verdade te digo que o infortúnio entrara com ele no *Ville de Brest*, embarcou de novo com ele no vapor das *Messageries Impériales* em Bordéus, e perseguiu-o ainda desde o cais das Colunas até à esquina em que Júlio César viu afixada a notícia dos espectáculos do *Tigre marinho* no Calhariz.

O desditoso embarca ali no Tejo, e despreza a ocasião de discorrer ao longo de dezasseis páginas acerca do Tejo, onde veio Ulisses fundar Lisboa, por ter gostado muito dos ares de Cheias, onde Aquiles se escondeu entre as vestais para não ir à guerra de Tróia, o covarde maricas! Júlio César com uns retalhos de Plínio, o moço, de Ravisius Textor, de Dionísio de Halicarnasso e de Estrabão podia ter alinhavado uma entrada no livro à saída da pátria, coisa lardeada de sucados condimentos, com os quais a gente ficasse a impar de sapiência!

Sai Júlio César por essa barra fora e a monção é desgraçadamente de servir. O céu está sereno, o mar manso, os odres de Éolo estão tapados. O navegante chega a Saint-Nazaire sem naufragar, sem um incêndio a bordo! Não vê mesmo uma tromba marinha, nem sequer uma baleia! A essa assim estúpida navegação acrescenta o enjoo, e aí tens a suprema injúria que pode fazer a natureza a um sujeito, que sai da sua terra para contar sucessos de estranhos climas. De mais disso, este Júlio, teimoso descultivador das musas, faz mal em as não acariciar de vez em quando. Haviam de valer-lhe muito nas aborridas horas que passou no mar, se é que o nosso amigo para acume da desgraça, nem sequer viu um bando de gaiotas. A vê-las, acudir-lhe-iam logo à memória os versos de Almeida Garrett:

Longe, por esse azul dos vastos mares,
Na soidão melancólica das águas,
Ouvi gemer a lamentosa alcíone,
E com ela gemeu minha saudade.
Etc.

E depois, se o Júlio fosse um poeta local e ocasional, mal de nós e dele, se o seu livro não vinha com uma ode, ao menos uma ode datada no mar alto, e escrita ali na calçada do Salitre, com o transparente bem corrido, e os pés agasalhados no seirão, e uma atmosfera bem tépida e perfumada, tudo isto para melhor interpretar o lamentoso gemer das gaiotas.

Desembarca Júlio César em Saint-Nazaire, vai a Nantes, e observa a fisiologia do cabeleireiro. O seu infortúnio deixa-o passar trinta horas sem uma aventura. Não há uma costureira ou marquesa que o veja, que o ame, que se mate; não se suicida ninguém no hotel, onde ele janta. As pessoas que vê no hotel, são tudo pessoas que comem à mesa

redonda, e nenhuma sequer estoura de indigestão! Chama-se isto o ideal da infelicidade!

Chega o autor de madrugada a Paris. A fatalidade sempre com ele!

Os acontecimentos horríveis tinham sido açabarcados todos pelos romancistas do ano anterior. Júlio passou a barreira de Lutécia sem ter visto cinco duelos! Os maridos ciosos estavam a dormir com as suas Lucrécias. Os Tarquínios estavam-se a deitar, ajeitando às orelhas o barrete de dormir para reatarem o primeiro sono, interrompido pelo alarido matinal das carretas dos vendilhões. O pasmado viajante devia olhar para os quintos andares a ver se alguma menina se precipitava, de modo que ele ainda pudesse ser o último confidente das suas palavras. Nem isso numa terra onde cada dia se matam dez pessoas pelo menos! A estatística dos suicídios em Paris fez uma estranha paragem, enquanto Júlio lá esteve. Esta aliás estimável irregularidade, deve-se à estrela do nosso amigo. Não pode ser outra coisa!

Se tivesse mais vinte anos, o nosso prezado escritor, chegando a Paris, em sação tão peca de sucessos dignos do prelo, voltava-se para as artes visitando os museus; iria aos velhos templos medir a circunferência dos pedestais; iria às bibliotecas compulsar as edições de Schoeffer. O seu livro assim escrito, considerado purgatório da paciência, seria um encaminhador na estrada da bem-aventurança.

Júlio, porém, é um rapaz fervente de actualidade, se isto exprime claramente o que eu quero dizer. Melhor o diz ele:

...«Não está no meu génio nem na minha pachorra ir dando tempo a coisas ou pessoas secantes de tornarem a sua feição agradável; vá-se direito a Inglaterra quem gostar da opulência que esmaga e seduz. Eu sou dos que hão-de morrer moços, e não posso gastar a vida a habituar-me ao que virei a estimar.»

Como moço, muito no verdor dos anos, em que não é mister pedir desculpa à sociedade de não ser velho, o jovial escritor, quase por intuição, abarca de um relance todas as futilidades parisienses, e faz delas um livro como quem as está contando a amigos de seu génio, posto que nem todas se prestam a ser contadas a damas de certa seriedade, seriedade à portuguesa, quero dizer. Que fariam nossas tias, senhoras graves que associam o prazer da pitada ao da narrativa, se ouvissem dizer ao Júlio o que vem contado, e assim tão floridamente contado: «Requestem muito embora as matronas vestidas de veludo com um rio de diamantes no pescoço: a mim basta-me a galanteria da elegante que usa vestido de cassa bem feitinho; e enquanto aos diamantes, ainda gosto mais de beijar o sítio que eles poderiam cobrir, que de cegar-me no seu brilho.» As nossas tias faziam o sinal da cruz; e, se alguma vez ele se faz com razão, é nestes casos, em que Lucifer tenta com o estilo, a mais daninha serpente de quantas se geraram na peçonha do pecado.

Não cuidem, porém, que o moço se afasta acintemente dos raros adornos sérios da garrida Atenas. Lá vai, pouco se detém a contemplá-los: mas proveitosos instantes são esses que protestam contra a profissão que ele faz de ser frívolo. São belas e afectuosas estas frases que a igreja de Nossa Senhora de Paris lhe sugeriu: «Eu compreendo que aquela igreja em que o primeiro poeta do nosso século passou tantos dias de estudo e trabalho, seja o melhor asilo de meditação para certas situações e certas horas da existência. Quem é que nunca experimentou, quando a imaginação, e as faculdades exaustas por trabalhos de espírito, ou por alguma ferida moral incurável, se recusam a obedecer-nos numas certas ocasiões de desalento, em que nos passa pela ideia um diabólico desejo de refrescar a cabeça com uma bala de pistola, porque a nossa alma duvida de si mesma, e blasfemaria Deus se pudesse nessa hora acreditar nele – quem é que nunca experimentou por essas crises entrar numa igreja, velha, escura, silenciosa, e

inclinando a fronte diante do altar? É um alívio esse. Parece que depõe uma pessoa o fardo da sua vida, e fica tão leve como o apóstolo que caminhava sobre as águas.» E prossegue, pedindo que as igrejas em Portugal estejam francas de noite aos que precisam orar.

Mas ele aí vai a fugir das igrejas para os teatros. Aqui é mais caudal a veia das boas expressões, está-lhe mais senhora sua a borboleta do espírito, que se fez para aquelas várzeas floridas, nelas se criou, e fora daqueles, enquanto a mim, homicidas aromas, não vive a vida inteira. Dessas facécias agudas, e como que de sainete francês, não transcrevo nenhuma, meu caro Biester, porque as avalio em menos do que verdadeiramente valem. Não estão no meu gênio. Esta minha soledade, este permanente cárcere do meu espírito entre os ferros glaciais do tédio de tudo, este fugir das alegrias, que são os quatro pontos cardiais da vida do nosso Júlio, fazem de mim um injusto juiz das graças que melhor enfeite são do seu livro.

Sem embargo, há muitas, nestas duzentas e trinta e seis páginas, em que o mais avesso leitor de coisas volantes se pode deter, já gostando a verdade da substância, já a beleza da forma. O que li a propósito de Versailles é bem pensado, e dignamente escrito; e não menos sobressai no livro a rápida descrição do cemitério de *Père-Lachaise*, e as graves considerações que aformoseiam o esboço.

No tocante a Londres, Júlio César, por força da sua índole, havia de ser conciso até ao pecado. «Não se encontram ali cafés esplêndidos, nem *restaurants* alumiados brilhantemente como em Paris» diz o nosso Júlio. Este primeiro repelão à sua curiosidade devia pô-lo em desconfiança logo. Seguem-se graciosas observações sobre o espírito, se é espírito o que os ingleses têm no corpo, espírito activo com faculdades imponderáveis. Eu creio que tudo neles pesa como a fibra do boi, que é a molécula integrante e constituinte daquele povo: boi, somente boi, acidulado por cerveja ou vinho. Da Exposição diz o que basta para nos recordar que estamos há uns poucos de anos esmagados sob a pressão de relatórios, livros, livrinhos, libretos, artigos, folhetins, in-fólios, tudo acerca das Exposições. Fez bem. Tudo que se há escrito, e dito, e feito, por parte dos portugueses, em matéria de exposições, quando não é um desaire para Portugal, é um lavor inútil que melhor fora ter-se conservado em discreta ociosidade. O Júlio viu que lá se admiravam os nossos trigos. São os mesmos trigos do tempo de El-Rei D. Dinis. Que provam os nossos trigos aos apreciadores dos cereais expostos? Que temos bom torrão para dar trigo. Presumo que a Europa não supõe que nós, à falta de pintores, escultores, e gravadores, temos a suma habilidade de fazer cereais.

Este livro de Júlio Machado, assim como é espirituoso, se fosse por igual louvável pela pureza da linguagem, seria um milagre. Um livro de Paris necessariamente havia de vir perfumado daquela atmosfera, onde eu creio que o próprio António Rodrigues Sampaio, com toda a sua vernaculidade, alguma hora se sentiu gafado de galicismos quando por lá andou; e onde o sr. António Augusto Teixeira de Vasconcelos, conquanto amigo fiel da simplicidade portuguesa, alguma vez veio apregoando que as locuções novas eram necessárias, quer as desse o Lácio quer a França. Não me parece estar em apertos de ir pedi-las aos velhos nem aos novos: podemos ser pródigos, e ficar ainda ricos.

Júlio César Machado, com aquela sua opulenta fantasia, se um dia se levantar com o propósito de conhecer os autores de cunho português, e de se enfastiar dez vezes antes de saboreá-los; se ele conseguir iriar as asas da fantasia com os matizes da brilhante, fluentíssima, e doce locução dos mestres dos óptimos estilistas contemporâneos, então os livros do escritor, já querido de muitos, serão queridos de todos. Estou que ele me aborrece já por este incessante matinar em clássicos. Não importa. Escrevo, a espaços, o que lhe digo todos os dias.

Outro livro. Acabei de ler o de Manuel Roussado: *Roberto, ou a dominação dos agiotas*. O supremo elogio deste género é rir-se a gente. O poema herói-cómico de Manuel Roussado tem sal bastante, e algumas vezes sobeja pimenta. Muitos paladares haverá que se queimem; e mais engenhoso seria condimentar o acepipe ao sabor de todas as bocas. Mas quem pede contas assim austeras à sátira? Sou eu, meu amigo, que tão parco fui de cerimónias com as vítimas, quando cuidava que cada escrevinhador tinha do alto uma missão reformadora, e, como sacerdote da civilização, se obriga a imolar ao progresso em cada folhetim um bode estropiado de velhice ou uma ovelha tinhosa. O mundo e a boa razão estão vingados de mim. Começo a achar nédias as ovelhas, e cordeirinhos saltitantes os bodes. Estou com eles e com elas no mesmo curral, à espera que Manuel Roussado e os da sua geração nos imolem.

Os mais sabidos relanços da epopeia de Tomás Ribeiro estão chistosamente e com muita facilidade parodiados. As *flores de algibeira* têm infinita graça, no canto intitulado: «incêndios do coração». Este é um dos quadros mais a primor desta galeria de caricaturas. Em todos os outros há muita e portuguesa graça.

A esta hora o poema é já muito lido em Portugal: não espanta que se hajam vendido tantos exemplares; mas é raro igual êxito em livro de autor, que publica o primeiro.

Manuel Roussado deu boa conta da sua vocação numa *Revista de ano*, que corre impressa, e foi muito aplaudida no Ginásio. Tem apenas vinte e nove anos aquele rapaz que ali vêes com um aspecto grave e umas barbas que parodiam o antigo capitão-mor! Quem o vê, e o não conhece, atarefado em descortinar mistérios políticos, presume que está ali um homem capaz de resolver a questão sanitária dos arrozais! O autor do *Roberto*, como tu sabes, é um alegre observador, que só pode estar sério, quando se disfarça para surpreender algum *ridículo* em flagrante.

Tenho-lhe conhecido admirável engenho para inventar namoros e casamentos nas locais dos jornais. O merceeiro é o herói das suas historietas, sempre um merceeiro que tem uma filha, e esta filha é quase sempre empolgada pomba de algum milhafre, amanuense de secretaria.

Manuel Roussado está num país novo que lhe dá muito ar por onde braceje, na certeza de que, a cada pescaria de *ridículos* que tentar, colhe abundante redada. Precisa-se deste ramo da ciência. A paródia é uma ciência, enquanto a mim, porque ensina os tolos a fugirem de serem postos em irrisão. No *Roberto* figuram tolos incorrigíveis; mas a culpa não é da ciência.

RAIMUNDO DE BULHÃO PATO

V

Raimundo de Bulhão Pato foi ontem à caça, e vai bater os montados frequentes vezes.

Sabes tu que o prazer cruento de matar as inocentinhas filhas das florestas – as mansíssimas aves nascidas com a nossa espécie na mesma semana da criação, e aviventadas no mesmo *fiat* do Senhor – não é que move o poeta a ir saborear-se no selvagem deleite de erguer da terra uma codorniz ensanguentada e arquejante?

Não é, decerto.

Bastar-me-ia a dúvida para eu lhe não invejar o seu ruim sentir; e logo protestar, em nome das cândidas almas dos sinceros poetas, contra quem os injuriasse, dando ao matador de avezinhas um título, que obriga a brandura, dó, sentimentos meigos, amor a tudo, e incapacidade de causar dor a fôlego vivo.

Bulhão Pato, com certeza, não é caçador por vanglória de radicar sua genealogia em Nemrod.

Caçador de almas é que ele é o doce poeta. Por amor à regeneradora poesia dos campos, das agulhas das montanhas, dos ribeiros que serpeiam às abas das colinas, dos presbitérios, da toada saudosa dos sinos gementes de quebrada em quebrada, por tudo isto, que é o remanso dos ânimos agitados em vertigens desta vida doentia de Lisboa, é que o nosso Bulhão Pato se vai às serras, de espingarda, polvorinho e rede, a dar asas à inspiração, e não a quebrá-las às povoadoras do céu, que por lá o ajudam a cadenciar as suas melodias. Se isto assim não é, quero e preciso que seja assim.

Observa tu, Ernesto, que a poesia de Bulhão Pato prima em enfeitar-se com as galas antigas dos amantes da natureza; porém, as boninas, os tomilhos, as verbenas, as madressilvas sabe ele entrançá-las de jeito que parecem novas as coroas, e mais encantadores os matizes.

A cada página deste seu afectuoso livro encontras uma e muitas imagens campesinas: nem uma só poesia, que te não rebrilhe aljofrada pelos orvalhos da aurora, ou cobrada pelos arrebóis do crepúsculo. Onde aprendeu o poeta a combinação das cores, que mais aprimoram os breves, mas tão peregrinos painéis desta sua galeria? Foi lá, na aldeia, na encosta, na esplainada, nos fragedos, onde, em vez de bandos estridentes de perdizes, lhe saem os serenos e amantíssimos génios a ofertar-lhe abadas de flores.

Olha tu esta primeira poesia, que é um mimo de dulcíssimo sentimento a «Helena», por quem e para quem foi feito o livro. Verás que o poeta colheu da árvore bendita da saudade os grãos do incenso, que vaporam de quantas poesias aí vês, avocando o coração às passadas alegrias do campo.

E a recordação de um lance infinitamente mavioso. Helena e o poeta vão subindo a elevada encosta:

Chegara o fim do outono; a natureza,
Sem ter os mimos da estação festiva,
Nem aquele esplendor e gentileza
Que tem na quadra estiva
Na lânguida tristeza,
Na luz branda e serena
Daquele ameno dia,

Que imensa poesia,
E que saudade respirava, Helena!

Helena, no dia natalício dos seus vinte anos, vai levar «os dons do lar paterno» à sua serva entrevada,

Àquela pobre anciã que se agarrava
Aos restos desta vida!

A mão alvíssima do anjo da caridade entre as mãos crestadas da enferma,
produzia

Efeito semelhante
Ao que, por entre o mato,
Produziria a rosa de Benguela,
A flor mais alva, e de mais fino trato!

Choravam ambas, a consoladora, e a velhinha do casalejo da serra. Vê tu esta selecta e breve sublimidade de uma comparação:

Como orvalhos do céu aqueles prantos,
Um brilhava na hera das ruínas,
Outro na flor de festivais encantos,
Na rosa das campinas.

Este doce cântico, doirado pelo sol que alumiava felizes dias, tristes como tudo que não olha a esperanças, mas, assim mesmo, cheio de coração, fecha assim a introdução do livro:

..... Daquele dia
E de outros dias de íntimas venturas,
De imensa poesia,
Nasceram essas páginas obscuras
Que hoje a teus pés deponho
Como saudoso emblema
Do tempo em que sorria
O nosso belo sonho!
Terias um poema,
Se tão gratas memórias
Pudessem ser cantadas numa lira
Votada a eternas glórias!
Enfim: se um pensamento,
Se uma singela ideia onde transpire
O perfume de vivo sentimento,
Nestas folhas traçar a minha pena...
A estrofe, o canto que o leitor admire
Seja o teu nome, Helena!

Bulhão Pato foi entre os poetas, que ainda hoje representam a escola romântica, o que mais cedo floriu, e mais depressa granjeou fama. Como a amendoeira, a mais louçã

e mais temporã a vestir-se das galas da primavera, a criança de há quinze anos, já tão celebrada em seus primeiros versos, dava a rezear que os gérmenes precoces não vingassem, como acontece àquela árvore, aberta em flores ao sol tépido de fevereiro.

Nos sertões do norte, onde chega raro som das liras de Lisboa, repetiam as damas com a graça que lhes ensinava a infantil musa de Bulhão Pato aquele mimoso conto, que principia assim:

Tu queres que eu conte um sonho que tive
 Não sei se acordado, não sei se a dormir?
 Foi todo singelo, foi todo inocente:
 Tu coras, sorriste, tens medo de ouvir?

Não cores, escuta...

E as circumspectas mães de família escutavam o sonho do poeta, desejando talvez que suas filhas encontrassem quem as amasse com igual respeito, e as beijasse com quanta inocência os beijos sonhados presumo eu que têm.

Bulhão Pato estiara algum tanto no fervor com que se dera a conhecer e bem querer do público. Algumas poesias, leves, mas de lindíssimas asas, lhe voavam do coração à página do jornal literário, ou (que indigna paragem!) ao folhetim do libelo político! Isto, porém, era pouquíssimo para o muito que o poeta prometera.

As melhores primaveras iam passando, silenciosas, tristes, sem regorjeio de aves, sem aquela abundância das primeiras flores, bem que o aroma as lembrasse.

Correu a boa nova de um poema de Bulhão Pato; e logo o sr. Alexandre Herculano prefaciou o primeiro canto com louvores muito de obrigarem o poeta a desvelar as noites de meses e anos, invocando e esperando a liberal inspiração, que tão donosa e esbelta lhe segredara as primeiras estâncias da *Paqueta*.

O talentoso moço estava numa idade em que os milagres do estudo e do recolhimento só pode operá-los a cobiça de renome.

O temperamento de Bulhão Pato é indócil até ao estímulo da glória. Carece aquela alma de andar às soltas folheando o livro da natureza, cujas páginas raro se abrem, nos seus mais formosos capítulos, àqueles que a estudam no gabinete incansavelmente. Assim é, e sublime deve ser o ir-se o espírito por esse azul do céu além, por essa prata fora das ondas lampejantes, por esses verdes copados das florestas, por tudo em que a alma se está como enleada, cismadora, e celestialmente melancólica. Tudo isto acende engenhos e os desabrocha em poemas; mas, se o remanso da solidão não segue o devanear inquieto do espírito, quer-me parecer que o melhor desses embrionários poemas lá lhe fica entesourado, incomunicável e inexprimível. O que, de passagem, num intervalo quieto de seus enlevos, o poeta nos dá, é escassamente a sombra das imagens de suas delícias ou tristezas.

Dou, como exemplo, se algum há que valha a prova deste meu juízo, o que aí está impresso de Bulhão Pato neste livro dos seus versos.

Que nos está dizendo esta formosa cadeia de canções amorosas, umas amor, outras caridade, outras lágrimas, todas, porém, coração? Não sei eu ver e sentir bem estes versos, se aqui não há a poesia mais espontânea, a mais santa, a mais à flor da alma!

Começou na alvorada da vida aquele sensitivo engenho a tecer a sua coroa de flores; depois entrançou-lhe murtas, e ciprestes, os emblemas todos das vicissitudes de uma existência de trinta e três anos. A grinalda aí está: é assim que os grandes poetas, desprendidos das mesquinhas afeições, se coroam, uns com maior feixe de flores, outros

com uma só de cada espécie; mas, lá na ideal craveira do sentimento, os espíritos de Bulhão Pato pairaram na altura onde subiram os mais remontados cantores. A diferença está em que Lamartine escrevia uma ode de duzentos versos bafejados pela inspiração de Bulhão Pato: isto procede de que o poeta de Elvira se dava oito horas de recesso no seu gabinete; e Bulhão Pato escrevia a lápis, na sua carteira, em oito minutos, a sua comoção, enquanto a veemência o arroubava. Não hei-de eu por isso acoimá-lo de estéril, de indolente, nem sequer de descultivador do seu muito engenho. Bulhão Pato é assim. Pedissem lá a Anacreonte que estirasse as suas pequenas líricas, que ele rejeitaria a imortalidade a preço da glória de difuso metrificador.

Está em pleito agora uma contenda, que, a meu ver, não terá solução alguma, que preste um capítulo mais à história do espírito humano.

Dizem literatos de grande porte, e dos mais celebrados em França, que a poesia não pode continuar nesta rota que tem trazido desde que os poetas, mais ou menos adstritos ao ideal do coração, se sequestram das turbas, empinando-se em uns fantasiosos e altíssimos mundos donde não podem chover pão e carne sobre a humanidade. Um diz que a «poesia formulada, e medida, a poesia em verso está por pouco» (palavras da sublime refutação de Castilho em desacordo com Pelletan).

Outro quer que o poeta se goze do seu ideal; mas ideal elevado, vivente, chamado virtude, religião, moral.

Daqui surde o prescreverem ao poeta «deveres».

Há-de o poeta, portanto, discorrer em filosofias, emendar a viciosa conformação social com leis de trabalho, jarretar as garras à fome, alvitrar o melhor modo de vestir os nus, quebrar algemas de escravos, e conglobar, enfim, as misérias da humanidade em um ideal perfectível, onde todo se funda o seu engenho, quer chorando, quer imprecando, quer fulminando.

Sublime desejo!

O poeta, na sonhada véspera de uma transformação social, seria o Baptista, o precursor do segundo Cristo. Renasceria nele o espírito dos profetas que anunciaram aos carnífcies do mundo romano a redenção das vítimas.

E, para em tudo se honrarem com a igualdade dos destinos e propósito da comparação, quebrariam o braço, como os profetas, na roda inquieta e indomável da má fortuna, que arbitra o modo de ser da humanidade!

Deixar lá com os seus esplendentes paradoxos a França.

Cá temos o máximo poeta, o poeta das lágrimas, das flores, dos infelizes, e das crianças, a luz vivida destes descoloridos tempos, o tesouro insubmergível neste pélagos de borrascas revoltas, cá temos o nosso Castilho mostrando a olhos de todos o sacro lume, e aquecendo com ele os ânimos entanguidos. É ele que diz:

«...De sobejos anos a esta parte refervemos todos numa continuada revolução, ora tempestuosa e à superfície, ora surda e recôndita, ora tenebrosa, ora resplandecente. É uma fermentação geral, que não se interrompe; é um revoltear insofrido de todos e cada um às portas cerradas do porvir. Nestes momentos de absorção, de preocupações, de incerteza, até os bardos se fazem obreiros, pelejadores, intrigantes, covardes, ou cépticos; se algures se conserva a poesia é nas criancinhas e nos pássaros...»

Ah! aqui, meu querido mestre, foi V. Ex.a menos condoído das dores que aí vão no seio dos poetas silenciosos, dos poetas, que passaram das alfombras dos jardins ao regelo das abóbadas das secretarias. Eram pobres avezinhas que não acharam no eirado dos fazendeiros um grão esquecido da feracíssima colheita que os tais fazendeiros granjeavam com egoísta e muitas vezes infame labutar e suar. Que haviam de fazer eles, os cantores do céu, senão baixarem aos telhados das secretarias, e espreitarem azo de empoleirarem-se no poleiro das pessoas graves, bem jantadas, bem calçadas, bem

vestidas, e bem acolhidas nos festins dos próceres, onde, hoje em dia, nem o lacrimoso Tolentino ganharia perna de peru?

Pobres poetas calados! Se eles continuassem a cantar, até os tendeiros se fariam formigas para lhes dizerem o desdenhoso palavriado que a faminta cigarra ouviu, corada até às orelhas, se a amarelidão da fome a deixava corar!

E, depois, estes poetas perderam a fé em si, e no seu apostolado, quando viram o próprio Vítor Hugo duvidar da sua missão reformadora, exclamando:

C'est peut-être le soir qu'on prend pour une aurore.
Peut-être ce soleil vers qui l'homme est penché,
Ce soleil qu'on appelle à l'horizon qu'il dore,
Ce soleil qu'on espère est un soleil couché.

Fiéis à poesia, à aquela virgem meiga e triste que se esconde entre moitas de flores para não ver nem ser vista, são por certo aqueles que dariam três partes da vida por terem em cada dia do seu curto prazo uma hora como todas as horas de António Feliciano de Castilho.

Aqueles, porém, que, à imitação de Raimundo de Bulhão Pato, empedrenidos no meio deste acerbo mundo que lhes está geando sempre o desgosto, ainda recebem em cheio peito um raio de luz, e estremecem, e se apaixonam, e se abrem numa torrente de ira ou amor, de súplica ou de sarcasmo, estes não são os poetas silenciosos; são os que, de espaço a espaço, conseguem diluir em lágrimas o fel do intransitivo cálix do talento.

Lá mesmo em Tíbur, não é bem amargo o cálice de Castilho?...

.....
.....

Adeus, Ernesto.

Havia de falar-te hoje dum livro de António Augusto Teixeira de Vasconcelos, conforme te prometi; mas tu, decerto, destinas as restantes páginas de teu jornal a assuntos mais de se lerem. Será no seguinte número.

Os teus leitores são bons e pacientes; mas também querem não ser tentados a perderem aquelas excelentes qualidades.

JOSÉ GOMES MONTEIRO

VI

Eu persegui um ano José Comes Monteiro, a pedir-lhe o retrato para a tua *Revista*. À primeira solicitação respondeu com uma formal negativa; às instâncias incessantes de viva voz e por cartas, respondeu com esperanças. Eu já as tinha perdidas, quando tu apareceste no Porto, graças ao vapor, e à tua glória dramática. Indagaste a residência de José Comes Monteiro, e foste deixar-lhe um bilhete e um cumprimento. No dia seguinte, apresentei-te ao nosso esquivo literato, que tu andavas já requestando. Ocasinou-se a oportunidade. Entalámo-lo com os mais afectuosos requebros. Comes Monteiro ratificou as suas promessas, com o amável sorriso de um estadista, que promete dois despachos a dois influentes eleitorais. Eu, não obstante, ia jurar que as tuas instâncias seriam tão malogradas como as minhas, quando José Gomes Monteiro, no propósito de se despartar de nós, te deu um retrato.

Temos já meia vitória: faltam-nos os apontamentos para a biografia. Quem me há-de contar o que eu não sei da vida de Gomes Monteiro? Se lho pergunto a ele, dá-me um sorriso, e encolhe os ombros, como quem diz: «Eu não sei sinceramente o que você quer saber de mim! Eu estudei, trabalhei, e vivi obscuramente.» – Mas as fases da sua vida intelectual? – replicaria eu. O douto investigador responderia, como de feito, e substancialmente, me há respondido: «O que havia de imprimir relevo na minha vida intelectual não quiseram as minhas doenças que eu pudesse tirá-lo a limpo. A biografia de um homem de letras não pode coordenar-se com elementos que não se expuseram ao juízo público.»

Esta resposta grave e sentenciosa não dá razão a José Comes Monteiro, nem me demove a mim de lhe entrar na intimidade de sua vida estudiosa por portas travessas. Teófilo Braga, o brilhante poeta da *Visão dos Tempos*, está muito ligado de coração com José Comes Monteiro. Conversam largas horas. O erudito que está ao par de todas as literaturas, aconselha, encaminha, censura, ou aplaude as donosas e arrojadas concepções do moço. Teófilo Braga é quem nos há-de apontar ardidamente a biografia do seu amigo.

Aceita o encargo; escreve belas páginas de apreciação literária; mas, no ponto essencial da sua comissão, diz: «Meu amigo, eis o que sei de José Comes Monteiro: ele não me há dito mais do que haver-me mostrado em tempo os seus trabalhos inéditos, e dar-me a honra de ouvir alguns excertos. Mostrei-lhe este juízo para ver se me dizia alguma coisa mais: era um modo de pedir apontamentos um tanto mais pudico do que o usual. Só me mandou riscar algumas verdades que feriam a sua modéstia...

Quer dizer que não obtive os apontamentos. Alegra-me isto; é consolador para a minha vaidade de síndico das vidas alheias que Teófilo Braga se achasse logrado, apesar da sua artimanha fora de uso, como ele diz; e alegra-me também, porque o afectuoso e extremado poeta, nas notas que me deu, intercalou relanços de análise geral às literaturas contemporâneas, com os quais tu aformosearás algumas páginas da tua *Revista*.

Resta-nos para dar forma a um estudo biográfico do eminente escritor os seus trabalhos conhecidos, e destes hauriremos induções para o que ainda não foi estampado.

Nasceu José Gomes Monteiro, no Porto, em 1807. Aos dezesseis anos foi cursar na Universidade de Coimbra as faculdades de leis e cânones. Com o quarto ano de formatura, deixou os estudos e a pátria. Não foram certamente os antevistos terrores da perseguição partidária que lhe anteciparam a expatriação. É, todavia, certo que o

académico alguns meses depois, seria dos primeiros a emigrarem, porque o seu espírito estava decidido pelas ideias que afervoravam o ânimo da mocidade. Gomes Monteiro, enquanto a mim, saiu de Coimbra, cheio de tédio, tédio dos cânones, tédio dos bancos escolares, tédio dos doutrinários em capelo e borla, tédio das congostas lamacentas, tédio da cabra, tédio de tudo aquilo, que se acha hoje consubstanciado nos Adriões, e Neivas, e Bernardos.

Comes Monteiro viajou: sobravam-lhe bens de fortuna à mediania de suas ambições; queria enriquecer-se espiritualmente; abeirou-se aos mananciais donde lhe afluía copiosa a ciência nova, que era ainda herética na Universidade portuguesa. Estanceou dois anos em Inglaterra, e fixou a sua residência em Hamburgo, associado comercialmente em negócio de grande porte, e de futuros revezes que lhe absorveram o seu valioso património, tão depressa e inesperadamente que José Comes Monteiro apenas teve tempo de compreender que a transição de uma vida abastada para a pobreza relativa é crise de si tão fácil que não merece a pena de historiar-se.

Conheceu no estrangeiro Almeida Garrett, e ligou-se-lhe com a simpática efusão de dois grandes espíritos, ambos saudosos da pátria, e ambos aporfiados em lustrá-la como lapidários de seus brilhantes. O cantor de Camões emparelhava na intensidade de zelo com o restaurador de Gil Vicente. Garrett colhia as flores abertas, e aspirava-lhes o perfume; Comes Monteiro preparava o terreno para novas flores. Um escutava a inspiração; e outro tentava a sonda da crítica.

Empreendeu o nosso estudioso mancebo escrever uma história Literária de Portugal: audacioso alvitre em países estranhos, minguidos de livros portugueses, ao passo que o plano da obra lhe traçava limites, onde se haviam de encadear as ciências filosóficas com a teologia, a jurisprudência com a literatura, o progresso tímido de uma fase com o espantoso retrocesso de outra. Não era isto um trabalho de alfabeto como ele se nos depara nos bosquejos ambiciosos de história literária modelada pela de Costa e Silva. Seria uma história literária de Portugal como a não temos, nem a prometem os contemporâneos de quem a pátria espera muitas flores e alguns frutos sorvados.

Cumpria ao primoroso colector dos *subsídios*, nome modesto com que apequenava o seu grande labor, despir os feios ornatos com que andavam desfigurados os principais cultivadores e mestres da nossa língua, e revesti-los com as louçanias próprias e nativa singeleza que Lhes era a sua mais formosa feição. Estreou-se José Comes Monteiro, de colaboração com José Vitorino Barreto Feio, na celebrada edição de Gil Vicente. Pertence a Gomes Monteiro a introdução, escrita com admirável minudência, e noticiosa de hipóteses tão engenhosamente firmadas sobre probabilidades, que força nos é admiti-las como traços veracíssimos da vida conjectural do Plauto português. Os ilustrados editores da *Biblioteca portuguesa*, reproduzindo Gil Vicente, dizem no prefácio de sua edição com referência à de Hamburgo: «... Finalmente ilustraram a edição com um interessante *Ensaio sobre a vida e escritos de Gil vicente*, e com uma *Tábua glossária*, mostrando a significação conjectural de alguns termos antiquados e rústicos portugueses e castelhanos que se não encontram nos melhores dicionários das duas línguas.»

E terminam: «convencidos de que a respeito da vida e obras do nosso poeta não poderíamos dizer mais nem melhor do que os ilustres editores da terceira edição, resolvemos extrair dela o já citado *Ensaio...*» A edição dos *Lusíadas* é um trabalho do mesmo cunho, para o qual José Comes Monteiro subsidiou com as suas pacientes investigações, tendentes a restaurar os viciamentos e mutilações do texto. Só os engenhos fadados para estas canseiras de pouco luzimento, em ordem à muita fadiga que custam, com justeza lhe avaliam as dificuldades, os desalentos e as aborridas horas em que o mais robusto ânimo, desajudado no estrangeiro de cooperação de livros, que

nem sequer possuímos na pátria, se deve sentir descorçoado para empresas destas, sem glória nem lucro correspondentes.

Entranhou-se em José Comes Monteiro ardente affecto a Luís de Camões, pelo muito que lidou com ele, e das muitas amarguras que lhe adivinhou pela dupla intuição da inteligência e do coração. Desse affecto, muito de alma cheio de amor pátrio, nasceu aquella mimosa e doutíssima carta ao falecido Tomás Norton, outro entusiasta ilustrado de Camões, sobre a situação da ilha de Vénus. Acudiu o eminente escritor pela veracidade com que o seu dilecto poeta cantava não uma fantástica ilha dos Amores, mas sim a formosa Zanzibar, à luz inspiradora do canto da Odisseia em que Ulisses é acolhido aos olorosos jardins de Antinão.

O livrinho que versa neste assunto magnificamente tem belas páginas, e irrespondíveis deducções. Vê-se que é um trabalho de amor pelas pompas da linguagem, e de consciência pelo rigor da demonstração.

Verteu do alemão o sr. José Comes Monteiro uma colecção de poesias que denominou *Ecos da lira teutónica*. Sabes tu, meu amigo, que estou desautorizado para aquilatar versões do alemão. Entrelembro-me de me não ter sido grandemente deletiosa a leitura destas poesias, quando saíram do prelo, há bastantes anos. Recordo-me que a metrificação se desviava da irrepreensível melopeia em que os poetas moços nos traziam encantados os ouvidos. Pode ser que, se hoje as relese, me soasse harmoniosamente à razão o que naquele tempo me destoava. Seja como for, devemos, conhecida a índole austera do tradutor, jurar na fidelidade da cópia. Enquanto à harmonia, crês tu que os alemães possam ter harmonia? Uns homem que falam com espinhas de dois sáveis atravessadas nos gorgomilos poderão rimar melodicamente? Eu creio que a Alemanha faz muita soma de filosofia bronca por não poder fazer versos suaves.

Até aqui os escritos publicados de Gomes Monteiro, afora artigos literários e arqueológicos, em diversos jornais, fragmentos soltos de locubrações atinentes a profunder alguma matéria pouco alumiada da crítica. O espírito laborioso e tenaz do douto investigador como que se amesquinha no trato de assuntos fáceis. A sua pujança e energia redobra de vigor quando se lhe faz mister quebrar os selos do mistério, sotoposto às camadas dos séculos que a mais e mais o obscureceram.

Direi agora dos livros escritos, e reservados para verem a luz, quando José Comes Monteiro puder conciliar o trabalho com as quebras intermitentes da sua melindrosa saúde.

O romance de cavalaria, attribuído a Vasco de Lobeira, com o título *Amadis de Gaula*, foi longo tempo o afã, tão saboroso quanto fatigante de Comes Monteiro. Dois importantes factos extraiu o indagar das suas detencosas confrontações: um, é mostrar que histórias verdadeiras simboliza a ficção do Amadis de Gaula; a outra, é provar exuberantemente que Vasco de Lobeira não escreveu tal livro. Conjecturemos que prodígios de paciência custaria isto! Avaliemo-lo nós, ou, mais precisamente, seja eu o avaliador de semelhantes pesquisas, eu que me sinto morrer de consumpção nervosa, quando tenho de confrontar um facto relatado por dois autores diversamente! Teófilo Braga ouviu ler alguns lanços deste manuscrito. Verás e trasladarás o conceito que eles lhe merecem.

Na pasta de Comes Monteiro está já para entrar no prelo uma edição da *Menina e Moça*. Lá veremos a perspicácia com que se salvam da obscuridade os poucos traços verídicos da vida de Bernardim Ribeiro. A edição será depurada de coisas que correm à conta do poeta, e lhe não pertencem. Verás que Bernardim Ribeiro nunca foi comendador da Ordem de Cristo, nem governador de S. Jorge da Mina. Verás, enfim, a sem-razão com que Almeida Garrett, dando como certo não ter o choroso poeta morrido de paixão, exclama: «Aprende aqui, 6 Beatrizes deste mundo!»

Tem ainda Comes Monteiro em curso de publicação um estudo acerca de Sã de Miranda, como prefácio à restauração do texto. Esperei ver impresso este livro, quando o notável escritor, desconfiado de sua actividade para a última demão no manuscrito, convidou uma inteligência esclarecida a coadjuvá-lo na tarefa das confrontações. Chegou a anunciar-se a próxima publicação; porém, hás-de notar que José Gomes Monteiro, sem negarmos o devido desconto à sua débil saúde, deixou-se vencer de um langor inerte, que semelha muito a preguiçosa indiferença dos provados talentos.

Das notas de Teófilo Braga extrairás o que diz respeito a outros mais escritos delineados do distinto literato.

Sabes tu o que eu queria roubar à gaveta de José Gomes Monteiro? As cartas de Almeida Garrett, as confidências daquele imenso génio, que se expandiam na alma e inteligência de José Comes Monteiro. Estas seriam as páginas de oiro da biografia de ambos. Uma sei eu que existe em que Almeida Garrett, em perigo de vida, ou previsão de morte próxima, encarrega o seu amigo de defender-lhe a honra e a fama, assim que a pedra sepulcral lhe vedar o direito da defesa. Que sublime legado! Que legítima e jubilosa vaidade para o coração honrado e generoso de José Comes Monteiro!

Adeus, meu amigo. Cá me chega ao *Bom Jesus do Monte* o rumor das ovações que te fazem no Porto. Sê feliz pelo trabalho, que te dá as poucas e duradouras alegrias deste mundo.

LUÍS AUGUSTO REBELO DA SILVA

LÁGRIMAS E TESOUROS

Nas *Duas palavras* que o eminente escritor dirige ao leitor, referindo-se ao romance, que forma o assunto desta breve e desambiciosa análise, lê-se: «Se os capítulos, que hoje saem à luz, não forem reputados de todo falsos, incoerentes, ou descorados, o autor, animado pelo favor público, talvez se atreva à temeridade de prosseguir na jornada começada.»

Esta modéstia sobredoura o merecimento de um dos mais insignes juizes em matéria de arte, e dos mais cabais avaliadores da oportuna e melhor linguagem em todo o género de bem falar e bem escrever. O autor do *Ódio velho*, da *Mocidade de D. João V*, e de outros romances menos conhecidos por não passarem de esboço ou dos primeiros capítulos, quaisquer que fossem as alternativas, em que, na ordem literária, o seu múltiplo talento se exercesse, nunca poderia desmerecer no terso e límpido da vernaculidade e mimo, a ponto de entrar atemorizado em nova empresa do género daquelas que lhe deram e abrilhantaram em verdes anos o renome. A inteligência do sr. Rebelo da Silva está inscrita na plêiade daquelas que assinalaram a regeneração das belas letras na nossa terra; e entre estas havemos de encarecê-la como uma das que mais cedo vingaram e frutificaram em obras de exemplo e escola.

É admirável uma dúzia de páginas que Rebelo da Silva, ao alvorecer-lhe a sua magnífica aurora de escritor, gravou no Prefácio do *Frei Luís de Sousa*, tragédia que naquele tempo surgiu do caos do nosso teatro como lampadário inextinguível do altar da arte. Dessas páginas se infere quanto preparado estava o espírito do moço para abranger as vastas concepções da reforma num ramo de literatura, que entre nós parecia condenado a gemer longo tempo nas dores dos aleijões herdados do século passado, ou – pior condenação! – a desmedrar na seiva parasita de maus moldes estrangeiros, que não tinham que ver com a nossa índole e costumes. Não sabemos ainda bem que motivo teve o autor para cancelar das ultiores edições de *Frei Luís de Sousa* aquelas esplêndidas páginas, que, a meu parecer, eram o pórtico sublime do vasto palácio em que o selecto escritor se está saboreando nas riquezas do seu espírito.

É mais admirável ainda aos que de perto seguiram a vida pública de Rebelo da Silva a flexibilidade com que o seu espírito se adapta e frisa a toda a ordem de estudos, ao mais variado género de exposição, desde o austero doutrinamento do estadista até à galhofeira cena da comédia, desde a grave prelecção de filosofia da história até ao capítulo do romance, desde o demosténico discursar em parlamentos até à imbrincada palestra em mancebo na mesa de um botequim.

A nós nos quer parecer que o segredo desta inteligência omnímota está no hábito contemplativo em que o insigne escritor costuma feriar-se no doce refúgio da sua quinta do *Vale*, às temporadas, a sós com os livros, com a natureza, e com aquela suave e balsâmica inspiração, que remoça o ânimo, refloresce a primavera do talento, e depura o coração da selva contagiosa dos estrondosos negócios da cidade em que vão de envolta as grandíssimas e portanto piores paixões.

Provavelmente foi nas formosas tardes de agosto, do recendente agosto do vale de Santarém, que o sr. Rebelo da Silva leu a correspondência de William Beckford, e concebeu o entrecho do romance *Lágrimas e Tesouros*. Todavia, de conceber a architectar obra deste cunho vai grande estádio. A mais opulenta imaginativa, sem grande estudo dos tempos, dos homens e das cousas, não lograria vestir as páginas deste livro de tantos enfeites copiados do belo da estética e da plástica; que descrever o

coração com a intuitiva faculdade do génio é condão do génio: mas preparar o teatro, criar a cena, reviver o passado para sustentar a concordância entre as pessoas e tempos, este é o mirífico condão do estudo.

Magníficos vultos se nos deparam no trajecto deste livro, que a espaços se nos figura mais crónica do que romance, mais um inventário do bom, do triste, do mau e do ridículo que o século passado nos legou, do que uma traveção de peripécias umas por outras, espelhadas da lúcida fantasia do poeta.

Como que nos sentimos viver entre os bem-aventurados de Alcobaça, santos de fibra rija, que faziam de sua inércia o látigo com que maceravam o espírito, e davam ao corpo licença para poder avolumar-se quanto lho permitiam os numerosos cevados da ordem. Aí nos encontramos com os joviais fidalgos daqueles bons tempos, que pareciam ter descido do céu para eles e para os monges. Aí, uma hora, se nos eriçam os cabelos de terror, outra hora se nos expande o peito aos risos, já ouvindo as imprecações do familiar dos Távoras, já recebendo na alma os alambicados conceitos do noviço imberbe que aperta ao peito os ternos penhores do seu Pedro querido, espostejados na cena!

A graça, a presteza, e mesmo a lógica com que o previsto autor prepara e executa as transições de umas a outras cenas, sem atenuar nem sequer desluzir o efeito de cada uma, é dom peculiar dos talentos obrigados, é vocação legítima. No espírito do sr. Rebelo da Silva tomam

forma, espírito, palavra, acção e movimento os personagens do seu romance, entre si diversíssimos em índole: e logo da interior tela os vemos trasladados ao quadro do livro, do livro os recebemos vivos e activos na alma, de modo que cuidamos retroceder a um século do qual já não restam vestígios para nós senão os que nos emprestam as faculdades reprodutivas dos grandes escritores, dos pacientes exumadores das gerações mortas, como Herculano, Rebelo, Gomes Monteiro, Túlio, Mendes Leal, e outros de aproximada valia.

Pode ser que os apreciadores dos romances do sr. Rebelo da Silva anteponham às *Lágrimas e Tesouros* a *Mocidade de D. João V*. Costuma o máximo número de leitores folhear o livro de recreio no intuito de espairecer de pensamentos sérios – sérios dizem eles – que, enquanto a mim, não há nada mais frívolo, da maneira como vai o mundo, que pensar seriamente; e não há nada menos frívolo, que o romance, da maneira que o sr. Rebelo da Silva o escreve. Na *Mocidade de D. João V* oferece-nos cuidar que as cores históricas são assombradas pelos traços do pincel garrido com que o sr. Rebelo da Silva avivou em demasia o quadro das paixões subtis. Temos em pouco a idealidade dos amores do filho de Pedro II; e não acreditamos piamente que o pai dos meninos de Palhavã entrasse no florido labirinto das suas proezas amorosas por um peristilo juncado de boninas tão singelas e abobadado de murtas que relembram os inocentes afectos dos pastores da Arcádia.

No entanto, o que é grandioso, sublime e escultural em todos os escritos do sr. Rebelo lá está na *Mocidade de D. João V* e nas *Lágrimas e Tesouros*: é a linguagem, é esta máxima ciência da propriedade do termo, é o estreme lusitanismo da frase, é a locução irrepreensível, e ao mesmo tempo moldada com o sentir que os escritores clássicos mal poderiam exprimir sem atediarem pela redundância ou frouxeza da palavra.

Parece que aos trinta anos, e mais ainda aos quarenta, o espírito do mais pujante escritor deve de estar como exaurido de forças e cativo de asas para alar-se e avoejar por umas alturas em que o sentir de alma e o falar de amores murmureja como meandro de fontinha ou ciciar de folhagem remexida por uma branda lufada de viração. Pois haveis de encontrar nalguns capítulos deste mavioso livro de Rebelo da Silva relanços de um

dizer tão meigo, de um suspirar tão da alma, de um lirismo tão levantado que se vos afigura ouvir as estrofes da lira de poeta juvenil, que abre os olhos diante da primeira mulher dos seus afectos, e a saúda, arrechado, como, no dizer de Cuvier, sucedeu ao primeiro homem, quando viu a primitiva natureza, ao primeiro raio de sol criado com ele e para ele.

O bem fadado pulso que assim escreve nunca deve arreçar-se de que o peregrino pincel com que traslada a natureza lhe falseie os toques. Será sempre mimoso, será sempre o benquisto das graças quem pode como Rebelo da Silva desenhar os esplendores da natureza de Sintra com aquela fineza e frescura da expressão que a um tempo descreve e cala no ânimo do leitor a sensação, o silêncio, o murmúrio, a luz tépida, a fragrância, o polmo doirado a reluzir no ambiente de encantador idílio que a pintura mal poderia reproduzir com tanta poesia do céu, de flores, de alvéolas, de rouxinóis e crebros murmúrios de regatos.

Ora, estes e semelhantes tesouros de que Rebelo da Silva tira e derrama a frouxo as suas jóias, só a natureza os locupleta, pendendo-os da ramagem dos arvoredos, da copa da ridente silindra, haurindo-os da urna da aveludada anémola, enlaçando-os na haste da urze por onde entrefloreja a madressilva: em suma, no vale de Santarém é que Rebelo da Silva, dialogando mão por mão com aquela ridentíssima natureza que cada ano o espera lá, é aí que o mimoso escritor, como dizíamos, concebe e esculpe estes donosos quadros que acabamos de ler no livro *Lágrimas e Tesouros* fechado com saudades.

O leitor recorda-se de haver lido no *Comércio do Porto* o excelente romance. Por certo que o seu juízo estava formado com ilustrada independência do nosso. Assim mesmo, ousamos aventurar-lhe um pedido com a promessa de lhe não ser desagradável a condescendência, se a quizer ter connosco. O pedido é que leiam segunda vez *Lágrimas e Tesouros*. Se da leitura lhes resultar o benefício três vezes adorável e três vezes santo das *lágrimas*, sublime será a recompensa de quem leu. E para aqueles que não chorarem – os mais infelizes de quantos há – restam ainda os *tesouros* de linguagem, de altos pensamentos e de profunda moralização.

TEOFILO BRAGA

A crítica sã rejeita igualmente sátira e adulação.

D. FRANCISCO A. LOBO (Do P. António Vieira)

I

O sr. Teófilo Braga tem vinte e dois anos. Já publicou três volumes, e tem outro no prelo, afora artigos de variado assunto e poematos em diversas publicações periódicas.

Antes de conhecer os livros, li escritos do sr. Teófilo Braga, acerca da Mística de fr. Tomé de Jesus e do fundador da Arrábida, fr. António das Chagas. Como o periódico em que li isto era de Coimbra, e de rapazes, admirei a espécie abstrusa que o académico escolhera para estreia. Um rapaz da península a escrever como alemão velho, afigurou-se-me fenómeno agoureiro dalgum caturra literário. Maior se fez o espanto, quando vi a penugem do bigode a despontar, e o semblante do sr. Braga a rever candura feminil.

Dalgumas práticas agradáveis que tivemos tirei a limpo de toda a dúvida que o sr. Teófilo Braga não era bem deste país, nem deste tempo. Vastíssima capacidade fertilizada com a sementeira dos espiritualistas iluminados das regiões setentrionais, o moço académico, ainda assim, quando se entregou de toda a alma aos estudos nevoentos e um tanto glaciais do norte, ressalvou para si e para os seus poemas o ardor, a veemência, o entusiasmo que individualizam os engenhos, neste recanto do ocidente, onde o céu é azul, e o sol aquece, e as noites estreladas tiram pela alma a enlevos e doces desvarios.

Desde já o digo: a índole literária do sr. Teófilo Braga não alcanço idoneamente especificá-la, porque é novidade entre nós. A nossa escola de poetas tem sido uniforme: os bem sorteados das musas, das fadas, dos amores inspirativos, da natureza dadivosa, os poetas, enfim, por graça de Deus ou por graça do estudo da metrificação e dos bons modelos, parece que todos saíram do mesmo cenáculo, cantando de si e das mulheres que amaram, colhendo rosas dos seus jardins orientais, e juncando de pétalas a passagem dos caminheiros. Alegres ou tristes, repartiam o tempo entre a lira de Anacreonte, e a harpa do rei penitente, revezando-se entre o pecado e o arrependimento, facto que, a meu ver, nos habilita a piamente conjecturar que os nossos poetas falecidos se salvaram pela contrição, e os poetas vivos, com raras excepções, podem contar com a bem-aventurança. O infortúnio, condão do talento, quem o indemnizará, se não for Deus, o senhor desses milhões de estrelas? As estrelas de que servem, ou que podem ser, se não são eternas habitações de poetas, *cottages* de luz eléctrica dispersos no infinito dos ares? Quantas vezes eu imagino que os raios são projecteis que arremessam sobre os poetas sandios deste mundo os predestinados que já lá moram nas regiões beatas, e neste globo escuro se chamaram Ovídio, Camões, Dante, Milton, Shakespeare, e Corneille? A indemnização aos poetas infelizes é condição provável da justiça divina, e infelizes denomino eu aqueles que desbaratam tempo, alma, quimeras amparadoras, e esperanças reanimadoras, tudo, em continuado anseio duma vaga felicidade.

O sr. Teófilo Braga fugiu desta plêiade de visionários, e fugiu na idade em que todo o poeta se despenha, vestido e calçado, no orco das paixões. Aos quinze anos esteve debruçado no cairei do abismo comum. O amor deu-lhe um ósculo de fogo na frente, acendeu-lhe o coração, e o poeta gemeu precocemente as suas dores num livro de líricas intitulado *Folhas verdes*. O novel cantor abre o seu livro com uma apóstrofe

ao anjo da poesia, ao qual pede as alegrias do coração:

*Transpondo abismos, lá por horas mortas,
Á voz desta alma que no mundo anseia;
Traz-me p'ra vida, misterioso anjo,
A flor tão meiga com que o amor se enleia.*

A flor desabotoou cedo, e murchou-se logo. Poucos anos depois o sr. Teófilo Braga já não deixa entrever a mínima individualidade nos seus poemas. O amor, no seu espírito pueril, havia sido um parcíssimo tributo à natureza. Penou uma primavera; viu amarelecerem as suas grinaldas daquele ano; chorou-as; e levantou-se do seu abatimento, quando o anjo da poesia lhe apontou mais remontados piamos onde vibrar-se com ele.

Eu não admiro levemente as poesias do livro chamado *Folhas verdes*. É causa disto a idade do autor então, e a minha idade agora. Avalio-as como sentimento, e acho-as falsas: é isto, nem pode deixar de ser, defeito meu, perda da segunda vista com que estas coisas são dignamente e acertadamente examinadas e definidas. Avalio-as como linguagem, e acho-as desprimorosas. Examino-as como objecto de medida, e acho-as em divórcio com as pautas legisladas pelos mestres, aos quais ninguém desobedece, sem ferir o ouvido do leitor. Estou com os revolucionários da poesia moderna, enquanto eles gritam contra a ditadura de Aristóteles e Despréaux; mas, em mecanismo de metrificacão, é necessário respeitar o próprio Cândido Lusitano, de indigesta memória. A melhor das poesias das *Folhas verdes* não pode desdenhar estes reparos.

Acintemente sobrestive nesta passagem para fazer mais sensível o prodigioso progresso do sr. Teófilo Braga; que, a não ser isto, fora grande desserviço lembrar as primícias do engenho do poeta; e ele mesmo olhou pouco menos de nada ao lustre de sua glória consentindo que se vendessem e divulgassem, agora, os restantes volumes das *Folhas verdes*.

Porém, que profundo e complicado lavor se operou no espírito do sr. Braga, ao correr de cinco anos?

Que horizontes se lhe desdobraram! De que pontos culminantes da região ideal os olhos da águia, esvoaçada do baixo terreno do lirismo vulgar, aprofundou do alto a vista penetrante aos grandes ciclos da inteligência humana, às literaturas esculturais, aos poetas heróicos, aos factos titânicos da vida espiritual da humanidade! É para assombro esta rápida adolescência, esta validez e contenção de espírito, que veste de roupagens tangíveis todas as abstracções, incorpora todo o vago espiritual, ata com subtil engenho as correlações das cousas imateriais, e tenta com sublime desvairamento abrir em mármore o que apenas se concebia ou mal se deixava apreender nas concepções puramente intellectivas!

Quem anteviu nas *Folhas verdes* o poeta da *Visão dos Tempos*, e das *Tempestades sonoras*?

Os dois livros, que nomeei agora, têm já sido competentemente avaliados. Convergem ao mesmo juízo os pareceres, que merecem nota, e são prêmio e incitamento ao sr. Teófilo Braga. O agrado público manifestou-se na extraordinária voga de livros do autor, escassamente conhecido, em terra onde o tirocínio dos não somenos orça por anos laboriosos. O Brasil correspondeu e ultrapassou a minha esperança. Já por duas vezes lá se imprimiu a *Visão dos Tempos*, consumidos os volumes que foram de Portugal. A desleixada e descuriosa Lisboa, avisada pelo seu brilhante folhetinista Pinheiro Chagas, leu o maior número da edição da viúva Moré. Este facto irmanado a outro que sinalou o relevante merecimento do *D. Jaime*

testificam, ainda bem, a pressa que se dá o espírito literário de portugueses em apremiar os escritores beneméritos. Desprendido ainda dos louvores da crítica, o êxito dos livros do sr. Braga é a máxima caução de sua valia.

Em coisas de letras, na nossa terra, – com licença dos praguentos – não há compadrios nem simpatias. O livro, que se lê, a edição que se repete, mas que não haja gananciado a benquerença dos críticos, tem inquestionavelmente excelência: julgou-a o senso público.

Mas eu, da consciência o digo, não estava predisposto a conceituar tão altamente o senso público. Como quer que eu acabasse de ler a *Ideia do livro*, anteposta aos poemas da *Visão dos Tempos*, persuadi-me que a poesia não seria lida por amor, ou direi melhor, por desamor da prosa. O sr. Braga historia as modalidades da poesia, desde as suas primeiras balbuciações, e remata o prefácio, determinando as formas da poesia futura, conjecturadas das intenções da arte moderna. O que é descritivo neste estudo é o elenco, algum tanto desatado, do que se lê extensamente em Vico, em Hegel, em Michelet, em multiplicados autores que o sr. Braga modestamente cita como auxiliares do seu tema; mas nem tudo se deve atribuir a influxo estranho. As engenhosas e lógicas inferências, que se destramam da linguagem, a relanços, enredada, são prova de grandíssima conexão de ideias, de muito estudo, de inteligente aplicação das generalidades da poesia ao intento explicativo da índole da *Visão dos Tempos*.

Bem: é magnífico e desusado este trabalho em prosa; mas quem me dá três leitores, que o levem a cabo, em cada cento? Isto perguntava eu, e a resposta saiu consoladora para o poeta e para mim. Foram geralmente lidas e apreciadas as páginas duvidosas da belíssima estreia do sr. Teófilo Braga.

De fora parte a ideia do prefácio que me pareceu sublime, eu aventurei-me a observar ao esclarecido escritor que a sua prosa é menos esmerada e polida do que seria, se ele atentasse mais à forma, sem com isso deslapidar o pensamento. É certo que ainda se está formando o nosso vocabulário estético, ciência nova em livrarias portuguesas. Os entendidos nisto cogitam em linguagem estranha, e descaram de aclimar as ideias, dando-lhes ar e jeito lusitanos. Se o fizerem, se o sr. Teófilo Braga o quiser fazer, verá que o idioma português se molda e frisa a tudo que está na área do espírito. A língua portuguesa é filha da mais rica inventiva; e, se rejeitou as composturas, aliás nativas, que lhe ofereceu Francisco Manuel do Nascimento, é que se dispensava delas, e as depara de sobra a quem as busca nos opulentos celeiros dos Lucenas, e Sousas, e Castilhos. O sr. Braga dá pouco tento à melodia da prosa; articula descuidosamente os membros dalguns períodos; deixa de remediar o que estava em mudança de vozes, e translações facilímas. Isto argüi que as ideias o divertem e desatentam da parte não menos nobre do seu escrito. É descuido. Os labores engenhosos do engaste de prata em que se embutem e enfloram os brilhantes, bem que a prata valha comparadamente pouquíssimo, dão realce e luzimento às pedras de extremado quilate.

Entremos na poesia.

II

A «Bacante» é a feição esplêndida da poesia helénica. O sr. Braga havia dito no prefácio: «A voluptuosidade na poesia antiga é a verdade; é o retrato da natureza virgem a mostrar-se nua em sua candura. A arte, para assim dizer, criança, balbuciando apenas, não sabia abstrair. Conta o que vê e admira, o palpável, o real... Na Grécia a beleza do corpo é o carácter principal do herói... A sensualidade caracteriza a poesia grega: o ideal é o visível...»

A demonstração é a «Bacante». Corre emburilhada a urdidura do poema; no

entanto, os versos rescendem perfumes; requebram-se, apaixonam-se, e suspiram em amorosa vertigem. Os personagens parecem desenhados das fantasmagorias órficas, e dos heróis do cego de Esmirna, quando os cinge a majestosa auréola dos patriarcas. Conversam de guerras e naufrágios no tom clamoroso e retumbante dos rapsodas. Os doidos do amor e da volúpia sorriem graças e deleites das mais lúbricas líras de Corinto. Os epítetos repetem-se como nos poemas gregos. Não obstante, a plácida maviosidade do canto é permeada de borrascas pavorosas. Há pouco, o nauta Ctésio, arpejando na onda azulada com os remos, suspirava assim:

Já lancei ferro em Corinto;
Terra assim de gregas belas
Nunca vi!
Por matronas e donzelas
D'amor por todas, não minto,
Me perdi!

Mas quando arribei a Atenas,
Doido amor! que dura guerra
Sofri eu!
Oh! que saudades da terra,
Ao lembrar-me das pequenas
Do Pireu!

.....

Docemente se levava nas asas da brisa o marinheiro cantando das pequenas do Pireu, quando,

..... pouco a pouco
Nimbo calaginoso a praia esconde,
Repentino pampeiro estoura, o dia
Foge, e com ele a última esperança;
Turbulento estridor nas surdas grutas
Reboa lá por dentro, e nas restingas
Dos ocultos parcéis rebrama a vaga:
Eco soturno do trovão medonho
Pelo espaço ribomba e tudo atroa;
O torvelinho rui. Alta celeuma
Se eleva às harmonias da procela,
Soçobra quase a nau. Saltam de chofre
Emaranhados ventos; rota a vela,
Sem rumo e já partido o leme frágil,
Afrontando a borrasca e o céu escuro,
A que almejado porto a sorte os leva!

O poeta airosamente se transfere das várzeas floridas dos amores aos abismos convulsivos duma tormenta. É de altos engenhos a passagem do dulcíssimo ao aspérrimo, sem deslizar do agrado do leitor que não tem no espírito, como quem escreve, imagens unitivas das transições. No poema do sr. Teófilo Braga, os versos ora gemem, ora estrepitam. Encadeiam-se as diversas peças, alternadas de músicas

suavíssimas, e estrondos sobreexcitados pelas paixões algum tanto ferozes, como é de crer que fossem os amores sensitivos daqueles animalaços do mundo velho.

O autor da *Visão dos Tempos* tem, neste seu livro, versos que pedem e merecem a sua atenta revisão, quando forem republicados ⁵. É trabalho decoroso igualá-los a muitos, que primam em cadência, acerto e pompa.

Na contextura da «Bacante» a crítica não tem direito a assinalar inverosimilhanças. Ninguém se dá à ingloria, senão estólida canseira de malsinar os desconcertos de Macpherson e Hoffmann, nem ainda o maravilhoso das epopeias que mais de perto se acostam à história e à tradição. O sr. Teófilo Braga inventou; dos usos gregos aproveitou as decorações para a cena: foi a poesia mitológica, sem dúvida, que lhas deu. A Grécia não era assim decerto; mas ao poeta não corria obrigação de ser menos falacioso que os seus antepassados. Neste género ressurgido de poesia, renovam-se as liberdades antigas; e o talento de escritores do tomo do sr. Teófilo Braga fará que as liberdades não disparem em licenças. Quer Deus que as almas se andem empenhadas em alargar os horizontes de sua espiritualidade; já vai alto o dia do entendimento; será pecado do coração e crime de Lesa literatura avocar trevas e fazer noite, a noite antiga dos espíritos, com afeminadas pinturas, em que a porção muscular ressalta como essência, filtro e deleite de olhos. O autor da *Visão dos Tempos*, nalguns trechos do seu poema, sacrificou excessivamente à suposta fidelidade da época das bacantes. A sua glória, os gabos que lhe advieram daquele livro, não estribam decerto nisso.

Denomina-se «Stella Matutina» o segundo poema desta primeira série da *Visão dos Tempos*. Alteia-se das bacanaes o pensamento do poeta à criação do mundo, à primeira mulher, ao primeiro lapso, à primeira lágrima. É uma donosa e encantadora fantasia. A lágrima fala com Jeová em termos tão ameigadores que, por isso, fica, radiante estrela, engastada no empíreo. Quem, tendo céus à sua disposição, os não daria a uma lágrima que falava assim:

Eu sou como o aljofre,
Vim dum profundo mar;
A angústia de quem sofre
Ao céu me faz voar.

Eu sou a gota d'água
Do cálice da flor;
Caí; para tal mágoa
Venho pedir amor.

Eu sou a névea opala
Que o sol já derreteu;
Venho servir de fala
À dor que emudeceu.

⁵ Tais como:

Aceita, oh poeta, esta ânfora ganhada.
O sátiro que só hirsuto felpe cobre.
Da flauta o triste fez seus últimos amores.
E sorria, sorria o ancião alegre,
Numa mão ergue a taça, noutra a lira.

Os hiatos são espessos nos versos do sr. Braga. Tais como: *Cansava o vê-lo; da flauta o triste; o nauta triste; oculta em tímida; etc.*

Eu sou a estreia errante,
Perdida na amplidão!
Subi, vim tão distante,
Senhor, pedir perdão.

Eu sou a filha de Eva
Gerada em outro amor!
Caindo a dor me eleva...
Senhor, Senhor, Senhor!

O fragmento é brilhante: não carecia de decorar-se com o epíteto, algum tanto fantástico, de *poesia bíblica*, para estremar-se entre as mais lustrosas páginas do livro. Sem desaire do alto quilate da «Stella Matutina», pede reparo o caso ingente da criação, depois da «Bacante». Na ordem dos tempos, a visão do poeta é nimiamente retrógrada. Interpõem-se milhares de anos, milhares de sucessos. A intenção do título, que parece emparelhar com o das *Legendas dos Séculos* de Vítor Hugo, quebranta-se virtualmente, e desluz-se no ânimo do leitor metódico; isto, porém, de leitores metódicos, a meu juízo, não apontam a sua superciliosa censura a poemas; o que fazem é saborear-lhes a bela desordem, os caprichos sedutores, a galanice das formas. Ora, o sr. Braga entraja gentilmente as suas visualidades; lourea os cabelos às cabeças encanecidas das gerações olvidadas; desenruga os vincos do tempo; alisa as epidermes encorreadas, e remoça quantas velharias nos enfadavam oferecidas por poetas gregos e romanos. O que o insigne poeta não vingou foi dar-nos a criação do mundo, e a primeira mulher, e a primeira culpa, e a primeira lágrima com mais unção e dor que Moisés.

«Ave stella» é outro poemeto, denominado apocalíptico. A mesma pompa de peregrinas formas, versos admiráveis, raptos esplêndidos. Mas que história do Evangelista S. João nos conta o imaginoso moço? À hora em que o discípulo amado louvava o seu mestre e Deus, pelo fervente amor e fé com que os seus eleitos se deixavam crucificar, – e quando a sua doutrinação divina medrava no mundo regada com aquele sangue co-redentor – o poeta figura-nos o filho adoptivo de Maria guiado por um anjo que o admoesta por este teor:

Porque na dor mortal te precipitas?
Porque foges da vida e a insultas?
Porque apagas a luz que tanto fitas?

Porque é que no festim do mundo, a ocultas,
Foste tocar só do veneno a taça,
E a tua consciência não consultas?

Este anjo é que insultava imerecidamente o velho desterrado em Patmos. Nas visões do Evangelista, em que relanço transluziu ao sr. Braga o desalento ímpio, o horror e insulto à vida, o empeçonhar-se o santo ancião nos venenos dos festins mundanais, e o afogar ele em si os ditames da consciência!

Quer-nos parecer que a poesia ultrapassa propriamente as raias, que lhe demarcou o lírico pagão, quando desfaz a história em legendas, e refaz em mitos de tão admirável engenho os traços sagrados dos anais piedosos de uma religião.

S. João responde ao anjo cousas incríveis, e reversivas de tudo que os actos apostólicos nos transmitiram.

Disse ele: Foragido o justo passa
 Por entre a sociedade agonizante!
 O rir confunde os gritos da desgraça!

D'hipócritas o riso ímpio, insultante,
 É como dum cadáver o sudário
 Que esconde úlcera feia repugnante!

Às gentes fui falar-lhes do Calvário
 Palavras desse Verbo universal,
 Em cada irmão achei feroz sicário.

O evangelizador dos Partos não podia assim enganar o anjo. Na velhice do discípulo de Jesus Cristo, ressoava a estrondosa conquista das almas para a religião da cruz. Fremente de santos júbilos e confiança na regeneração das nações, devia expiar o justo, aos noventa e quatro anos de sua idade, não em Patmos, como o poeta nos conta, mas em Éfeso, onde a condescendência de Nerva o deixou finir-se serenamente no seio da sua cristandade, cujo bispo era.

Enquanto o sr. Teófilo Braga, com o talismã do seu prodigioso engenho, demuda, a sabor e alvedrio seu, os mitos velhos noutros mais graciosos, dê-se-lhe desse inocente feito os emboras; quando, porém, o *ecce Deus!* o impelir a recamar de lantejoulas, ou ainda de diamantes, as roupas sagradas dos heróis do cristianismo, o poeta leve a bem que a crítica lhe faça sentir que nem todas são de servir as suas flores. Estas refundições no cadinho da poesia, conquanto formosíssimas na forma, denotam verdura de anos, e desvanecimento fútil em ir ao par com os prosadores dalgumas escolas. Acontece, todavia, que estes frutos de Pentápolis, se acertam de abrir-se, e volitar-se em cinzas, não pequena parte da glória do escritor indiscreto vapora-se com eles.

A apoteose de Savonarola que significa? É um acervo de vistosa folhagem onde a mesma víbora se esconde. O poeta denomina *Apóstolo* o prior de S. Marcos. Dedilha, no alaúde das vítimas ilustres da corrupção, plangitivas estrofes. O Apóstolo cai nos abismos que quisera fechar; morre às mãos dos florentinos, exclamando:

«..... Oh! que fazes tu, Florença!

E *vestiu-se o céu de luto*, acrescenta o poeta.

Nos coros da beatífica morada
 Há-de pura, alva clâmide vesti-lo!

O leitor, que tiver coração sensível, e ciência menos de sensível, comove-se das penetrativas estâncias do sr. Teófilo Braga, e do infausto destino da fradinho que ficou esmagado sob o carro triunfal da devassidão, que intentou reter.

Saibamos, de relance, as virtudes de frei Girolamo Savonarola. Pregou, como frade, contra frades leigos, conhecia os viciosos, e delatou-os à ira pública do alto do púlpito. Cativou a vontade do povo. Acorrentou a si o leão, e arrancou a coroa à cabeça do filho do seu protector Lourenço de Medieis. Acaudilhou a revolução, venceu e assumiu a ditadura teocrática. Denominou-se ministro de Jesus Cristo, cujo reinado começava com ele. No propósito de regenerar a sociedade desde os cimentos, fez, na praça pública, uma pirâmide de obras-primas de literatura, quadros, espelhos, ornatos,

utensílios de recreios, e perfumarias; depois, fez daquilo uma fogueira, e aos florentinos, em troca dos seus livros, e ornatos e quadros, deu-lhes procissões, muitas procissões em cada dia. Deliberou convocar concílio ecuménico para corrigir o papa e sacro colégio. Alexandre VI, como é de ver, excomungou-o. O regenerador enfuriou-se contra os raios do Vaticano, e declarou-se Filho de Deus. Prosseguindo imperturbável em extirpar o cancro da desmoralização, ordenou que se golpeassem as línguas aos blasfemadores de sua divindade, e entendeu, com inaudito fervor, na vida íntima dos casados, pautando-lhes, sob penas rigorosas, os prazos em que deviam sacrificar ao espírito e à oração os enlances maritais. A inquisição nunca se lembrou de retorcer tanto a corda na estrangulação dos israelitas! Assim que a virtude do frade descambou em alvitres estúpidos e fanatismo sanguinário, surgiram-lhe em volta os inimigos. Agridem-no, e o monge resvala apupado do trono dos Medicis. Acode em honra dele um frei Domingos de Peschia, oferecendo-se a atravessar ileso uma fogueira, em honra das doutrinas do Filho de Deus, que, pelas contas, vinha a ser o frade. Tirava o outro a partido que outro frade o imitasse na prova do fogo, testemunhando, ante o juízo do Senhor, as falsas doutrinas de Savonarola. Sai um franciscano ao desafio. Conchavam-se os contendores. Carreava-se a lenha para a fogueira, quando frei Domingos declarou, em artigo adicional, que havia de entrar nela com uma hóstia entre os dedos. O povo urrou: «sacrilégio e abominação!» Correram as turbas ao mosteiro, e apresaram Savonarola e os discípulos. Instaurado processo contra o impostor blasfemo, queimaram-no.

Foi mal queimado o pobre homem; valeu-lhe, porém, o incómodo da assadura, descontado pelas belas grinaldas que o sr. Teófilo Braga lhe entretece na urna das cinzas! Que amoráveis queixumes lhe tirou da alma o inimigo de Roma, o incendiário dos primores de arte da Itália, o cabecilha dum governo de padres, o reformador que apagou os fachos da civilização e acendeu os círios das procissões! Mal empregadas flores!... Se o talentoso moço assim continuasse, dava-nos jardins: o pior é que nos escondia entre festões os livros de história.

Em pró do sr. Teófilo Braga, direi que o estudioso mancebo provavelmente conhece Savonarola das apologias de Lutero, e de Meier, e de Stuttgart. Os protestantes e racionalistas pegaram do frade, e deram com ele na cara de Alexandre VI.

III

Em seguida à *Visão dos Tempos*, foi editada a continuação dos poemets do sr. Braga, com o título de *Tempestades Sonoras*, como segunda série daquele livro, que intentei avaliar, desprendendo-me de falsas considerações, nocivas à liberdade da crítica sincera, senão prestadia.

O título eufónico de *Tempestades Sonoras* esconde intenção, que não transluz dos poemas. Quer o autor dar a sentir que as sublevações do mundo moral, as pugnazes conjurações dos ânimos apontados à conquista dum progresso, são as «tempestades»; e que o serem elas sonorosamente ritmadas no plectro, que as relembra, lhes justifica o epíteto de «sonoras»? Ou passou no espírito do poeta o pensamento de se estarem ainda vibrando no espaço os sons amortecidos das estrondosas lutas que, há muitos séculos, as gerações travaram arca por arca, a ideia contra a matéria, o espírito de liberdade contra as algemas da escravidão? Não sei, nem me dispondo em hipóteses que podem enublar ainda mais a denominação do livro. Seja o que for. O leitor e eu, se nos levassem ao frontal dum templo de Buda, não deixaríamos de ir dentro admirar as maravilhas, por não entendermos os caracteres chineses esculpidos no frontal da porta.

Abre o livro com um discurso, ou «parte estética» *sobre a evolução da poesia determinada pelas relações entre o sentimento e a forma*. Em nota com que o poeta

esclarece um período da página IX, vê-se que o seu propósito é esboçar a poesia romana, que é reflexo da poesia grega, e caracterizá-la, determinando por ela a feição da arte clássica. Este aviso deve ser o fio condutor de quem quiser emboscar-se neste formoso labirinto.

Eu reli com muita reflexão esta prosa do sr. Braga, e desgostei-me da minha pouquíssima agudeza. Não me fatigo de admirar a cópia de sintomas de muita leitura do estudioso moço; o que me cansa é atar os pensamentos, concatenar as ilações, achar forma demonstrativa, ver de frente os raciocínios que o poeta me oferece de perfil. Há aqui torrentes de ideias, cachoeiras ruidosas, que a minha reflexão não consegue aquietar em remansoso lago, para examiná-las em toda a sua limpidez. Grande parte da culpa está por conta da minha inabilidade para estas coisas de nevoenta especulativa; e uma diminuta parte hei-de pô-la à conta do poeta que, em verdade, é prosador pouco menos de abstruso. Eu já li – Deus mo encontre com os meus pecados! – as cartas de Schiller, sobre estética; também quis saber o porquê de não entenderem os franceses a metafísica de Kant; pedi à minha paciência extraordinária que me apresentasse a alguns meditativos discípulos de Lessing; pois, apesar do meu entendimento boto em subtilezas germânicas, adivinhei a *vis insita* dalguns dizeres daqueles sábios; e agora acontece que me vejo de todo em todo atagantado com a estética do sr. Teófilo Braga!

Quer-me, porém, parecer que o elevado escritor reduz a poesia romana a imitação fiel da grega; asserto por demais absoluto. Nenhum povo, nenhuma literatura de nação ou época, oferece características exclusivas suas. Os mesmos homens, as mesmas paixões, boas e más, torpes e generosas, o mesmo teor de manifestá-las. Eu de mim descreio de Saint-Sorlin, quando me diz que Deus colaborou no poema de *Clovis*. Inspirações divinas, apesar de Platão, vou jurar que nem Milton se gozou delas, em obra tanto do agrado do vencedor do inferno. O que eu vejo nas literaturas antigas, e modernamente na poesia de cada nação legatária de monumentos escritos, é a circunvolução lógica, as quatro fases simbolizadas na ode, na epopeia, no drama, e na elegia: a poesia em Deus, a poesia do heroísmo, a poesia da humanidade, a poesia concentrada no indivíduo. Afora isto, a erotomania, os Anacreontes, os Catulos, os Pírons, os Elmanos, são de todas as nações e tempos, e não caracterizam nem sigilam feição alguma clássica, simbólica ou romântica.

Outro ponto para maiores estranhezas e reparos. O sr. Teófilo Braga em matéria de história ultrapassa o idealista Hegel. Os factos não criam as ideias: são as ideias que geram os factos. Daqui a reversão da história, uma barrela geral nas farraparias guardadas no sujo armazém da memória do homem. Aquele Tarquínio, tão nosso conhecido por mediação de Lívio, é uma legenda, personificação dos tiranos gregos. A batalha de Regilo é cópia de outra da *Ilíada*. Lucrecia não é aquela sentida matrona que se mata: é outra legenda que representa «a poesia religiosa, a imobilidade do direito divino, o direito pessoal sacrificado ao direito civil». Quem diria que era isto Lucrecia! Aquele senhor dos meus maiores respeitos, por cuja virtude eu tremia sempre, quando o celerado do Tarquínio, lhe dizia, sobranceando-lhe o punhal ao peito arquejante: *Tace! ferrum in manu est: si miseris vocem, morieris!* «Cala-te! que o punhal está aqui! Se dás à língua morres!» Afinal de contas, e averiguado o negócio, a violada do real devasso era... *a imobilidade do direito divino!* Virgínia – estimo saber isto! – é uma legenda também. Eu tinha ódio ao pai dela que a matou, tanto ódio ou mais que a Ápio Cláudio que parecia amá-la. Diz-nos agora o poeta, autorizado pelo senso histórico profundo de Michelet, que Virgínia é um ideal, uma criação do artista grego. De maneira que o sr. Teófilo Braga desvaliza os romanos de poesia sua e de história sua. Nem quando inventaram Lucrecia e Virgínia foram, sequer, originais!

«Poesia puramente romana – diz o insigne poeta – é a poesia do direito.» Aqui

está o título de um livro que o sr. Teófilo Braga tem no prelo. O autor nos diz que, nesta obra, se acham desenvolvidas as teorias que aparecem embrionárias nesta sua introdução às *Tempestades Sonoras*. O prometido desenvolvimento é muito de desejar-se, que eu de mim confesso que nunca farei poesia no direito: as leis trescalaram-me sempre a prosa ignóbil.

Com perdão do sr. Teófilo Braga, e de Vico, e de Michelet, e respeitando quantos visionários fazem do entendimento humano uma corda bamba, ainda agora me não desço da minha teima em considerar o direito a mais sólida base social, mas sem mais poesia que o Digesto, e o Pegas às Ordenações. O direito, examinado em suas origens, urde-se de símbolos, e já em França corre impressa a *simbólica do Direito*, porém, entre o símbolo e a poesia não sei onde está o atilho. Esperemos o Livro elucidador, o livro, que ainda no caso verosímil de não esclarecer estes arcanos de formidanda estética, forçosamente há-de ser labor de muitos créditos para o sr. Teófilo Braga.

Deixemos nas boas horas a prosa do meditativo escritor, e entremos de melhor vontade na poesia.

Aqui temos o brilhante poema das «Ceias de Nero». No reinado de Nero, ergue-se o leão velador do evangelho, de sobre a sepultura de uma testemunha de Cristo, e vai a Roma, enviado do Evangelista.

«Vai, sabe o que se passa pelo mundo.»

O leão observou, e voltou ao sepulcro da testemunha da Escritura, a contar-lhe em resumo os seus encontros.

Ei-los aqui peregrinamente referidos pelo poeta. O leitor conhece-os; todavia, sem receio de impertinência, comprazo-me em lembrar com o leitor os realces destas memoráveis páginas.

A impudica Célia ama Licínio, o gentil e bravo batalhador que, apagada a sua estrela da vitória, nas escarpas dos Hermínios, volta a Roma com o ânimo alvoroçado de visões celestiais. Coração sonhador de idealidades, não pode amar a lasciva romana. Tem sede de uma alma pura. Os seus amores é Eurideia, a virgem cristã, que se votou ao holocausto de Jesus Cristo.

A rejeitada Célia conhece a rival, e premedita vingar-se. Escolhe o braço vingador de Nero, que, ao vê-la, estremece em sezão de brutal amor. O mordomo dos prazeres do imperador, Petrónio, indu-la facilmente a segui-lo às saturnais do real amante. Nero, embriagado de amor, vinho e sangue, para dar um vistoso espectáculo a Célia, incendeia Roma, converte em archotes embreados de resinas os cristãos, manda abrir o circo, e desacorrentar as feras. Entre as vitimas, é conduzida Eurideia, a amada de Licínio. O leão, que o evangelista enviara a Roma, golfa bulhões de sangue do seio da virgem. Licínio salta ao anfiteatro, e expede a vida sobre o cadáver dela. Célia, a libertina, vingou-se.

Esta é a acção principal. Os episódios da corrupção bracejam magníficos deste enredo simples. O morrer do sibarita Petrónio, à ordem de Nero, cioso de Célia, é belamente expressivo do desprezo duma vida repleta de gozos. A descrição do ágape, presidido pelo bispo Fidus, é majestosa de religiosa unção. O terror do circo incutem-nos versos de pungente energia.

Ressaboriemos algumas das miríficas passagens deste poema.

Licínio, condoído da baixeza moral da romana que o requesta com lascivos requiebros, diz-lhe estas belas e melancólicas estrofes:

Tens no peito com letras d'atro fogo

Do desespero e dor o selo escrito!
 Bela, tão morta já!
 Libertina, alevanta a Deus teu rogo!
 Emudeces? Pois Deus teu débil grito,
 Como pai, ouve lá!

Manchou-te impuro beijo a face linda,
 Não foi o teu algoz punhado d'ouro,
 Ah! descuidado amor!
 Levaram-te, mulher, todo o tesouro,
 Mas deixaram-te as lágrimas ainda,
 Expressão dessa dor!

É memorável esta engenhosa comparação de Célia com a corrompida Roma de Nero:

Como a Roma potente que há prostrado
 Ante si o orbe todo, e ébria, às gentes
 Prostituída hoje os seios abre,
 E deixa gangrenar-se de seus vícios,
 Tu pareces-me a pátria! Eu abraçar-te,
 Fora abraçar a ruína do Império.
 Odeio-te, mulher!

A entrada de Célia, à presença de Nero, no festim de Trimalcião:

O frémito da aragem fugitiva
 Que passa, ao fim da tarde, perfumada
 Do aroma inebriante da campina
 Em vão imita o afã de seu cansaço;
 O arquejar do peito, na fadiga,
 Era a vaga indolente que o sol doura,
 Era uma haste flexível que balouça,
 Vergada por dois pomos que a aura agita.
 A alvura dos contornos, a harmonia
 E nitidez dos traços de seu vulto,
 Dão-lhe a graça, a altivez duma rainha
 Vindo trazer-lhe as páreas do Oriente!

Petrónio, já com o braço a gotejar sangue da veia que ele voluntariamente cortou, canta:

A vida é breve instante!
 Brinco ao vê-la afundar-se para o nada,
 Como na praia solitária o infante
 Ri, atirando ao mar concha quebrada.

.....

Embala-me da vida o epicédio,

O nada é frio, cantai, mulheres;
Largas hoje ao delírio! A vida é o tédio,
Quero fugir-lhe na asa dos prazeres.

Porque espero e confio no segredo,
Que este veneno me dirá, não cores!
Assim ao menos findará mais cedo
Este inferno de dores!

.....

Graciosa imagem:

Mudo pranto Desata-se nas faces de Eurideia,
Como dum lírio a balouçar na aragem
Cai o cristal do orvalho matutino.

Aqui vem um relance, que ressabe à doce e singela poesia de Bernardes e Fernão Álvares:

És um anjo esquecido! oh quem pudesse
Fazer do peito a urna, hóstia querida,
Fazer do peito a urna, e te escondesse.

Erma rola que gemes dolorida,
Que ao pôr do sol procuras a soidade,
Que pela soledade andas perdida.

Que vaga, indefinível saudade,
Te inspira a migração, como tão cedo
Tua alma pura anela a imensidade?

Duma citara angélica és segredo,
Que ao peito amor puríssimo transmite
Como a mensagem da aura no arvoredos.

.....

Se assim vou forrageando belezas no livro, pode sair-me o dono da seara a pedir contas do artificioso roubo! Muito maior traslado me está a vontade solicitando; mas aí fica incentivo que farte para quem não leu ainda as «Ceias de Nero».

Este poema convida a ser examinado por duas faces: uma histórica, outra filosófica. Não é intolerância esta maneira de ver: é preito ao vulto que já figura nas letras pátrias, o sr. Teófilo Braga. Mais ainda: é considerar o insigne pensador na plana circumspecta e grave que lhe assinala a índole de seus estudos e escritos.

Eu não hei-de aqui aceitar como inventado ou historiado o facto rigorosamente acontecido ou liberrimamente imaginado pelo poeta. Neste romance rítmico, se Licínio e Célia existiram não se averigua: o importante é averiguar se os costumes daquela idade se compadeciam com os sentimentos e factos que tecem o urdimento das «Ceias de Nero». Assim é que, em poemas e romances, distingo os históricos dos fictícios. O *Monge de Cister*, a meu ver, é mais histórico nas magníficas composturas da parte

inventiva, que no fragmento da crónica de D. João I, ponto essencial do entrecho. O *Arco de Sant'Ana*, tirante o nome dum bispo no catálogo dos prelados portuenses, é estreme ficção. Aquela florente fantasia de Byron, chamada *Cerco de Corinto* é mais história que *Ulisseia* de Pereira de Castro. Eu dou quase nada pelo característico histórico, ainda que mo hajam de justificar com o fabulário da história assinado por fr. Marcos de Lisboa, Rafael de Jesus, ou Marinho de Azevedo. Numa palavra, mais me empenho em achar verosimilhanças que factos históricos neste poema do sr. Teófilo Braga. Pressuposto isto, vejamo-lo historicamente.

V

Bem que poucas, as linhas fisionómicas de Nero são felizmente traçadas. Está o poeta de boas avenças com a história, salvo quando fantasia o filho de Agripina incendiando Roma., a fim de oferecer aos agrados duma rapariga de vida airada o espectáculo surpreendente duma cidade em chamas.

Não está cabalmente averiguado se Nero pôs fogo a Roma; se o fez em ódio aos cristãos no intuito de os culpar do crime; se o fez para renovar a cidade, cujos bairros desalinhados e sujos o incomodavam. Como quer que fosse, caprichos amorosos para tanto é que nem a história, nem o romance de Petrónio, denominado *Satyricon*, argúí ao filho de Domictio Aenobarbo.

Célia é a romana da família das Lésbias, sem nódoa de inverosimilhança. Está pintada a primor. Finge, quando lhe praz, amores que uma virgem poderia sentir e exprimir sem desonra. Tais ficções frisam muito de molde com tais mulheres. As mais destragadas, se acertam de apaixonar-se por mancebos de coração e virtudes de Licínio, desforram a desonra que as humilha, rompendo por alguma estrondosa infâmia, se não morrem éticas por amor.

A virgem Eurideia, convertida ao culto de Jesus, respira o ascetismo cristão e fervor do martírio comum às devotadas mártires mais ou menos imitadas da Cimodoce de Chateaubriand. E o poema do sr. Braga esperta muitas lembranças dos *Mártires*, mormente na catástrofe derradeira, semelhança que por nenhum motivo desluz o merecimento da engenhosa urdidura do poema português.

O ecónomo (*arbiter*) dos regalos de Nero, em tão fugitivas linhas, representa as feições que lhe assinala o historiador Tácito. Contam que ele assim morrera versejando coplas de garrida lascívia; outros querem que os paroxismos da sua musa hajam sido o *Festim de Trimalcião*, sátira em que ele quisera perpetuar a infâmia de Nero ⁶.

São já bastantes os relevos a caracterizarem de histórico este poema das «Ceias de Nero», quanto costumam ser fiéis à história estes escritos que se querem enfeitados pela imaginação.

O que não é decerto histórico é ter entrado em batalhas, nos Hermínios, Licínio, que volta a Roma abalado pelas visões da noite imediata à da peleja. Os lusitanos do

⁶ «Era Petrónio (diz Tácito) um áulico voluptuoso que se ia dos prazeres aos negócios e dos negócios aos prazeres com a mesma facilidade. De dia dormia; de noite repartia-se entre encargos, festas e amores. Ídolo da corrompida corte, que se comprazia nas graças dele, foi longo tempo o árbitro dos deleites, modelo da vida lauta, e valido do imperador. Afinal, abatido por Tigelino, seu émulo, antecipou com voluntária morte a crueldade de Nero. Fiel, até morrer, a Epicuro, seu mestre, encarava sorrindo a vida que lhe fugia com o sangue da vela cortada. Quando a veia golfava demais, fechava-a para conversar mais de espaço, não acerca da imortalidade da alma, mas de versos facetos e eróticos. Longe de imitar as outras vítimas do tirano que, a expirarem, beijavam a mão do algoz, e legavam ao ávido assassino os haveres, Petrónio, nas suas horas finais, ocupou-se a descrever em resumo as devassidões de Nero, e descreveu-o ultrajador da natureza e do pudor. Este testamento dirigiu ele a Nero, selando-o com o anel consular; e depois deixou-se acabar, como quem mui naturalmente se adormece.»

tempo de Nero já não pensavam em rebelar-se contra o jugo de Roma. Perto de cem anos antes, Júlio César dera o derradeiro golpe no braço pertinaz dos aborígenes das nossas serranias.

Também não é verosímil que o bispo Fidus, à mesa do ágape, contasse a parábola do *Jesus Peregrino*, que principia:

Angélicas harpas entoam trindades,
Ai que hora tão santa, de tantas saudades.

Naquele tempo nem os sinos nem as harpas entoavam trindades. Em 1326 foi que o papa João XXII decretou os toques de saudação angélica, pela oração denominada *Angelus*. E, depois, a parábola do *Jesus Peregrino* pertence àquela ordem de lendas da idade média, que vieram com a sua primitiva rudeza até nós, e ainda agora se repetem menos harmoniosas, mas muito mais encantadoras, por sua simplicidade, do que podem refazê-las os poetas do abalizado engenho do sr. Braga.

Também não era histórico perfumarem os romanos com o heléboro as taças do seu falerno. O heléboro é irritante e venenoso. Os gregos cuidavam que se curava com ele a demência; pelo menos constava que o pastor Melampo curara com ele duas ninfas doidas. Foi pena perder-se a receita!

Os romanos tinham tantas drogas aromáticas importadas da Ásia com que perfumarem os seus vinhos! Por que aberração de olfacto e paladar iriam eles buscar o heléboro, do qual há espécies que se chamam *fétidas* por excelência? No entanto, o sr. Braga, no prefácio, fala das «ânforas perfumadas do heléboro»; e, na «Saturnal do Império», ainda nos diz que

o falerno ardente
Perfumado de heléboro transborda.

Não é histórico também que Nero fosse calvo, nem tal se cognominasse.
Escreve o sr. Braga:

Taís e Lídia, ambas divinas,
E perdição de cônsules austeros,
Tentam debalde avassalar do Calvo
A fria Indiferença.

O imperador Domiciano é que foi calvo; e Juvenal, para o emparelhar a Nero na protérvia, denominou-o *Nero calvo*⁷. É de crer que Juvenal, lido de relance, induzisse o sr. Braga à inadvertência.

No canto intitulado «Flos Martyrum» diz o poeta:

Era junto do altar da santa virgem.
À luz erma da alâmpada suspensa.

⁷ Cum iam semianlmum laceraret Flavius orbem
Ultimus, et calvo serviret Roma Neroni

Infere-se que nas catacumbas havia altares, retábulos e imagens. Não podiam existir. Só depois de Constantino é que a piedade erigiu altares nas catacumbas.

Aqui é o ponto dalguns insignificantes reparos que não entram como análise histórica nem filosófica. É análise de contextura.

Dissera-nos o poeta que Célia era

...a dama romana mais lasciva

E no brinde que lhe faz Nero, ouvimos estas

palavras do real devasso:
 Rola engraçada e tímida,
 Vem ser *puro* holocausto!
 Deixa teu peito exausto
 Pender no altar do amor!

Entremos! Noite esplêndida!
 Oh, vem d'olhos enxutos,
 Trocar por doces frutos
 A *pudibunda flor!*

Nero estava ébrio! Onde ele viu a *flor pudibunda e holocausto puro!*
 Pouco antes nos havia dito o sr. Braga que o imperador,

...ao vê-la sentira-se poeta
 De inspiração selvagem sanguinária.

A gente espera desgrenhadas inprudências, e Nero rompo neste maviosíssimo lirismo:

Célia! Na vida o tálamo, Na vida atro deserto,
 É paraíso aberto
 Seio feliz de mãe!

Nero, a falar em *seio de mãe*, devia de fazer rir os convivas.

Há uma imagem belíssima nos livros do sr. Teófilo Braga que desmerece pela muita frequência com que no-la mostra. É o que sucede às mais belas flores, aos mais primorosos quadros, e às mais formosas mulheres.

Na «Bacante», pág. 67, disse:

Como um fio
 De pérolas se rompe e solta a frouxo
 A corrente das bagas luminosas,
 Assim nas lindas faces do mancebo
 Lágrimas silenciosas desfiaram.

Nas «Ceias de Nero», pág. 10, escreve:

Lágrimas espontâneas lhe rebentam
 Dos roxos olhos, como em seio virgem,

Bagas de aljofres, se um colar se quebra.

No «Flos Martyrum», pág. 79:

Depois muda ficaste,
O pranto de quem sofre
Brilhava, mais que a pérola no engaste
Do que um colar de aljofre.

Esta quadra não resiste a uma severa dissecação gramatical.
Ainda temos outro colar a pág. 127:

As virgens de Israel, colar de pérolas
Que mão ímpia quebrou,
São como os lírios, que no fundo vale,
A rajada tombou.

E, finalmente, a pág. 149:

Inquietas na haste flexível
A brisa as vem confundir
E a dor as lágrimas soltas
Num colar as sabe unir.

Estas manchas, quase imperceptíveis nos versos do sr. Braga, apontam-se-lhe para que o numeroso poeta, de vez em quando, procure jóias noutros escaninhos dos seus tesouros de fantasia.

VI

Examinado em sua intenção filosófica, o poema das «Ceias de Nero» usa liberdades que seriam perigosas se não fossem pueris, e demais a. mais poéticas. Aquele leão, que levanta a garra de sobre o evangelho de S. Marcos, e vai ao circo espedaçar cristãos, e volta ao túmulo do evangelista a dizer-lhe ironias, e depois se posta novamente de sentinela ao livro sagrado, é um leão incongruente, contraditório, e digno de que a gente de juízo não faça caso dele.

Porque é que o santo, de dentro da sua cova, lhe pergunta:

...«Acaso
Dormes quieto o sono do jazigo?»

Pois quem dormia o sono do jazigo, era o santo ou a fera?
Fosse quem fosse, o leão foi, e viu a raça de Aenobarbo escondendo

«...a vergonha atroz da queda,
Nos retalhos da púrpura, pedaços
Arrancados da túnica de Cristo.»

Eu não me entendo com esta queda da raça imperatória, nem com os retalhos da púrpura arrancados da túnica do Salvador. Que há de comum entre a degradação de

Nero e os preceitos de Jesus?

As últimas Linhas do poema fecham o pensamento desconcertado do ilustre escritor. O Leão narra os impropérios que ouviu, e as úlceras que viu, assim com uns jeitos de severo moralista! O celerado, que tirou as entranhas a Eurideia e Licínio, a fingir-se depois espantado das infâmias que presenciou! Leão que podia apostar em manha com as raposas de La Fontaine!

Ora, S. Marcos não se espantou do que ouviu; mas não pôde deixar de ranger com os ossos,

«Ao pensar, que esse Verbo que ele adora,
Moloch, um dia, os filhos seus devora!»

Este dislate final – para lhe darmos um nome suave – tira ao poema todo o vislumbre de seriedade filosófica. Senão, seria necessário à razão e à piedade impugná-lo. Eu de mim abstenho-me de esgaravatar nisto. Achei preciosíssimas jóias: o lixo que envolve e afeia algumas, que tenho eu com ele? Nisto de crítica literária convém imaginar-se a gente águia para se não andar de rastos à caça de moscas. Daqui a poucos anos, o sr. Braga há-de recontar-nos a história do festim de Trimalcião, sem introduzir no drama a fera nem o santo. Se o não fizer, pior para ele que permanecerá longo tempo nas verduras do seu admirável talento.

CONCLUSÃO

Entre os restantes poemas das *Tempestades Sonoras* há um que me parece o mais avantajado, e digno de camaradagem por igual ilustre. É a «Velhice de Homero». Figura-se-me que estou lendo um dos mais insinuantes e majestosos episódios das *Legendas dos Séculos*. Um livro assim composto de peças deste acume e primor, seria digníssimo do título de *Visão dos Tempos*. As outras que não se compadecem com aquela rigorosa nomenclatura, nem caracterizam as épocas assinaladas nos prefácios do autor, ficam sendo formosas visualidades, fantasias de mui alto engenho, que devaneia por céus estrelados, com o ouvido atento ao suspirar duma noite de agosto.

Concluindo, é de crer que o sr. Teófilo Braga me queira honrar com o debate que me já ofereceu com a sua carta publicada. Eu aprecio infinitamente o glorioso torneio de que eu, ainda mesmo ferido, espero sair glorioso de tal contendor, e porventura despersuadido destes juízos, que dessoam à razão do brilhante poeta.

JOSÉ GREGÓRIO LOPES DA CÂMARA SINVAL

Câmara Sinval teria cerca de cinquenta anos, quando subiu ao púlpito.

O templo estava cheio de mocidade, atraída pela nomeada do eloquente professor. A curiosidade estimulava a gente de anos avançados, farta e descrida do engenho do clero novo. As damas, em grande número, sobredouravam e lustravam o auditório.

Apareceu o minorista Sinval à ansiedade de todos na tribuna religiosa.

Magnífico momento aquele! Silencioso, era-lhe já aplauso a nobreza, a solenidade da figura. Brilhavam-lhe ainda os olhos, de cuja luz se lhe esclarecia a escampada fronte. Pela postura, altiva sem imodéstia, denunciava-se para logo um discípulo da oratória monástica aos que ainda alcançaram os raros, que dignamente a exercitaram. Antevia-se qual devia ser a locução de Sinval em conformidade com o porte majestoso: estilo de imagens épicas, frases cadenciosas e ritmadas, veemência e transportes.

Eis a primeira impressão.

Sinval declamava sonoramente: feria cada sílaba da palavra com musical acentuação; correcto, sem demasiar-se no toque das desinências – excesso que orça pelo defeito – exprimia a palavra com graciosa e portuguesa limpidez. Era já prazer ouvi-lo, ainda antes de lhe entender bem no âmago a profundidade, por vezes enublada, do pensamento.

Porque vem este homem encanecido ao púlpito? – perguntaria algum ouvinte mais desprendido do panegírico de S. Filipe Neri, que o professor da escola médico-cirúrgica pregava.

Desejo de glória, conquistada no mais íngreme da montanha, onde a vaidade a persegue? Vaidade de aliar à nomeada obtida no magistério das ciências positivas o renome de abalizado teólogo?

Conversão no declinar da vida para os declives escuros que levam aos penetrais da eternidade?

Ascetismo? exaltação religiosa? ardor de missionário? intento de ganhar almas com o extraordinário arrojo de entrar na ganância delas, pela mais angustiada saída dos gozos mundanos?

A estas perguntas, envenenadas talvez com o sorriso da incredulidade, respondeu Sinval assim do púlpito:

«Aos catorze anos de minha idade, e no dia em que a santa igreja celebra a Conceição da Virgem Mãe; acabando de me ser lançadas as vestes do sagrado instituto neriense; ao ver-me proclamado e reconhecido filho vosso⁸ (ambição de todos os meus dias, desde o uso da razão), senti-me tão feliz (e o era!), cheio de tantos e tão grandes benefícios neste só benefício, que, para desafogo dos sentimentos de gratidão, que me não cabiam no peito, e ocorrendo-me aquilo do Êxodo: «consagra-me o teu primogénito» prometi ser o vosso panegírico o primeiro sermão que pregasse. Imperiosas razões de família, segundo as leis do sangue, me violentaram a deixar a vossa casa.

Vós bem sabeis, que eu não falto à verdade quando afirmo que de bom grado preferiria que me arrancassem as entranhas, a ser arrancado dos braços de meus superiores, de meus mestres, que tão dignamente vos representavam! Outra carreira, outro destino mui diverso me aguardava...»⁹

O orador, interrogado pelo silêncio dos almotacés do foro íntimo, respondera com aquela simplicidade afectuosa e compungida. Era a verdade, a verdade estreme, que eu

⁸ O orador apostrofava o patriarca S. Filipe Neri.

⁹ Sermão de S. Filipe Neri: o primeiro desta colecção.

lhe tinha ouvido em conversações íntimas, em comunicativas expansões de duas almas, que haviam provado o travor de muitas das maiores angústias deste desterro.

Sinval falava-me com saudade do seu convento, dos seus padres, dos seus mestres, da sua infância, dourada de piedade e esperanças. Como a saudade era pura e digna de consolação, o céu dava-lhe lágrimas para alívio; e, chorando, aquele gentil e gracioso velho espelhava nos olhos um coração novo, que ainda, cheio de vida, e resgatado das prisões em que desfalecera, se oferecia a Deus.

Matriculou-se, um dia, Câmara Sinval nas aulas teológicas de moral e dogma. Isto foi matéria de riso para um público especialmente... risonho. Os professores daquelas cadeiras temeram-se de algum disfarçado filósofo, que ia acintemente desautorar os compêndios e os mestres. Em honra do propósito do aluno, saiu a desfazer as suspeitas, o bispo D. Jerónimo Rebelo, particular amigo de Sinval¹⁰. Passados meses, o lente da escola médico-cirúrgica do Porto obteve licença de pregar, e do púlpito explicou, assim como eu a trasladei do seu sermão, a causa piedosa da sua investidura.

Eu abstenho-me, por duas graves razões, de firmar a minha opinião sobre o merecimento das orações póstumas – exceptuada uma – que se deram à estampa, com o beneplácito dos leais amigos de Sinval, e mormente do sr. doutor Veloso da Cruz, depositário dos manuscritos do seu colega, e amigo muito do coração. Uma das graves razões é a incompetência; porque requer muito saber o diretamente aquilatar obra, que não se pauta pelo molde duns escritos, nos quais a forma é o essencial, e a ideia um acidente desnecessário às decisões da crítica. A outra razão é que estas orações, se fossem estampadas em vida do seu autor, necessariamente haviam de ser com muito esmero ajoeiradas de superfluidades, imperceptíveis na declamação, e sensíveis na leitura. O sr. Câmara Sinval nunca me manifestou o mínimo desejo de imprimir os seus sermões; e, se eu, por vezes o incitava a publicá-los, recusava-se dizendo que lhe seria menos custoso fazê-los que refazê-los. Era modéstia a razão da recusa; mas isto importa para bem avaliarmos a muita lima, que ele daria aos seus escritos, antes de imprimi-los.

No entanto, a opinião corrente dos entendidos em matéria de eloquência sagrada foi sempre favorável ao sr. Sinval, se bem que os teólogos o tivessem em conta de menos abastado que o desejável em citações dos santos padres. Estes teólogos, sedentos de latim, ignoravam que o sr. Sinval sabia mais latim, e mais trechos dos santos padres que uma Sorbona. Em controvérsias religiosas, era um manancial de textos, com que a minha pobre filosofia se ia vencida de evasiva em evasiva pelas veredas da razão, enquanto ele, furtando-me as voltas, me saía com os santos padres, e com o latim de todos eles.

Em oratória sacra, o meu amigo sacrificara ao tempo alguns preceitos e exemplos de seus mestres, e famigerados oradores da sua mocidade. Não sacrificara os atavios excessivos da linguagem, porque não podia: nenhum homem do maior e mais flexível engenho pode roubar-se de todo em todo às fórmulas em que lhe vazaram o espírito nos anos da educação literária. Sinval compunha lentamente, declamava cada período, repetia e corrigia a frase destoante, gostava da oração larga e sonora, saía-se mal e acanhado na dicção concisa, derramava-se em lirismos como a pesada lira dos árcades os exprimia: era enfim o que há cinquenta anos foram os talentos de primeira plana.

Se, todavia, isto era um *senão*, que ardentes transportes, que entusiasmos a sua um tanto difusa linguagem lhe enfeitava!

A onomatopeia, na palavra e no símile, era a sua retórica predilecta. Pode ser que a sobejidão dos termos comparativos destoasse na audição dum público estranho às formas esplêndidas; porém, quantas translações lhe ouvi eu com dissabor, que me

¹⁰ Era intento do ilustre professor dedicar as suas orações, quando elas fossem estampadas, ao prelado portuense. A estreita amizade, que os ligou, foi honra para ambos.

parecem agora formosíssimas na estampa! O poeta revê nestas prosas, não sempre o poeta bíblico; mas, assim mesmo, não há aí termo, que deva acoimar-se de profanidade intrusa e desajustado ao quadro religioso.

Alguma vez me pareceram nublosas e abstractas por demais as orações do meu amigo. Uma aí está proferida no templo de S. Francisco, do Porto, em 15 de Dezembro de 1851. O assunto era a Imaculada Conceição. Num periódico religioso daquele tempo, escrevi uma breve análise ao magnífico sermão, e lembrei ao orador, assim erudito que despresunçoso, a obrigação que lhe corria de se descer até ao povo inculto, atendendo menos à minoria das inteligências. Lembrei-lho com as palavras de Luís Muratori, o autor do precioso livrinho intitulado *Eloquência popular*¹¹:

Para ajuizar-se de uma das excelências de Câmara Sinval – a modéstia, não enroupada nas transparentes humildades do orgulho – vem a ponto aqui trasladar um período da carta que, aludindo à minha análise, o eminente orador me escreveu:

«.....»

Tem V. muita e muita razão. Clareza é a primeira virtude de todo o discurso oratório. Mas que quer o meu amigo? Ser claro, para todas as inteligências, em um sermão de Mistério, de proposição, senão nova entre os teólogos, decerto menos comum nos auditórios, e isto no improrrogável prazo (como insinuações de toda a parte me recomendavam) de meia hora... oh! dificuldade é esta inteiramente superior às minhas fracas forças. Tal a reputei desde o esboço do papel a que me refiro, e por isso nem sequer me propus lutar por vencê-la...»¹².

Deste incidente, que mais nos aproximou, colhi eu a satisfação de ser honrado com a leitura dos sermões do meu amigo, consoante ele os ia compondo. À leitura seguiam-se muitas, mas fugitivas horas de sedutora palestra literária. Não eram já assuntos religiosos; eram belos relanços da idade de ouro latina: Horácio e Virgílio que ele recitava como o abecedário; Séneca e Terêncio; Tácito e Cícero; os poetas portugueses de D. João III; os prolóquios ritmados de Sá de Miranda; os chistes peregrinos de Gil Vicente; o Camões, nos mil casos em que vêm a talho as máximas que lhe douram o bronze da sua perpetuidade, a *honra incorruptível de Portugal*, como Sinval denominava *Os Lusíadas*.

E de permeio, nestas incansáveis tiradas de variadíssima erudição, com que engenho e oportunidade o disertado professor matizava os discursos de facécias delicadas, nobres, sem laivos de plebeísmo nem intenção anfibológica de má toada em ouvidos discretos! A propósito de qualquer mágoa que vos anuviava o semblante de tristeza, referia-vos ele anedotas análogas à vossa situação, umas para vos dar alma com exemplos de infortúnios maiores; outras para vos obrigar a rir dos próprios infortúnios, contanto que tivésseis a felicidade de saber a latinidade dos cronistas da vida anedótica de Roma ou Grécia – que Sinval estudava os homens e as paixões nas sociedades antigas. Os homens deste século dizia ele que eram formigas para se estudarem com o microscópio; ao passo que o vasto coração da humanidade velha pulsava em peitos de

¹¹ Cito as palavras do singelo e profundo escritor; são conselhos que vão sempre bem deparados: «Dois géneros há de eloquência: um, a sublime; outro, a popular. Com a *sublime*, formam-se discursos ricos de ideias grandiosas, engenhosos argumentos, brilhantes expressões, e arredondados períodos. Com a *popular*, expõe-se chãmente as verdades eternas, e ensinam-se ao povo coisas do alcance dele, em estilo simples e familiar, de modo que o ouvinte possa compreender o que lhe foi enunciado. Não é somente a sábios que falais da cadeira da verdade: falais também a ignorantes, os quais, pelo ordinário, são a maior parte do vosso auditório. Assim é que muito importa falar sempre de modo chão e popular... Tão caras são a Deus as almas dos doutos como as dos indoutos, e o orador tem de obrigação ser prestativo a todos, sem estremá-los, conforme o dizer do apóstolo: *Sapientibus et insipientibus debitor sum.*»

¹² *O Cristianismo*, nº 2, de 10 de Janeiro de 1852.

elefantes, e os estos daqueles enormes vultos abalavam o mundo, quando o peito lhes arquejava.

Um homem assim, como predestinado a falar permanentemente em congregação de sábios, devia de parecer sensabor e inútil em um salão, onde a bagatela, e a futilidade reinam e conquistam ouvidos e olhos quando o coração não vai também desnordeado por esse magnetismo fatalmente absurdo.

Pois não vi ainda homem que prendesse com tão fidalgas maneiras, e narrativas graciosas, as pessoas que se temem dos sábios, como de importunos, que entram nos salões com sombria catadura, e o mau ar de quem vai chamar a juízo a ignorância pública! Se Câmara Sinval encontrava, ao par de uma senhora de meão entendimento, um caturra, explicando a Ursa Menor, salvava a dama da fereza daquele urso maior, contando uma historietta ridentíssima a propósito da astronomia. Se uma criancinha se achegava dele, tomava-a nos joelhos, e falava à criancinha a sua linguagem.

Era o homem querido de toda a gente, menos dalguns discípulos com quem o severo lente andou sempre mal avindo.

Câmara Sinval não podia conformar-se com a insciência literária dos seus alunos. Não os punia por ignorarem a matéria da aula; reprovava-os por terem chegado ao fim da carreira médico-cirúrgica sem saberem traduzir correntemente um aforismo de Hipócrates, vertido em latim de missal.

A imprensa, uma ou outra vez, foi o respiradouro do estudante ferido nos seus créditos literários. Sinval não respondia, nem se acautelava dos avisos e ameaças. Às minhas reflexões, que ele indulgentemente escutava, respondia:

«Era obrigação minha reprovar um ignorante. Se este me matar, não hei-de ser eu a única vítima, assim que lhe derem cartas de médico.»

Sinval tinha horas de cerrada tristeza. Empalidecia como se a asa da morte lhe congelasse o sangue daquele rosto ainda há pouco aberto e alegre. Então era o dorido recordar-se dos seus amigos extintos, dos seus mestres queridos, das alegrias da sua mocidade mortas com eles. Nunca lhe esqueceu, nessas horas, Lima Leitão, o tradutor de Virgílio, e Milton, e Lucrécio, o lente da escola médica de Lisboa, que morrera desamparado após mui longos paroxismos de fome. Chorava, e vociferava contra a ingratitude da pátria, que deixava perecer entre mãos de ignóbeis inimigos o mais culto, e laborioso, e desajudado escritor. Pode ser que a muita amizade de Sinval ao seu mestre lhe falseasse as cores do prisma por onde Lima Leitão devia ser examinado. Como quer que fosse, Câmara Sinval desvariava imprecando, e fazia-se respeitar, chorando sobre o infausto fim do sábio, que o leitor, a esta hora, esqueceu já.

«Meus tristes olhos!
Por invencível sufusão tapados!»

Exclamava, uma vez, o meu amigo, com doloroso enlevo, após o recolhimento dalguns minutos.

– Que é? – exclamei.

– É um verso de Milton, no cântico *Ao sol*, traduzido pelo meu chorado mestre Lima Leitão. Ouça!

E repetiu três vezes o hemistíquio, e o verso com a face lavada em lágrimas. Que belo coração! Que seio tão de ouro para guardar a memória santa dos amigos infelizes!

Os mais ocupados e jubilosos dias dos seus últimos seis anos foram certamente os que empregou na composição dos seus sermões. Trabalhava com amor, compulsava os livros das suas incessantes saudades, imaginava-se entre os seus congregados de S. Filipe Néri, remoçava, repovoava o seu mundo dos dezoito anos, sentia-se reviver no

ambiente puro dos parcimoniosos gozos de quem suspirava pelo cubículo conventual, com uma estante fradesca, e a paz e o desprendimento do mundo, e o silêncio dos dormitórios, e a fonte da claustro, e a prática ilustradora dos anciãos, que o haviam bem-fadado para as glórias da cadeira evangélica. No último andar do hotel inglês da rua do Calvário, residência de Câmara Sinval, presenciei eu muitas dessas horas jubilosas, e muitas também das tristes. Ali foi que ele compôs os seus sermões, e na sonora sala, que lhe servia de antecâmara, os declamava, intermeando a recitação de memórias jocosas ou instrutivas que lhe confluíam a propósito da palavra imprópria, da figura desconveniente, da obscuridade metafísica. Era prazer e lição, de fora parte a honra que o versado orador me dava, admitindo-me ao concurso das raras pessoas a quem ele, com infantil docilidade, submetia os seus discursos.

Observei que Sinval, proferido o sermão, e recolhido do púlpito à sacristia, sentia uma espécie de sobreexcitação de júbilo. Apertava estremecidamente ao peito os seus amigos, ria-se-lhe o semblante, a dicacidade em torrentes de magníficas imagens não o extenuava por largo espaço. Via-se Luz naquela brunida fronte, e à roda dele uma atmosfera iriada como a sentem e respiram as pessoas felizes da felicidade da inteligência, sem mistura dos sobressaltos que seguem a felicidade transitória. Fazia-me então mais pena; porque para homens assim os áditos dos conventos nunca deveram fechar-se; que a boa fortuna de espíritos daquela têmpera ficou esmagada no limiar do frontal do templo. A vocação de alma, o pendor, a inclinação de Câmara Sinval era o púlpito. O magistério das ciências médicas fora a necessidade, a violência. Se nem aí os créditos e a glória lhe foram esquivos, é porque o seu talento era para tudo; em todas as empresas havia de sair-se com honra; porém, de coração e vontade ia tão-somente para os estudos saudosos da sua mocidade: nutriria então esperanças que já não podia consumir com a realidade de outras.

Aqui vinha de molde a biografia de José Gregório Lopes da Câmara Sinval. Não sei senão os relevos principais de sua vida. Ouvei dizer que da casa de S. Filipe Neri passara para bordo de uma nau, onde encetara a carreira da Marinha, como aspirante, e daqui, reagindo à violência que lhe faziam, optara pela carreira de cirurgia na escola antiga de Lisboa. Com a reforma das escolas, foi despachado Sinval para a do Porto, e desde logo se equiparou, como lente, aos mais distintos, e, como letrado, avantajou-se aos principais. Adquiriu certa importância política nas agitações eleitorais da primeira década da restauração da liberdade. Foi coronel do batalhão académico. Os irmãos Passos respeitavam-no, e ponderavam os seus conselhos, tanto mais de receber quanto o desinteresse e desapego de vantagens em melhorias de vida lhe autorizavam a rectidão do juízo.

Desde 1846, Câmara Sinval alheou-se inteiramente da política, e reconcentrou-se naquela triste introversão de homem enganado e desenganado pelos homens. Foi então, porventura, que renasceram já tardiamente as aspirações oratórias dos seus anos verdes.

No penúltimo ano de sua vida, Câmara Sinval disse-me que ia a Lisboa a despedir-se das suas antigas amizades, se alguma existisse ainda com vida ou com memória. Não sei que toque de morte lhe amarelecia o aspecto naquele dia! Como que haviam rodado quinze anos pesados de dores sobre o pescoço alquebrado do homem, que se inclinava à sepultura! Perguntei-lhe de que sofria: disse-me que era o coração o receptáculo de veneno que o havia de matar.

Voltou de Lisboa, após breve ausência. Perguntei-lhe se encontrara os amigos da mocidade.

– Uns mortos, outros velhos de inspirarem maior compaixão que os mortos, outros desgraçados para fazerem maior dor que os mortos e que os velhos. Não me pude ver em Lisboa. Aquelas ruínas é que me abriram os olhos. Eu nunca devia ter lá ido

Morreria cedo se não fugisse.

E, com os olhos marejados de lágrimas, falou-me de homens, de mulheres, de gente que ele deixara vinte anos antes, nos jardins olorosos da vida, e encontrara, vinte anos depois, sentada ao pórtico glacial da eternidade, a tiritar de frio e medo com os olhos cravados na escuridade de além-túmulo.

Quando o ânimo se entra de semelhantes melancolias, a ave negra dos agouros da morte avoejou por sobre os tectos do homem que sofre. A vida está no fim. Os amigos que no-la douraram já têm passado. As imagens memorativas da nossa infância são corpos acurvados, olhos sem luz, lábios sem risos, línguas sem calor do coração, cabeças desmemoriadas, velhos que balanceiam à espera da última nortada que os tombe. Em redor destes simulacros, que nos apontam muda e acerbamente o passado, ondeia um ar acre e nauseativo de cadáveres. Ai daqueles que a essa hora ainda têm coração para se lembrarem do moço jovial que viveu naquele velho que está chorando! Ai daqueles que não se esqueceram, porque os supremos desgraçados são esses!

E Câmara Sinval desde a sua volta de Lisboa, transfigurou-se. As intercadências de contentamento nunca mais volveram. O amor às glórias do púlpito já lhe não achou coração para o alvoroço. As músicas sagradas, e convidativas das almas entusiastas, compungiam-no. Revelou o perigo de sua doença, e o presságio do breve termo com o mutismo extraordinário. Apertava a mão do amigo, e dizia: «Isto vai acabar.. A mim me disse poucos dias antes de sua morte: «Já mal sinto o bater do coração.»

Câmara Sinval viu amigos fiéis em volta do seu leito de agonia. Morreu pobre: se morresse rico seria ociosidade dizer eu que os amigos lhe receberam o último alento. Todas as demonstrações de sincero cristão solenizaram as suas derradeiras horas. Fez disposições de quem pode apenas dispor do que é imortal, e fica sempre memorando aos legatários o coração do amigo. Deixou alguns manuscritos, e muitos rasgaria ao avizinhar-se a morte. Esses seriam, a meu ver, os mais preciosos para a sua história, que a tivera complicada de dissabores, os quais não podem ser lembrados nesta página, nem já agora o serão jamais. Fechou-se com a memória deles no seu valo de terra sem nome, sem data, sem cobertura que lhe tolha coar-se à mortalha húmida um raio do calor deste mundo.

Dorme o teu sono infinito, urna quebrada, donde se vaporou o aroma, que querias, toda a vida, consagrar ao Senhor. Debaixo dos olhos do Sumo-Bem, debes ter encontrado as almas queridas que te bafejaram o coração na infância, os mestres que amavas tanto, e que para as alegrias santas do serviço de Deus te ganharam o grande alento! Passaste, homem de bem, alma esclarecida, coração ardente do divino amor. Nem todos os teus vestígios se apagaram. Aqui deixaste um livro, que te será testemunho da bênção com que a liberalidade do Omnipotente multiplicou os teus talentos.

Porto, Outubro de 1864.

INÁCIO PIZARRO DE MORAIS SARMENTO

O sr. Inácio Pizarro de Moraes Sarmiento madrugou nas incruentas lides literárias, terçou armas até ao meio-dia da sua glória, e à hora de sesta já tinha abandonado o campo, onde ombreara com os mais destros lidadores.

Caso estranho!

Se os guarda-supras da alfândega de Minerva, a ralé das letras em Portugal, resistem à irrisão, teimam, porfiam, embirram em escrever até se fazerem despachar escritvães da mesa grande, poetas épicos, historiógrafos, e repúblicos de polpa; se estes escalrachos, digo, não deixam a brecha, até os apanhar a morte, vingadora do senso comum – pergunto eu: como pode ser que um escritor de laureado renome, querido dos doutos, e acariciado dos meramente curiosos de literatura amena, se recolha com metade de seus louros a uma quase obscuridade, e deixe fenecer a outra metade, em mãos dos admiradores, que esperam iguais ou melhores obras do auspicioso engenho?

A resposta é óbvia. O sr. Inácio Pizarro, a meu juízo, foi-se, nas boas horas, do vestíbulo do templo para se não andar acotovelando com os flibusteiros de francesias, gentio gafado de toda a peste de estrangeirismo, praga que choveu há trinta anos em Portugal, e que ainda agora, às vezes, rebenta dos pântanos dos prelos, onde a novela francesa é espremida até exsudar todos os miasmas.

Inácio Pizarro estreou-se escritor, quando já tinha enceleirado farta colheita de notícias e linguagem, ceifadas no fertilíssimo torrão dos escritores pátrios.

A vocação do poeta e romancista inclinava-o a poetar e romantizar a história. Bem que a sua primeira educação literária corresse em Lisboa, no colégio dos Nobres, Pizarro, retirado à sua casa de Bóveda nos primeiros anos da mocidade, aí foi que, porventura, se refez de resignação, e logo de gosto, para esmiuçar crónicas, e explorar aqueles ricos veios não somente de história, mas também de muita filosofia, que se não tira a limpo sem lapidar com o esmeril da paciência a bruteza primitiva de jóias de muita estima.

Cuido que os primeiros escritos do sr. Pizarro apareceram no *Panorama* em 1838, e na *Revista literária* do Porto do mesmo ano. *Meste Gil* é o título do romance publicado naquele primeiro periódico, e reproduzido no Rio de Janeiro. O artigo da Revista do Porto, intitula-se «Memórias do dia 28 de Dezembro de 1838». Não consegui haver à mão este escrito.

Meste Gil é um bom modelo de romances históricos. Compreende os factos essenciais do reinado de D. João II, sujeito que o sr. Pizarro detesta cordialmente, e eu também. Ali se descrevem verdadeiros e magníficos de terror os homicídios dos duques de Viseu e Bragança. O ilustre escritor, vezado a esgaravatar na história, supriu no desenho do carácter moral do filho de Afonso V as lacunas que o vilão temor dos cronistas nunca ousou encher. Os historiadores de Luís XI, coevo de João II, deram fiel conta do déspota francês. Os do Luís XI de Portugal denominaram-no à maneira de Garcia de Resende: «místico em todas as coisas... e de alto e mui ardido coração».

Se estes estimados escritos não foram os primeiros do extenso catálogo do sr. Inácio Pizarro, certo avultaram para lhe revelar o nome e a consideração dos literatos encartados.

Seguiram-se os dramas que tiveram grande voga, e sugeriram debates mais ou menos facciosos na imprensa de Lisboa, nomeadamente o *Lopo de Figueiredo*. Foi notável a alteração de dois jornais de 1839, o *Correio* e o *Director*. Francisco Adolfo de Varnhagen, moço de vinte anos, e sedento de glória, com armas débeis para conquistá-la, agrediu, mais apaixonado que douto, o drama de Inácio Pizarro, exposto às

provas públicas, e galardoado de aplausos. Saiu o autor em defesa do seu escrito, e tão acesa afinal correu a refrega, que já não houve o terminar-se, sem entrarem armas neste certame literário. O certo é que Francisco Adolfo de Varnhagen, algum tanto desairado no fecho da pendência, fez-se de vela para o Rio de Janeiro, sua pátria, e lá, mais enriquecido de saber e mais discretamente aconselhado no exercício de sua ciência, vingou altear-se a posição de créditos literários, que já agora podem emparelhar com os mais prestadios de Portugal. Se a consciência de Inácio Pizarro houvesse de molestar-se da catástrofe literária, que ocasionou ao seu contendor da mocidade, o sucesso daquela aventura deve hoje redundar-lhe em muito contentamento.

Os dramas do sr. Inácio Pizarro denominam-se:

Lopo de Figueiredo, ou a corte de D. João II;

Diogo Tinoco; e

Henriqueta ou o Proscrito.

Os dois primeiros são históricos, e fielmente acostados às crónicas. A linguagem é correcta, vigorosa, meã entre o classicismo dos historiógrafos e as locuções audaciosas ou românticas daquele tempo. Falam os personagens uma linguagem, a um tempo nobre e ajustada à inteligência popular. Louvemos o selecto escritor por se não haver desmandado em demasias de arcaísmos com que os dramaturgos contemporâneos, sob capa de restauradores da língua, torciam e retorciam o pensamento à cata dumas certas palavras com que as plateias se ficavam pasmadas e os lexicógrafos confusos.

O drama *Henriqueta ou o Proscrito* tem duas preciosas condições, então raras, e hoje inteiramente esquecidas: uma é ser em verso hendecassílabo, a outra é guardar em rigor as três unidades, preceito contra o qual já Garrett se havia levantado com grandes louvores daquela falange de iconoclastas dos ídolos de Racine e Corneille.

A meu ver, o meu prezado amigo Inácio Pizarro não quis, com o seu drama, lavrar protesto contra os reformadores, nem dar amparo às pobres unidades foragidas às vaías das turbas. O que S. Ex^a quis e vingou foi escrever um drama consoante a arte antiga, e demonstrar que, sem desvenerar os mestres velhos, conseguia arrancar aplausos à gente nova. E, de feito, a *Henriqueta* obteve no Porto repetidos triunfos.

Em 1841 saiu dos prelos do *Panorama o Romanceiro português, ou colecção de Romances da história portuguesa.*

Este foi e devia ser o livro dilecto do sr. Inácio Pizarro tanto quanto o foi do público. Nenhum livro, em língua pátria e de coisas nossas, foi ainda lido com tanto amor. A dama da corte e de corte, a dama descuriosa de cortes e obscura no seu solar provinciano, a filha do português calça-de-couro à qual toda leitura de verso e prosa romanescas era defendida, todas leram, todas decoraram, e todas choraram pelas heroínas infelizes das mimosíssimas e pungitivas trovas do seu poeta querido. E creio até que muitas o amaram por amor dos versos e por amor daquele gentil retrato do autor que vem à frente do primeiro volume.

Por causa do sentido romance denominado *Duarte de Almeida* andei eu por entre aquelas penedias do castelo de Aguiar; e, com os olhos postos na imaginária ponte levadiça, era então o marejarem-se-me de lágrimas, recordando o alferes da bandeira decepado na batalha do Toro, quando, esquecido de que havia perdido as mãos na defesa da sua bandeira, queria tocar a sineta do castelo, e chorava, e dizia ao pagem:

Fernão Teles, nem sequer

Posso tocar este Sino!

Nada já posso fazer!

Ai de mim! cruel destino!

Eu chorava, e já tinha quinze anos naquele tempo! Parece-me que tive coração com lágrimas até muito tarde.

Neste volume, convidam a reparo as trovas intituladas *Fr. Luís de Sousa*. O que em mim suscita o reparo é ter o *Fr. Luís de Sousa* de Almeida Garrett aparecido três anos depois. Quem houvesse lido as oitavas do sr. Pizarro, enfloradas com as peregrinas frases do cronista de S. Domingos, na relação dos trágicos amores de Manuel de Sousa e Madalena de Vilhena, sentiria para logo a sublimidade dramática do sucesso: e, se o leitor tivesse em si o *ecce Deus* de Garrett, faria ressaltar do poemeto do sr. Pizarro a formosa tragédia para a qual nunca se hão-de esgotar elogios nem lágrimas.

A parte segunda do *Romanceiro* veio a lume quatro anos depois, e manteve os créditos da primeira. Esta longa interpolação dará a entender que o sr. Pizarro é tardio e moroso na composição. Errada conjectura. O autor do romanceiro, se conseguia vencer os hábitos da inércia, ou outros incentivos que o levavam para longe do seu gabinete, tantos anos saudoso dele, escrevia com admirável facilidade e presteza, sem dar mais lima ao verso do que o fazia à prosa. Seja-me testemunha o *Martim Afonso de Lucena*, romance final do 2.º volume. Tem sessenta páginas. A propósito deste poema, diz o escritor:

«Estava acabada de imprimir a segunda parte do *Romanceiro*, e era minguido em tudo esse trabalho que havia feito. O meu estimável amigo, que se havia encarregado dessa penosa tarefa, escreveu-me dizendo-me que era necessário um romance mais, que enchesse algumas folhas de impressão, marcando-me oito dias úteis para o fazer! Forçado pela necessidade de satisfazer seu justo desejo, compus o *Martim Afonso de Lucena*, sem ter, ao menos, tempo de corrigi-lo! Aí vai tal qual o coração o inspirou.» E muito do coração gemem as trovas deste magnífico poema, que, enquanto a mim, cede a primazia somente ao *Pagem de D. Dinis*.

São dois peregrinos livros, que têm vida para dilatados anos. Muito há que se não encontram nas livrarias, e não sei a que atribuir tamanha delonga na reimpressão de obra tão popular.

Em 1846, saíram da estampa dois voluminhos de um romance denominado *O Enjeitado*. Recordo-me de ser trazida à imprensa a questão da prioridade do título em competência com outro romance de Eugénio Sue também chamado *Martin, o Enjeitado*. O sr. Pizarro demonstrou exuberantemente que não tinha para que fazer seu o título do romance francês, que ainda então não viera inquietar os ânimos cativos da literatura mercantil do *Judeu Errante*.

É o romance do sr. Pizarro um escrito repassado de tristes verdades, e digamo-lo assim, acidulado das lágrimas que tiram da alma dorida os infelizes saídos das entranhas maternas para a desdita do desamparo, para o regaço de espinhos e víboras que a sociedade oferece ao enjeitado, se lá no íntimo do réprobo sem culpa chora a dor do abandono. Este romance teve a efémera vida de todos os romances; todavia, se a pureza da dicção fosse mérito a conservar-se, o livro do sr. Pizarro deveria ainda agora ser posto em exemplo diante dos cerzidores de farraparias que escrevem e urdem costumes tão portugueses como a linguagem com que os tecem.

O *Cântaro de água* é outro lindíssimo romance, enredado com desteridade, cativando a curiosidade ao passo que se desenvolve. Penso que não foi concluído este belo trabalho entre histórico e fantástico. Alguns capítulos vi no *Pirata*, periódico literário do Porto, e não me recordo de ter visto os últimos, se foram impressos.

No mesmo jornal foi agradavelmente lida uma comédia do fértil escritor, chamada *A Filha do Sapateiro*. Não me ocorre pontualmente a intenção daquele escrito. Entrelembro-me da graça portuguesa com que se travavam os diálogos e peripécias.

Escreveu um opúsculo político o sr. Inácio Pizarro, concernente aos sucessos da

insurreição popular de 1846. Intitula-se *Memorandum de Chaves*. É uma honrosa e incontestada manifestação da influência circumspecta que S. Ex^a exerceu naquela parte da província, e um desagravo cavalheiresco de insinuações malévolas que sob capa se lhe fizeram na junta governativa de Trás-os-Montes. O *Memorandum* é livro que deve emparelhar-se com a sessão parlamentar em que o sr. Inácio Pizarro, deputado em 1837-1838, impugnou e evitou a emissão do papel-moeda com que João de Oliveira, depois conde do Tojal, quisera brindar o país. Feito honrosíssimo, e não imitado, praticou naquele tempo o sr. Inácio Pizarro, então moço de trinta anos, demitindo-se do parlamento, e depondo no estrado do trono a procuração dos povos, ao ver que era só e ineficaz para pôr peito aos desvarios do governo. E nunca mais aceitou mandato ao parlamento.

Declinando já a mais literário assunto, visto

que me propus meramente bosquejar bibliograficamente o sr. Inácio Pizarro, é tempo de lembrar que o eminente escritor pode, sem temor de ser contraditado, irrogar-se a primazia do folhetim *humorístico*, segundo a frase aforada, em Portugal. Foi para muita gente coisa ignorada quem fosse o autor duns graciosos folhetins impressos na *Revolução de Setembro* de 1841, intitulados *Cenas da história contemporânea*. Inácio Pizarro fez seu o segredo, que irritava a curiosidade, e valia gabos e renome ao misterioso folhetinista. Os folhetins de Cunha Souto Maior, modelados por aqueles, apareceram sete anos depois, e desde então é que, mais ou menos, nos demos todos ao *humor*, e tanto fizemos que tornámos as leitoras e leitores de mau humor connosco.

Eis aqui, em resumo e de fugida, conforme a estreiteza do periódico ma impõe, a notícia dum óptimo talento, o qual, para tudo possuir louvável, anda consigo mesmo em competência de modéstia. Muito incompleto seria este esboço, se eu não indicasse os livros do sr. Inácio Pizarro de Moraes Sarmiento. Eu disse pouquíssimo, porque eles dizem tudo.

Releve-se-me não ter declarado que o sr. Inácio Pizarro é fidalgo cavaleiro da casa de S. M. F., comendador de Santa Marinha de Lisboa, de Cristo, de Isabel a Católica, penso eu, morgado de Bobeda, sobrinho do general visconde daquele título, e descendente do celebrado Pizarro, conquistador do Peru. Omiti estes aparatos estimáveis, porque tinha dito que o sr. Inácio Pizarro era o AUTOR DO ROMANCEIRO PORTUGUÊS. A árvore da fidalga estirpe por pouco se ia escondendo entre os nobilíssimos e nobilitantes livros de S. Ex^a.

Obra digitalizada e revista por Deolinda Rodrigues Cabrera a partir da edição de 1867. Actualizou-se a grafia.

© Projecto Vercial, 2000

<http://www.ipn.pt/literatura>
